



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE -UERN
PRÓ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS- GRADUAÇÃO-PROPEG
CAMPUS AVANÇADO PROFA. “MARIA ELISA DE A. MAIA – CAMEAM
Departamento de Letras Vernáculas - DLV
Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS
UNIDADE DE PAU DOS FERROS

CLAUDIVÂNIA FERREIRA DE QUEIROZ OLIVEIRA

**A CRÍTICA SOCIAL NA ESCOLA NOS VERSOS DE CORDELISTAS
SEVERIANENSES**

PAU DOS FERROS
2019

CLAUDIVÂNIA FERREIRA DE QUEIROZ OLIVEIRA

**A CRÍTICA SOCIAL NA ESCOLA NOS VERSOS DE CORDELISTAS
SEVERIANENSES**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado Profa. “Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM, Unidade de Pau dos Ferros, para obtenção do título de Mestra em Letras, na área de Concentração “Linguagens e Letramento” e Linha de Pesquisa “Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes”.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio

PAU DOS FERROS
2019

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

O48c Oliveira, Claudivania Ferreira de Queiroz
 A CRÍTICA SOCIAL NA ESCOLA NOS VERSOS DE
 CORDELISTAS SEVERIANENSES. / Claudivania Ferreira
 de Queiroz Oliveira. - PAU DOS FERROS, 2019.
 141p.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa
Sampaio.

Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado
Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Crítica social. 2. Cultura local. 3. Cordelistas. 4.
Literatura. 5. Gênero literário. I. Sampaio, Maria Lúcia
Pessoa. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

A dissertação “**A crítica social na escola nos versos de cordelistas severianenses**” foi submetida à Banca Examinadora, constituída pelo PROFLETRAS/Pau dos Ferros/UERN, como requisito final necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Dissertação defendida e aprovada em: _/_/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
(Presidente)

Profa. Dra. Lílían de Oliveira Rodrigues
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
(Examinadora Interna)

Profa. Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa
Universidade Federal Rural do Semiárido - UFRSA
(Examinadora externa)

Profa. Dra. Crígina Cibelle Pereira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
(Suplente interna)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao meu pai: *Manoel Leite de Queiroz*, meu herói da vida real.

Sendo a palavra um símbolo mágico, especialmente quando é escrita e/ou proferida por intermédio de um artesão, é capaz de produzir, no leitor, um sentimento de profunda admiração e emoção. Como meu ser está envolto neste pensamento desde muito cedo, não consigo imaginar o mundo sem os encantos da literatura. “A arte da palavra”, como bem denominam inúmeros estudiosos, não é privilégio apenas de letrados, meu pai que o diga! Acredito ter sido ele um dos responsáveis pelo meu gosto para com a literatura; disso, ele não sabe e talvez jamais compreenda, visto ter estudado apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental e estar prestes a chegar aos 90 anos. Sempre ouvi com curiosidade e entusiasmo os “causos” do tempo em que ele era rapaz, na década de 1950, quando, em suas andanças em busca de trabalho, conheceu lugares no interior de São Paulo e conviveu com baianos, pernambucanos, mineiros e até japoneses. Mesmo sem a intenção de ser pesquisador, sempre foi observador e atento a tudo que via e ouvia e isso o levou a guardar consigo, até hoje, além de repassar para as pessoas próximas, o modo de viver daqueles com quem ele conviveu no Sudeste, suas tradições e culturas.

Dessa forma, a literatura oral era marcante presença no dia a dia do trabalho na lavoura que, segundo meu pai, era realizado ao ritmo de versos, canções e histórias de antepassados. Essas lembranças e conhecimento adquirido por ele são rememorados até os dias atuais, neste sentido, percebemos a sensibilidade literária repassada e o quanto devemos valorizar essa riqueza cultural. Com isso, percebemos um dos encantamentos da literatura, o fato de poder ser presença e transformação, tanto na vida do sujeito alfabetizado quanto do não alfabetizado.

Eis um grande legado, meu pai!!

AGRADECIMENTOS

Ciente de que ninguém vence sozinho, inicio agradecendo a Deus, pois sem a sua permissão e direcionamento eu não alcançaria tão significativa vitória, tampouco teria ao meu lado as pessoas certas, nos momentos certos;

Aos meus familiares, especialmente aos meus pais e meus irmãos, pelo amor, incentivo e apoio incondicional;

Ao meu esposo, Cláudio, por ser tão presente em minha vida. Sempre ao meu lado, apoiando-me no trabalho, nos estudos e contribuindo, de muitas maneiras, para a realização do meu/nosso sonho;

À minha amada e doce filha, Catarina Akiane, fonte de inspiração para superarmos as peripécias inevitáveis. És a minha fortaleza, a minha luz!;

À minha orientadora (mãe acadêmica), professora Doutora Maria Lúcia Pessoa Sampaio, pela paciência, dedicação e sentido prático na condução dos encaminhamentos dados, durante esta dissertação. Agradeço imensamente pelas correções, sempre pontuais, e pela valorização da minha produção;

Desejo igualmente agradecer a esta universidade, corpo docente, direção, coordenação do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e secretaria do curso pelo empenho, confiança e ética dispensados para uma ampla formação dos alunos;

Aos professores do mestrado, pelos conhecimentos compartilhados;

Às professoras componentes das bancas de qualificação e defesa por aceitarem o convite e pelas valiosas contribuições;

Aos colegas da turma do mestrado pelo companheirismo, troca de experiências e coletividade;

Ao professor, alunos e poetas locais participantes da pesquisa, todos foram imprescindíveis para a realização deste estudo;

Gostaria de agradecer o apoio das instituições educacionais nas quais trabalho. Minha eterna gratidão à gestão da Escola Municipal José Neri de Oliveira, professores e demais profissionais da escola. Da mesma forma, agradeço pela valiosa contribuição da gestão e dos colegas de trabalho da Escola Estadual Cristóvão Colombo de Queiroz;

Agradeço imensamente ao secretário de educação do município de Doutor Severiano pela colaboração para a concretização exitosa desta dissertação;

A todos que neste período estiveram presentes de alguma forma, seja com palavras de incentivo ou na ausência de palavras, visto que alguns “silêncios” também serviram de estímulos para que buscássemos uma força interior, até então, desconhecida.

OBRIGADA!

ABSTRACT

This is a research - action, of qualitative character and is inserted in the literary field; seeks to bring local literature and cordelist art closer to the critical reading practices to be developed by the students, thus considering how important social criticism is in the texts of local poets. In these perspectives, we choose to work with texts that elicit the greatness of the string from facts, situations, outstanding themes, be they of the past or current of the Severian community. For that, texts were selected from: Eridan Santos, Gentil Alves and Deca, both cordelistas who contributed and contribute to keep alive the cordelística memory of the municipality. Thus, we performed an intervention using the basic sequence of Cosson (2016), developed in a ninth grade class of José Neri de Oliveira Municipal School, Doctor Severiano - RN. The general objective it is to analyze the social criticism present in themes approached through verses of local cordelistas, considering the relevance of this study to social and literary issues. The data collection instruments employed were: questionnaire, field notes and student productions. Participant observation contributed to the profile of our student as a reader and his level of knowledge about the string, as well as to an advance in understanding the social criticism present in the string. As main theoretical contributions to the methodology, we adopted Cosson's studies in "Literary Literature: theory and practice" (2016). In the course of the chapters there are records of the assumptions of Antonio Candido (2000, 2011), Aguiar and Martha (2006), Galvão (2006), Silva (2009), Thiollent (1986), Pinheiro e Marinho (2012), Vannucchi (1999), among others. In addition to awakening to the social critique present in cords, this research may contribute to make the students more committed to the act of reading, contributing, still, to the bibliographic production in the area investigated.

KEYWORDS: Social criticism. Literature of twine. Critical reader. Local culture.

RESUMO

Esta é uma pesquisa-ação, de caráter qualitativo inserida no campo literário, em que buscamos aproximar a literatura local e a arte cordelista, das práticas de leitura crítica a serem desenvolvidas pelos alunos, considerando, pois, quão importante é a crítica social marcante nos textos de poetas locais. Nesta perspectiva, optamos por trabalhar com textos que suscitam a grandeza do cordel a partir de fatos, situações, temáticas marcantes, sejam do passado ou atuais da comunidade severianense. Para tanto, foram selecionados textos de Eridan Santos, Gentil Alves e Deca, todos cordelistas que contribuíram e contribuem para manter viva a memória cordelística do município. Assim, realizamos uma intervenção, utilizando a sequência básica de Cosson (2016), desenvolvida em uma turma de 9º ano da Escola Municipal “José Neri de Oliveira”, Doutor Severiano - RN. O objetivo geral do nosso trabalho de pesquisa é analisar a crítica social presente em temáticas abordadas por meio de versos de cordelistas locais, considerando a pertinência desse estudo para as questões sociais e literárias. Os instrumentos de coleta de dados empregados foram: questionário, notas de campo e produções dos alunos. A observação participante contribuiu para traçarmos o perfil do nosso aluno enquanto leitor, e seu nível de conhecimento acerca do cordel, bem como para um avanço na compreensão da crítica social presente nos cordéis. Como principais aportes teóricos para a metodologia, adotamos os estudos de Cosson (2016), Candido (2000, 2011) Aguiar e Martha (2006), Galvão (2006), Silva (2009), Thiollent (1986), Pinheiro e Marinho (2012), Vannucchi (1999), dentre outros. Assim, além de despertar para a crítica social presente em cordéis, esta pesquisa poderá contribuir para tornar os alunos mais comprometidos com o ato de ler, contribuindo, ainda, para a produção bibliográfica na área ora investigada.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica social. Literatura de cordel. Leitor crítico. Cultura local.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Auto de Santa Luzia na festividade religiosa	51
Figura 2	Festa junina	52
Figura 3	Amostra cultural na Praça Adelaide Abrantes (Doutor Severiano)	53
Figura 4	Sanfoneiros convidados	53
Figura 5	Grupo de capoeira do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil)	54
Figura 6	Peça teatral com alunos	54
Figura 7	Grupo de dança (Educação Infantil)	54
Figura 8	Grupo de Balé	54
Figura 9	Banda de música com estudantes do município	54
Figura 10	Emboladores Mirins	54
Figura 11	Grupo Maneiro Pau	55
Figura 12	Sanfoneiros Geraldo e Jackson	56
Figura 13	Produções artísticas de Eridan	56
Figura 14	Produções artísticas de Cláudio	57
Figura 15	Produções artísticas de Kareline	57
Figura 16	Produções artísticas de Angelina	58
Figura 17	Repentista Antônio Nunes de França	59
Figura 18	Cenário do piquenique com poesia	76
Figura 19	Evento de abertura	80
Figura 20	Atividades realizadas por alunos	87
Figura 21	Texto 1, do aluno F. P. Q.	110
Figura 22	Texto 2, da aluna L. J. O.	113
Figura 23	Texto 3, do aluno R. S. P.	115
Figura 24	Texto 4, da aluna M. E. S.	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Realização de oficinas de cordéis com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental	69
----------	--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Moradores da zona urbana e rural	88
Gráfico 2	Sobre a importância da atividade de leitura	88
Gráfico 3	Textos que mais gostam de ler nas aulas de Língua Portuguesa	89
Gráfico 4	Sobre compreensão do texto literário	90
Gráfico 5	Sobre a leitura de cordéis	91
Gráfico 6	Maiores dificuldades encontradas com relação à leitura dos cordéis	91
Gráfico 7	A leitura e compreensão do cordel e contributos	92
Gráfico 8	Conhecimento de cordelista nacional ou local	93

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	LITERATURA COMO MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA DAS PALAVRAS.....	18
2.1	O CORDEL NA SALA DE AULA: RIQUEZA CULTURAL.....	20
2.1.1	Cordelistas brasileiros: figuras marcantes.....	22
2.1.2	Cordelistas severianenses: alguns representantes.....	24
2.2	O QUE É LEITURA CRÍTICA? COMO ACONTECE?.....	29
2.2.1	Alguns dos gêneros literários que apresentam crítica social.....	33
2.3	CULTURA LOCAL E IMPLICAÇÕES DESSE CONCEITO.....	48
2.3.1	Cultura local: traços da nossa identidade.....	50
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	61
3.1	A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	61
3.2	PROBLEMÁTICA: O GÊNERO CORDEL NA SALA DE AULA.....	63
3.3	PRETENSÕES DA PESQUISA: O PRAZER AO CONHECER E OUVIR CORDÉIS DE PESSOAS DO LUGAR.....	63
3.4	O CENÁRIO DA PESQUISA: ESCOLA PÚBLICA SEVERIANENSE.....	64
3.5	OS SUJEITOS DA INTERVENÇÃO: LEITORES CRÍTICOS EM CONSTRUÇÃO.....	65
3.6	SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i> : PRODUÇÕES LITERÁRIAS DE POETAS SEVERIANENSES.....	66
4	A INTERVENÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	69
4.2	DESCRIÇÃO DAS OFICINAS.....	74
4.2.1	Primeira oficina: aproximando cordelistas e possíveis leitores.....	80
4.2.2	Segunda oficina: conexão entre poetas, obras e leitores.....	81
4.2.3	Terceira oficina: formando repertório de leitura de cordel.....	82
4.2.4	Quarta oficina: um cordel e sua crítica	83
4.3	RESULTADOS DA PESQUISA: ANÁLISE DOS DADOS.....	87
4.3.1	Perfil dos alunos com base no questionário.....	87
4.3.2	Análise de cordéis sob a ótica da professora-pesquisadora.....	94
4.3.3	Análise de cordéis sob a ótica dos alunos.....	107
4.3.4	Dos cordéis de poetas locais às produções dos alunos: correlações possíveis	123
5	CONCLUSÃO.....	125

REFERÊNCIAS.....	129
-------------------------	------------

1 INTRODUÇÃO

Conscientes da necessidade e importância de práticas leitoras que aproximem o educando e a literatura de cordel é preciso reconhecer e combatermos os entraves que dificultam esse exercício, uma vez que metodologias seculares continuam sendo entraves para o desenvolvimento de um saber literário mais amplo e condizente com o contexto escolar atual. Neste sentido, emerge a necessidade de desenvolver este estudo na área de Linguagens e Letramento, apresentando uma proposta que estimule, no aluno, a percepção das relações dialógicas existentes entre a literatura de cordel e o ensino de Língua Portuguesa na escola. As dificuldades continuam a ser de primeira ordem como: falta de material, formação profissional e, até mesmo, o não conhecimento do gênero literário.

A literatura de cordel é tratada de forma bastante limitada em nossas escolas, especialmente quando atentamos para as metodologias, geralmente aplicadas para tal estudo. Essas metodologias parecem não promover o prazer pela arte literária, mas o estudo mecânico do jogo de palavras e dos sons, do estereótipo de personagens, da supervalorização de conteúdo, são o que mais vemos no estudo da literatura de cordel. Contudo, esses métodos de ensino não são suficientes para um ensino-aprendizagem de qualidade.

Realizar, então, uma pesquisa que alavanque o olhar para a crítica social nos versos de cordelistas severianenses, significa primar pela sabedoria popular literária; reconhecer a capacidade criadora dos poetas locais; atentar para os aspectos em evidência nas suas obras, de modo que nossos alunos internalizem tudo isso, e percebam que prazer e literatura, não podem ser dissociados, especialmente quando, num estudo dessa natureza, consideramos nossas raízes, percepções locais e sentimentos individuais e coletivos.

Com esse olhar voltado para a o estudo da literatura de cordel, essa pesquisa nos permite aprofundar nos estudos literários que, desde a Graduação em Letras, passando pela Especialização em Literatura e Estudos Culturais, nos fizeram entender a literatura como uma arte e um direito do ser humano. Para chegarmos a esse entendimento, somos conscientes de que é necessário estudo e gosto pela leitura. Nosso pensamento vai ao encontro das palavras de Pinheiro (2008, p.56): “Provenientes, em sua maioria, das camadas inferiores da população, os alunos do ensino público, dos dias atuais, em geral, não reconhecem seu direito à arte, no recinto de suas famílias e de sua comunidade, dadas as condições econômicas e socioculturais destas.” Essa é uma realidade muito percebida nas nossas salas de aula, pois enquanto professora de língua Portuguesa, nas séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, bem como professora de Ensino da Arte no Ensino Médio, nos deparamos, constantemente, com situações

de desvalorização e desprezo pelas obras literárias, por parte de muitos alunos. Em relação ao Ensino da Arte, não é diferente, visto vivermos em uma região onde a cultura e a situação econômica não favorecem que tenhamos uma relação de proximidade com as artes de modo geral. Assim, fica realmente bem difícil levar arte e cultura para comunidades e famílias imersas na precariedade, mas é preciso reconhecer que muito dessa resistência dos nossos alunos, parafraseando Pereira (2008, p.56), advém da ideia enraizada na mente deles de que o direito à literatura e aos bens culturais deve ser reservado aos bem nascidos, aos dotados de conhecimento, ou seja, um pensamento preconcebido, carregado de preconceito.

Nesse sentido, o intuito de todo professor que almeja fomentar o gosto pela arte literária, contribuindo para a formação do leitor proficiente, é mostrar o quanto o acesso a esse saber pode estar ao alcance de todos. Os resultados da avaliação do SAEB (BRASIL, 2012) mostram que a maioria dos alunos brasileiros avaliados é capaz de lidar com informações explícitas ou implícitas em um texto; fazer conexões nos limites do texto; reconhecer a finalidade de um texto. Entretanto, esses mesmos alunos só são capazes de usar tais competências apenas em textos simples. Assim, além de não envolver, nem fazer o aluno compreender, priva-o de buscar um sentido amplo que requer a retomada de conhecimento de mundo; estudo contextualizado; proficiência leitora e a sensibilidade necessária para analisar as inúmeras possibilidades de compreensão oferecidas por essa forma textual. É preciso também analisar nossa postura enquanto educadores, pois só conquistaremos o nosso aluno, para a leitura do texto literário, se adotarmos metodologias, verdadeiramente, significativas. A esse respeito Pereira (2008) adverte que, muitos professores de Língua Portuguesa, buscam demonstrar uma certa autoridade com relação à interpretação correta dos textos literários, fato equivocado, uma vez que é necessário contar com a participação dos leitores para tal descoberta.

Se sabemos que o aluno constrói os significados, atribui sentido ao texto, devemos orientá-lo e investir nessa capacidade criadora, estimulando-o a pesquisar e descobrir o vasto conhecimento a sua volta. Os alunos ainda têm uma grande dificuldade em compreender a linguagem literária, especialmente no tocante à função social, uma vez que a estética ainda é, em muitos casos, a única percebida. Contudo, é necessário buscar meios para solucionar tal problema, tomando como base o seguinte questionamento que vem sendo, durante alguns anos, fonte da nossa inquietação: De que maneira podemos despertar o gosto do aluno pelo texto literário poema de cordel, sendo esse capaz de compreender e interpretar a linguagem literária, considerando a perspectiva do autor, contexto e situação de produção?

A partir desse questionamento norteador, delineamos como objetivo geral dessa pesquisa; analisar a crítica social presente em temáticas abordadas por meio de versos de

cordelistas locais, considerando a pertinência desse estudo para as questões sociais e literárias. Para atingir esse objetivo maior, elaboramos quatro objetivos específicos: (re) conhecer a produção local de poetas severianenses; entender o nível de conhecimento interpretativo dos alunos, com relação ao poema; identificar os contextos e situações de produção dos versos estudados e entender o caráter crítico-social presentes nos cordéis trabalhados em sala.

Nesta perspectiva, lançamos um olhar especial para os versos de cordelistas locais, pois além de ser um gênero textual significativo, contempla exatamente o que pretendemos abordar. Como declara Pinheiro (2012, p. 88): “podemos apontar no cordel uma acentuação do caráter de denúncia de injustiças sociais que há séculos estão presentes em nossa sociedade.” Neste sentido, compreendemos que o texto poético não deve ser tratado apenas pelo adorno ou diversão, mas existe algo inegável, o teor informativo. É preciso fomentar a presença e o trabalho sistematizado desse gênero na sala de aula.

Assim, pensamos ser indispensável a aplicação de um questionário para os alunos, com o propósito de investigar se eles têm familiaridade com o cordel, qual o nível de compreensão e/ou dificuldade diante desse gênero e, com essa sondagem, aplicar a parte prática do nosso trabalho, em que optamos por trabalhar com oficinas e sequência básica, otimizando, pois, a concretização das nossas proposições.

Desse modo, por meio do reconhecimento da cultura local, da poesia produzida por pessoas da comunidade, estamos promovendo o nível cultural dos nossos alunos, incentivando nossos escritores atuais e futuros escritores, além de garantir maior apreço e compreensão com relação ao texto literário. Nosso interesse está de acordo com as colocações de Pereira (2008, p. 61-62):

[...] a cultura lúdica, a literatura, a música, o teatro, o cinema, as manifestações artísticas da cultura popular, notadamente a arte que se utiliza da palavra, têm sido destacados como objetos que, além de causarem prazer, estimulam o intelecto e a inteligência, o pensamento racional e as emoções, atuando também como elementos da sensibilidade e modificadores de consciência.

A partir dessa cultura lúdica, através de leituras, discussões, interpretações sejam por meio da linguagem verbal escrita e/ou oral, seja utilizando o desenho/imagem representativa dos textos trabalhados, queremos modificar a consciência do aluno, sem necessariamente, forçá-lo a produzir textos literários. Conhecer, gostar e compreender devem estar em primeiro plano, já no caso de o aluno assumir o papel de escritor/produtor dessa arte dependerá das suas descobertas e escolhas futuras.

Pensando nessa temática do estudo do cordel na sala de aula, buscamos alguns trabalhos de dissertações que apresentam semelhanças com o nosso trabalho, de modo que compreendemos o estado da arte como uma necessidade relevante para pensarmos a nossa pesquisa:

(i) “Identidades e representação do nordeste na literatura de cordel” (SILVA, 2008), discute como é representado o homem nordestino, considerando a análise das práticas discursivas a partir do cordel, tendo em vista, também, as vozes e (inter) discursos que os constituem;

(ii) “Literatura de cordel: um fazer popular a caminho da sala de aula” (SILVA, 2007) aponta que o trabalho com os cordéis permite que professor e alunos se voltem para a cultura popular e reflitam sobre seus princípios, realidade e sua identidade;

(iii) “O social no cordel: uma análise discursiva” (D’OLIVO, 2010) apresenta uma pergunta base: Como o social é significado na materialidade discursiva do cordel?;

(iv) “A literatura de cordel em sala de aula: uma proposta pedagógica para a construção de um sujeito crítico” (ALVES, 2010) traz uma concepção de que o cordel é uma forma de representação de uma realidade social que deve ser abordada de forma direta e crítica.

Dados esses trabalhos, achamos relevante nos respaldar teoricamente, no sentido de amparar nossas ideias defendidas e ponto de vista ao longo da pesquisa, a partir dos estudos de Aguiar e Martha (2006), que apresentam o poema como uma construção social; Bordini (1993) traz aspectos relevantes acerca do leitor, leitura e o papel da escola no ensino da literatura; Cândido (1988; 2000) trata do sujeito e sua inserção no contexto social e cultural; defende uma visão de literatura como sendo humanizadora e transformadora; Cosson (2016), a partir do letramento literário, apresenta estratégias de como o professor pode trabalhar o texto literário em um estudo sequenciado e sistematizado, por meio de oficinas; Colomer (2007) traz uma reflexão sobre o espaço da literatura na sala de aula, considerando a relação livros/professor e alunos; Pinheiro & Marinho (2012) trazem o desafio de se trabalhar com o cordel na sala de aula; Galvão (2002; 2006), apresenta como ocorre a aproximação e o contato dos leitores/ouvintes com o cordel; Jouve (2012) traz a literatura participante na formação da consciência humana; Paulino e Cosson (2004) tratam do papel da escola no ensino da literatura, suas propostas e recursos metodológicos; Leffa (1996) trata do processo de construção de sentido da leitura; Vannucchi (1999), evidencia a cultura brasileira e existência humana, a partir do aspecto cultural; Silva (2009), deixa claro o valor da criticidade no ato da leitura; Thiollent (1986) sobre a pesquisa-ação; Oliveira (2007) sobre a pesquisa qualitativa; Bogdan & Biklen (1994) tratam sobre a pesquisa qualitativa; Goldenberg (2004) que trata da pesquisa qualitativa

em ciências sociais; Gil (2010) como elaborar projetos de pesquisa, além de outros estudiosos que trazem contribuições acerca da temática em estudo.

Seguindo esse raciocínio, este trabalho de dissertação está didaticamente organizado da seguinte maneira: temos a introdução, nosso primeiro capítulo, em que buscamos explicitar quão carregada de simbologia é a palavra, a exemplo disso, tratamos de como se dá a sutileza da literatura em nossa vida, em nosso meio, expondo nossos objetivos geral e específicos, além de apresentar o estado da arte, considerando, *a priori*, os principais teóricos pesquisados/estudados. Ainda na introdução, fazemos a descrição das partes constitutivas deste trabalho. O segundo capítulo é a parte teórica que reconhece a literatura como manifestação artística da palavra, tendo como subitens: classificação e conceitos de textos literários; letramento literário; literatura de cordel na sala de aula; cordelistas brasileiros e cordelistas severianenses. Ainda mais, o terceiro capítulo trata dos aspectos metodológicos da pesquisa e enfatizando a pesquisa qualitativa, evidenciando os métodos de pesquisa, a problemática, o cenário da intervenção e os sujeitos da intervenção. Em seguida, o quarto capítulo, é dedicado à intervenção e à análise dos dados e segue como: objeto de análise: descrição das oficinas; ação interventiva; descrição da proposta; resultados da pesquisa: análise dos dados; questionário aplicado com alunos; análise de cordéis trabalhados, considerando a visão da professora pesquisadora e análise de produções dos alunos. Culminamos o capítulo fazendo a correlação entre os textos dos poetas e as produções dos alunos. Finalmente, chegamos ao quinto e último capítulo, a conclusão, em que fazemos um apanhado de todo o percurso realizado, visando os aspectos positivos e negativos, bem como avaliando acerca da contribuição desta dissertação para os estudos literários e, logo após, temos as referências e anexos.

2 LITERATURA COMO MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA DAS PALAVRAS

É sabido que a palavra é o principal objeto da literatura, ou seja, a matéria prima, capaz de tornar essa arte algo vivo e transformador na vida dos sujeitos e dos lugares nos quais ela está presente. Sabemos ainda, que as palavras postas em um texto não literário produzem um efeito, significando algo diferente e adquirindo proporções inimagináveis. Assim, é justo dizer que a palavra escrita tem muito poder, porém, para alcançar esse patamar, para utilizar a palavra poderosamente, é necessário ter muita habilidade e domínio linguístico, além de ser alguém dotado de subjetividade.

Tornar a vida mais bela, aflorar a sensibilidade, aguçar a criticidade, apresentar culturas e tradições antigas e atuais, dentre outras coisas, são atributos pontuais da literatura na sua diversidade textual, seja escrita ou oral. Tudo isso toma forma, a partir da destreza do autor para com as palavras que, através de um cordel ou outro gênero, transmite beleza, sensibilidade, criticidade e informação. Nosso pensamento vai de acordo com a afirmação de Zinani *apud* Paulino e Cosson (2004, p. 65):

O texto literário veicula uma modalidade de conhecimento particular que não se assemelha ao saber produzido pela ciência. Sendo, ao mesmo tempo, representação e análise, a literatura possibilita o resgate da realidade. Essa modalidade de texto, por sua natureza, possibilita a crítica e a contradição através de uma linguagem não-linear, isto é, distinta da linguagem comum.

Como vemos, o texto literário está absorto de particularidades, de afinidades com a literatura, através de uma linguagem especial, peculiar da referida arte. O texto literário é a arte da palavra cheia de magia, com características próprias que encanta o leitor e cabe a ele se apropriar desses elementos. É pela linguagem que a literatura se faz verdade e/ou ilusão, depende do modo de olhar de cada um que a contempla. Reforçamos as colocações postas, até então, acerca da linguagem, com a seguinte afirmação:

A literatura, precisamente, é um dos instrumentos humanos que melhor ensina “a se perceber” que há mais do que o que se diz explicitamente. Qualquer texto tem vazios e zonas de sombra, mas no texto literário a elipse e a confusão foram organizadas deliberadamente. Como quem aprende a andar pela selva notando as pistas e sinais que lhe permitirão sobreviver, aprender a ler literatura dá oportunidade de se sensibilizar os indícios da linguagem, de converter-se em alguém que não permanece à mercê do discurso alheio [...]. (COLOMER, 2007, p. 70)

De fato, esses recursos que a linguagem literária nos permite perceber são responsáveis pela gama de riquezas que chegam ao leitor pelo texto literário e o tornam mais completo. O leitor precisa estar aberto para os sinais e pistas dados pelo texto, mas a falta de compreensão, causada pela falta de um trabalho mais sistemático com o texto literário em sala de aula, merece uma reflexão. A leitura superficial do texto literário é um entrave para que os indivíduos não obtenham o conhecimento necessário acerca dessa área e continuem a vê-la como um Passatempo, leitura deleite. Por isso, se faz necessário repensarmos sobre o nosso trabalho com a linguagem, especialmente, a literária, pois ela está a nossa volta, no nosso cotidiano, não apenas nos livros, nem esporadicamente na sala de aula (noção que muitos sujeitos leitores e/ou não leitores têm).

Quando pensamos na cultura local, é uma forma de dizermos que não precisamos ir longe para alcançarmos proficiência e compreensão com relação ao texto literário, seja o cordel ou outro gênero. Para uma comunidade ter essa iniciativa, sem a intervenção da entidade escolar, fica bem mais difícil, mas a escola precisa levar mais ao conhecimento do alunado tudo o que deve ser rememorado para a preservação cultural e, a partir disso, apreender conhecimentos passados, comparando-os com os atuais, construindo algo mais sólido e significativo. Assim, o trabalho com o texto literário não é uma tarefa simples, em que passamos informações ao alunos, como se eles tivessem apenas aptos e receptivos para captar conhecimento. Precisamos conscientizá-los de que a literatura nos tira do caos, gerado pela falta de conhecimento, e que ela é capaz de nos libertar da escravidão, responsável por aprisionar a mente desinformada. Por tudo isso, concordamos com Colomer (2007, p. 31) quando enfatiza:

[...] o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissoluvelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem.

É importante percebermos essa contribuição da educação literária, sem excluir seu simbolismo, em sua complexidade de sentidos e linguagem metafórica, visto ser por meio desses recursos, que entramos em contato com uma linguagem complexa, porém completa. Compreender o texto literário e sua linguagem, considerando contextos e épocas diferentes, contribui para entendermos as transformações ocorridas em todos os aspectos. Zinani *apud* Paulino e Cosson (2004, p. 67) reiteram: “[...] a obra literária é uma realização da linguagem e opera no nível simbólico”. Assim, a literatura dá vida ao texto através da linguagem,

oportunizando ao leitor o deleite da leitura, afinando ainda mais a relação com o mundo literário, uma vez que é capaz de formar o cidadão para atuar, democraticamente, no meio social.

2.1 O CORDEL NA SALA DE AULA: RIQUEZA CULTURAL

Ao apresentarmos a literatura como uma manifestação artística das palavras e conscientizar os alunos da importância e necessidade de conhecer e estudar a produção local, nada mais apropriado do que promover a apreciação da nossa literatura de cordel. Sabemos o quanto essa arte foi alvo de preconceito por ter sido considerada, por tanto tempo, como “literatura menor”. Parece contraditório quando reivindicamos um espaço de destaque para a literatura de cordel na sala de aula hoje, pois com a sobreposição da formação técnica e científica sobre a humanista, as manifestações das expressões culturais foram perdendo espaço nas escolas, gerando discussões, pois a partir da humanização podemos formar cidadãos mais críticos e atuantes, inclusive preparados para os estudos técnicos e científicos.

Contudo, timidamente, o texto literário vem ganhando espaço na sala de aula, mas nem sempre, da maneira mais adequada, pois como declaram Marinho e Pinheiro (2012, p. 12):

Todo leitor ou ouvinte de literatura de folhetos aprendeu a apreciar esse gênero a partir de narrativas de aventura, de proezas, de pelejas, de notícias cheias de invenções, de brincadeiras, da folia da bicharada, dos ABCs, de abordagens bem-humoradas de diferentes temas e situações. Ninguém aprende a gostar de folhetos decorando regras sobre métricas e rimas. Mesmo os que aprenderam a ler com os folhetos, foram primeiro tocados pela fantasia das narrativas, pelo humor de situações descritas, enfim, pelo viés da gratuidade e não pelo pragmatismo de suas informações.

Não faz sentido transformarmos os encantos do cordel em didatização para estudo de conteúdo referente a qualquer disciplina ou teoria sobre a arte cordelística. Esse viés de gratuidade foi e sempre será primordial, atuando com a catártica, **aproximando** qualquer leitor do cordel, primando pela beleza, subjetividade e prazer proporcionados. No entanto, isso não impede que o cordel seja visto com criticidade, com olhar reflexivo, pois os recursos empregados indicam o quanto os versos, em suas linhas e entrelinhas, podem sugerir. Com isso, Marinho e Pinheiro (2012), deixam claro que o objetivo de levar os folhetos para a sala de aula não é o de formar poetas, mas leitores. Com o tempo, o amadurecimento das ideias e experiências, poderão surgir os poetas, mas se não surgirem, pelo menos leitores de poesia não faltarão.

Assim, o trabalho com poesia em sala de aula, voltado para o prazer da leitura, compreensão e interpretação, sem o pretexto de explorar conteúdos, oferece oportunidade de o aluno descobrir o mundo poético que o cerca, explorando uma série de conhecimentos, a partir do momento em que ele conhece a história literária da sua comunidade, suas tradições, costumes, crenças, valores e transformações ao longo dos anos. A poesia permite esse passeio e o faz de modo encantador e tão sutil que é necessário leitores ávidos para atingirem a compreensão mais apropriada. Candido (2011), também defende a ideia de que as manifestações ficcionais de cada sociedade devem ser conhecidas e estudadas, pois elas criam essas manifestações poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, sentimentos, normas, fortalecendo em cada um a presença e atuação deles, a partir do momento em que constatamos como eles viveram e como vivem. A literatura, sozinha, nos faz refletir sobre nosso lugar no mundo, por isso, a necessidade de refletir sobre a sua presença na escola, seja através da produção local ou não.

O fato de o cordel possuir uma escrita muito próxima da oralidade, pois fazem parte da tradição oral, indica um diferencial que chama a atenção de leitores e ouvintes, de modo que a literatura popular encanta pela aproximação com o público. Esse fator deve ser aproveitado, suprimindo a marginalização dos cordéis orais e de seus produtores, pois devemos apresentar para os alunos as particularidades de um fazer literário popular, rico em diversidade e conhecimentos, que vão além da falta de escolaridade de muitos artistas dessa área. Assim, é indispensável aproximar os alunos dos cordelistas locais, promovendo o reconhecimento e valorização do que é nosso. Para Marinho (2012, p. 12):

Acreditamos que a literatura de cordel ou de folhetos deve ter um espaço na escola, nos níveis fundamental e médio, levando em conta as especificidades desse tipo de produção artística. Considerá-la apenas como uma ferramenta que pode contribuir com a assimilação de conteúdos disseminados nas mais variadas disciplinas (história, geografia, matemática, língua portuguesa) não nos parece uma atitude que contribua para a construção de uma significativa experiência de leitura de folhetos.

Como observamos, proporcionar uma experiência com a literatura de cordel tem um grande significado, pois oportuniza uma alfabetização mais completa e funciona como um poderoso veículo de incentivo à leitura. Um trabalho com a literatura de cordel em sala de aula, voltado para a interpretação do texto, a partir da leitura sem pressa e sem cobrança, leva os alunos a, não apenas conhecer os diversos cordelistas locais e nacionais, mas observar o mundo sob outro ângulo, tornando a aprendizagem mais dinâmica no espaço da sala de aula.

2.1.1 Cordelistas brasileiros: figuras marcantes

A Literatura de Cordel representa uma das maiores riquezas da cultura no Brasil e já ultrapassou um século de existência; vinda dos países ibéricos, abarca uma variedade temática e sua repercussão, ao longo dos tempos, contribuiu e contribui para a formação de leitores, como também para pesquisas acadêmicas. Sobre essa arte, declarou Galvão (2006, p. 30):

[...] o que parece sensato afirmar é que é inegável a influência do cordel português na constituição da literatura de folhetos brasileira. Essa fonte foi, evidentemente, associada a outras influências, como formas de poesia oral, ao hábito de se transmitir o patrimônio cultural através de histórias, aos pregões e a outros modos de oralidade comuns em uma sociedade, como a do Brasil colonial e imperial, com baixos índices de letramento.

No Brasil, a poesia oral, cordelista tem a região nordeste como o seu celeiro representativo. Os locais onde ela tem grande destaque são os estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Pará, Rio Grande do Norte e Ceará, adquirindo força no século XIX, sobretudo, entre 1930 e 1960. Muitos escritores consagrados foram influenciados por este estilo, dos quais se destacam: João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna, Guimarães Rosa, dentre outros. Como são inúmeros os representantes do gênero cordel no Brasil, selecionamos alguns nomes: (i) o paraibano Leandro Gomes de Barros; pioneiro na publicação de folhetos rimados, é autor de uma obra vastíssima, da mais alta qualidade, o que lhe confere, sem exageros, o título de poeta maior da Literatura de Cordel. Nascido em Pombal-PB, em 19 de novembro de 1865, faleceu no Recife-PE, em 04 de março de 1918 (em 2018 foi lembrado pelo centenário de sua morte), deixando um legado cerca de mil folhetos escritos, embora centro cultural algum registre tal façanha. Foi, porém, o maior editor, antes de João Martins de Athayde, que o sucedeu. O vigoroso programa editorial de Leandro levou a Literatura de cordel às mais distantes regiões, graças ao projeto de redistribuição através dos chamados agentes. De acordo com a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), o vigoroso programa editorial de Barros levou a literatura de cordel às mais distantes regiões.

Conhecido por viajar pelo sertão para divulgar e vender seus poemas, o paraibano figura entre os grandes cordelistas do País referendados pela ABLC. Destacou-se como autor de romances e folhetos memoráveis, reunindo temas e gêneros que foram dispersos e reunidos numa única e monumental obra, apontando caminhos e definindo tendências seguidas até hoje.

Leandro Gomes era também um homem sensível às mazelas sociais e, em seu tempo, foi poeta satírico e crítico de costumes, sem se prender a algemas doutrinárias ou sectarismo de qualquer espécie. Reiteramos tudo isso a partir da declaração de Pinheiro (2012, p. 149):

[...] é reconhecido como o nome de maior expressão na literatura de folhetos. Abordou temas os mais diversos, destacando-se pelo caráter satírico que conferiu a muitos de seus poemas. O poeta destacou-se também na criação de tipos, como Cancão de Fogo, e pelo modo como retomou o ciclo carolíngio na literatura de cordel. Sua obra influenciou escritores como Ariano Suassuna, que partiu de episódios de folhetos como O dinheiro (O testamento do cachorro) e O cavalo que defecava dinheiro para elaborar sua obra mais conhecida, O auto da compadecida.

Com todo esse prestígio adquirido dentro da literatura de cordel, são inúmeros os seguidores de Leandro Gomes de Barros, dentre eles: (i) João Martins de Athayde, paraibano, nascido em 1887 e falecido em 1918 em Pernambuco. Comprou em 1921 os direitos da obra de Leandro Gomes de Barros e passou a ser um grande editor de folhetos; (ii) João Antônio de Barros nasceu em 1935 em Pernambuco e faleceu em São Paulo em 2009. Catou, escreveu e ilustrou capas de folhetos de vários poetas, também migrantes; (iii) Antônio de Araújo Lucena nasceu em 1931 em Cajazeiras - PB e faleceu em Campina Grande em 2005. Além de poeta, foi xilogravurista e aprendeu a fazer versos de cordel frequentando feiras da região; (iv) Patativa do Assaré, nome artístico de Antônio Gonçalves da Silva; nascido em 1909 em Assaré - CE e falecido em 2002, publicando sua obra, praticamente, toda em livros, como muitos contemporâneos seus. O poeta sabia de memória praticamente toda sua poesia, semianalfabeto, primava pela oralidade e construía seus versos pela elaboração mental; (v) Klévisson Viana, nasceu em 1972, em Quixeramobim – CE, como um dos grandes nomes da atual geração. Artista que transita por vários gêneros da poesia popular, já publicou centenas de títulos de sua autoria e mais de quatrocentas obras de outros autores.

Além desses poetas, muitos são os nomes que deram vida à poesia popular no Brasil, especialmente na região Nordeste, e novos artistas continuam surgindo e mantendo firme a presença do cordel no novo cenário brasileiro, onde os consumidores de cordel não são apenas as camadas humildes da população rural ou urbana, como o fora nas décadas de 1930 e 1940, segundo Galvão (2006). Esse significativo avanço da literatura de cordel, antes restrita ao universo familiar e a grupos sociais colocados à margem da sociedade, vem ultrapassando fronteiras e ocupando espaços, outrora reservados aos escritores e homens de letras.

2.1.2 Cordelistas severianenses: alguns representantes

A cidade de Doutor Severiano se configura como cenário convidativo para a criação poética, dentre outros motivos, pela sua natureza chamativa, de serras e montes, transmitindo paz e inspiração para os poetas. Um dos mais lembrados foi Gentil Alves (*in memoriam*), que tantos versos produziu, a partir das belezas naturais do lugar, do seu povo acolhedor e amigo, da vida simples do homem do campo, do cotidiano, dos acontecimentos diários até os problemas sociais. Gentil Alves da Silva nasceu aos 22 de maio de 1929 no sítio Brabo, pertencente ao município de Pau dos Ferros - RN e aos 10 anos de idade mudou-se para o município de Doutor Severiano, na época, Mundo Novo, onde viveu até o seu falecimento, aos 24 de novembro de 1994. Filho de agricultor, Gentil teve uma vida simples; devoto religioso, atuou 18 anos como sacristão - a convite do pároco local - prestando muitos serviços religiosos à comunidade. Casou-se com Inês Jácome da Silva e tiveram 13 filhos. Em 1954 assumiu o cargo de tabelião e escrivão do cartório único do município, documentando muitos casamentos, registros de nascimento, dentre outros serviços, durante 36 anos, o que contribuiu para que toda a comunidade urbana e rural do município o conhecesse e respeitasse pelo seu trabalho sério e honesto. Além disso, o poeta Gentil Alves foi seresteiro durante muito tempo, cantando, inclusive, próximo às janelas de moças, a pedido de algum cavalheiro apaixonado. Essas declarações de amor também foram inspiradoras para as declamações de versos, geralmente improvisadas e oralizadas, pois ele via poesia em tudo a sua volta, daí o improviso e os versos afluíam nos mais distintos ambientes e oportunidades. Recitava glosas e motes em casamentos, aniversários, bares, conversas nas calçadas, enfim, em qualquer ocasião. “Não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho”, Hoje eu encontrei chorando quem ri de mim no passado”, “A poesia é divina inspiração do poeta”, “O crepúsculo do campo é tão bonito que Jesus se debruça pra olhar”, “Na janela dos anos o tempo diz vou correr não espero por ninguém”, “Quando a lua se esconde o sertão chora e o poeta se enche de saudade”, “O tempo leva e não traz a juventude da gente”, “Com este custo de vida pobre não pode viver”, “Quem quiser saber de tudo vá pro bar do Juvenal”, estes, dentre tantos outros cordéis, são patrimônios deixados por Gentil. Embora tenha escrito e cantado versos sobre amor e saudade, outros muitos dedicados à natureza local, denunciou, intencionalmente ou não, problemas sociais bem marcantes para o povo humilde de Doutor Severiano, nas décadas de 1960, 1970 e que vêm perdurando até os dias atuais, os seguintes versos evidenciam isso:

O café encareceu
Um preço sem fundamento

Foi causa assim de momento
 Que a gente nem percebeu
 Cabra pobre como eu
 Precisa compreender
 Ver se acha o que comer
 Que precisa na guarida
 Com este custo de vida
 Pobre não pode viver.
 O pobre homem roceiro
 De tomar perdeu a fé
 Conversa com a mulher
 Antes de o dia amanhecer
 Diz Maria vamos ver
 Se aqui não falta comida
 Com este custo de vida
 Pobre não pode viver.
 Por trinta a carne de gado
 Por vinte a de criação
 O arroz o macarrão
 Tudo num preço estourado
 Quem vive de alugado
 E capaz de enlouquecer
 Sem saber o que fazer
 Pra não faltar a comida
 Com este custo de vida
 Pobre não pode viver.

(GENTIL ALVES, s/d)

Como podemos observar, a crítica social é marcante no trecho do cordel “Com este custo de vida pobre não pode viver”. O poeta, descendente de uma família humilde da comunidade, filho de agricultor, sabia exatamente como era a vida de todo pobre da sua época, desde menino até a vida adulta. Ele descreve, nos versos, a saga de todos aqueles que viviam no limite da miséria e do descaso gerado pelo descontrole da economia. Assim, o cordel pode manter o aluno em contato com a literatura produzida por poetas locais, despertando o gosto, a criticidade e o aprimoramento da leitura, a partir da ludicidade e facilidade de compreensão permitida pela estrutura dos versos.

Assim, tal qual o pai, Deca Jácome (Deca de Gentil) escreveu e continua a escrever versos e com temáticas bem semelhantes às do pai, porém não costuma oralizar muito suas produções, preferindo a escrita. Versos de sete sílabas (setilha) são escritos por Deca com certo rigor formal e linguagem simples. José Jácome Neto nasceu aos 13 de Maio de 1951 em Doutor Severiano – RN, filho de Inês Jácome da Silva e Gentil Alves da Silva. Assim como Gentil Alves, Deca não lançou nenhum livro, reunindo vários cordéis em uma coletânea: “Saudade e lembrança”, “Sertão sofredor”, “Não há balança que pese os quilos que um ano tem”, “Família”, “Acontecidos do tempo”, “O patriarca”, “Comportamento de família”, “Coisas do meu sertão”,

“Casa velha de fazenda”, “A paciência e vital”, “A virose do facebook”, “Casa de taipa”, “A seca só faz sofrer o povo do meu sertão” e outros. Pelas temáticas dos seus versos, fica claro o quanto o professor pode explorar aspectos do cotidiano do lugar, bem como alguns dos problemas sociais e até assuntos que circulavam e circulam até hoje no cotidiano dos moradores. Os seguintes versos, do poeta, mostram isso:

Um sertanejo não quer
 Secar as tripas e os ossos
 Sem lamentar diz eu posso
 Buscar lenha no roçado
 Um pau de lenha rachado
 Pra cozinhar meu feijão
 Esta é minha última porção
 Que eu tenho pra comer
 A seca só faz sofrer
 O povo do meu sertão
 Pra viajar vende os troços
 Cadeira prato e colher
 Sair de casa não quer
 Mais precisa trabalhar
 Pois nada pode comprar
 Naquela situação
 Menino pedindo pão
 Mais ninguém que lhe vender
 A seca só faz sofrer
 O povo do meu sertão
 Ele pede a São Francisco
 Que lhe mostre algum lugar
 Onde possa trabalhar
 E não perder sua fé
 Chorando abraça a mulher
 Dizendo não chore não
 A Deus eu peço perdão
 Pelo o que eu vou dizer
 A seca só faz sofrer
 O povo do meu sertão.
 Os açudes todos secos/
 O campo não tem verdura
 Vivendo aquela amargura
 Sofre o trabalhador
 Pois com tão grande calor
 Que fica rachando o chão
 Na cabeça põe a mão
 Pois nada pode fazer
 A seca só faz sofrer
 O povo do meu sertão.

(DECA DE GENTIL, s/d)

Pelos seus versos, o cordelista severianense produziu os versos em um contexto sobre a agricultura, pois o cultivo da terra era a principal atividade; menos exercida atualmente, porém

meio de subsistência relevante na localidade. O modo de viver do sertanejo é descrito com a autoridade de quem conhece de perto essa realidade e a criticidade de um cidadão preocupado com o problema da seca, que assola, especialmente, a vida dos lavradores da terra. Um período de grande estiagem sempre foi e continua sendo motivo de dor e sofrimento como declara o poeta, uma situação que atinge em cheio o pobre sertanejo. As consequências dizem respeito ao descaso político, a negligência por parte do poder público, o descrédito, a miséria e desespero. Eis a poética de Deca, poeta local que muito contribuiu e contribui para a cultura popular.

Outra cordelista que merece destaque é Maria Eridan da Silva Santos, nascida aos 02 de Agosto de 1959 no município de Doutor Severiano – RN. A poetisa tem livro de poesia lançado em 2007, com o tema: *Poesia: Ideias, Expressão e Conhecimento*. Utilizando uma linguagem simples em forma de quartetos, sextilhas, oitavas e em versos de dez sílabas poéticas, escreveu poesias que, segundo Santos (2007), oportunizam ao leitor aguçar seu senso crítico, visto trazerem temáticas diversas, compreendendo algumas questões sociais, econômicas, humanas, políticas, éticas, morais e religiosas. Pedagoga, com Mestrado em Educação e atualmente cursando Doutorado em Educação, Eridan Santos está sempre em busca do conhecimento, contribuindo para com a educação e cultura de Doutor Severiano, atuando durante muitos anos em escolas do município, levando ao conhecimento da comunidade a sua produção artística, também em telas. Nas produções poéticas, a preocupação e engajamento da escritora com a educação do lugar, bem como na área social, de modo geral, apontam para a sua participação ativa e contribuição enquanto cidadã severianense. Nos seguintes versos, Eridan Santos mostra o quanto os valores familiares devem ser respeitados e preservados, com isso, faz uma crítica ao descaso no seio familiar, aliado às mudanças sociais da vida moderna e não conservação de práticas saudáveis de convivência:

A família está mudando
 Hoje o seu modo de ser,
 Fruto de uma sociedade
 Pode acreditar você,
 Pois essa modernidade
 Faz seus valores perder.
 O vazio hoje é grande
 No seio familiar,
 Falta diálogo e respeito
 Precisamos resgatar,
 Os seus valores morais
 Não deixemos acabar.
 Pais, conversem com seus filhos
 Mostre sua autoridade,
 Filho obedeça seus pais
 Eles sabem de verdade,
 Defender sua família
 Com garra e honestidade.
 Família não é opção
 É uma necessidade,
 No meio familiar
 Tem que ter dignidade,
 Com respeito amor e paz
 Se constitui de verdade.
 (SANTOS, 2007, p. 104)

Em sextilha de quatro estrofes, a poetisa compôs suas rimas com um estilo natural, em tom de diálogo e conselho; fazendo um convite ao leitor, a sociedade de modo geral, e dá destaque aos pais e filhos, no sentido de alertá-los para questões sociais e familiares importantes. Através do cordel, a poetisa mostra a realidade da sociedade brasileira e severianense, pois na cidade pequena, essas questões podem ser observadas facilmente. Além desses versos, o livro tem muitos outros, tratando de diversidades, situações vivenciadas e /ou observadas na comunidade da poetisa e outras mais gerais; seja na crítica ou no humor, são produções que dizem muito sobre nossa identidade.

Nesse sentido, ao trabalhar com poetas locais nas aulas de Língua Portuguesa, ao exaltar a nossa literatura, comungamos com o pensamento de Marinho e Pinheiro (2012, p. 127):

[...] é importante valorizar as experiências locais, descobrir formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor. Certamente há diferentes manifestações da poesia popular nas diferentes regiões. Descobri-las, dar-lhes visibilidade é uma tarefa da maior importância na formação leitora e cultural de nossos alunos.

Como vemos, a valorização das riquezas poéticas regionais, locais devem ter mais visibilidade, pois uma formação cultural consistente só é possível a partir do momento em que esse (re) conhecimento ocorre, tanto por parte da escola, quanto dos estudantes e comunidade.

Quando pensamos na possibilidade do trabalho com o cordel na sala de aula, a partir das produções cordelistas locais, entendemos a importância e a necessidade de cultivarmos a cultura local, a literatura como ensinamento de vida.

2.2 O QUE É LEITURA CRÍTICA? COMO ACONTECE?

Pensar sobre a leitura crítica, especialmente no contexto escolar, é lutar por uma sociedade letrada, não no sentido alfabetizado, que alcança o letramento com a finalidade exclusiva de decodificar sinais gráficos da escrita, mas um letramento que dê garantias, aos sujeitos envolvidos no processo, da sua inserção no campo da compreensão. Só assim, construímos leitores em busca do conhecimento, capazes de analisar, fazer inferências a partir das informações lidas, selecionar, organizar saberes dos mais simples aos mais complexos. Para chegar ao nível da leitura crítica, é preciso se tornar um leitor competente, expressando o gosto e o prazer ao realizar essa atividade sem imposição e/ou obrigação.

Como atividade que antecede à escrita e que vai para além da linguagem verbal, a leitura é um dos meios de o indivíduo manter-se informado e adquirir conhecimentos constantes, em todas as esferas humanas. A leitura é uma atividade social entre sujeitos históricos que interagem de forma crítica e reflexiva, atuando com mais autonomia, observando as coisas implícitas, atribuindo significados e fazendo inferências a partir de qualquer gênero textual. Para alcançar esse elevado grau de leitura, é necessário um amplo processo de aquisição de competências e habilidades adquiridas durante toda a vida.

A leitura, neste sentido, deve ser uma atividade central, permeando a vida do educando desde a infância, pois a leitura crítica requer tempo, preparo, força de vontade e disciplina; não que alguém não seja capaz de conseguir realizar uma leitura crítica apenas depois de adulto, isso é possível, porém uma preparação à longo prazo indica maior qualidade no decorrer do tempo, visto as experiências adquiridas com a prática constante. Wallace; Wray (2011) em estudo sobre leitura crítica, embora direcione tais constatações para alunos universitários, indica direcionamentos possíveis de se aplicar a quaisquer sujeitos, visto a necessidade de todos conhecermos estratégias para obtermos criticidade nas leituras realizadas. No parágrafo de introdução à leitura crítica, os autores dão pistas a serem seguidas pelo leitor, para este obter a devida compreensão da leitura. Wallace (2011) alerta para o fato de que, na realização da leitura, devemos nos despir de preconceitos e julgamentos preestabelecidos, bem como aguçar nossa visão para percebermos os preconceitos, suposições e crenças dos autores lidos, pois tudo isso exerce influência na nossa compreensão acerca do texto. Assim, é preciso que o leitor

crítico precisa ser hábil em compreender os propósitos do escritor do texto lido, isso é fundamental no momento de inferir sobre o assunto abordado.

Seguindo esse raciocínio, Silva (2009), em sua obra *Criticidade e Leitura: Ensaios* enfatiza a questão de não haver como tratar da problemática envolvendo a leitura no Brasil, sem fazer referência a problemas enraizados na estrutura social do País. Não podemos esquecer das desigualdades sociais e corrupção que influem na aquisição de uma educação de qualidade e, conseqüentemente, na formação do leitor crítico. É nesse contexto que a leitura precisa ser concebida como produção de sentido, pois ao leitor, deve caber o título de sujeito ativo, nesse processo. Seu contato com o texto precisa ser interativo e dialógico, sendo entendido como o leitor ideal para atuar em uma sociedade tão multifacetada. Nossas escolas têm a responsabilidade de intervir de forma mais estratégica nessa questão e não permitir que, os cidadãos em formação, sejam conduzidos pelas ideologias dominantes. Para Silva (2009), o leitor crítico, em um país de injustiças como o Brasil, pode ser comparado a um motorista dirigindo à noite, uma vez que exige atenção redobrada, porém permite uma visão apurada e com foco apenas para o que é essencial, com olhos bem abertos, precisos, concentrados, evitando os perigos para não perder a direção.

Assim, é muito comum, atualmente, a perda do foco, devido às situações responsáveis pelos desestímulo das pessoas a buscarem a positividade, enquanto muitos se entregam à negatividade. Ler criticamente é, de fato, conseguir enxergar todos esses acontecimentos no meio social e saber utilizar as estratégias mais propícias e eficientes para driblar, com êxito, tudo isso. Não é tarefa fácil, pois, além da pouca perseverança que se constata entre leitores brasileiros, existem todos os empecilhos já mencionados, barrando esse progresso. Dessa forma, Silva (2009, p. 25) atesta:

[...] a conservação e a reprodução dos esquemas de privilégio dependem, fundamentalmente, da ignorância e do conformismo, aqui tomados como formas de escravização da consciência. Daí que a presença de sujeitos críticos e, por extensão, de leitores críticos seja incômoda, seja tomada como um risco aos detentores do poder. Não é de estranhar, portanto, que características como a docilidade, a ingenuidade e a cordialidade sejam consideradas as grandes virtudes do homem brasileiro – isto tudo para bloquear e controlar o surgimento da contestação e do questionamento sobre a razão de ser das estruturas da dominação.

Efetivamente, não se aplica ao brasileiro, no geral, o título de povo questionador das mazelas a sua volta. O conformismo e as demais características presentes no texto de Ezequiel Teodoro da Silva são as que mais prevalecem. Quando pensamos nisso, vemos que a escola é

o caminho para que o brasileiro consiga mostrar, para as estruturas dominantes, o quanto a conscientização transforma. Além da escola, depende, evidentemente, da vontade de mudar e perseverança de cada sujeito; nessa luta entra, ainda, as famílias e toda a sociedade, unidas nesse ideal.

Pelos caminhos percorridos até então, na nossa discussão acerca da leitura crítica, vemos o quanto esse é um terreno amplo e capaz de suscitar inúmeros aspectos da vida em sociedade. O aluno, no ambiente da sala de aula, se encontra, muitas vezes, apático a essa realidade, muitos deles ainda veem a escola como algo distante da família e da sociedade. Um dos fatores influenciadores de tal problemática diz respeito à promoção da progressão indevida do aluno, pois este vai avançando de nível escolar, com grandes defasagens, contribuindo para a falta de senso crítico. Acostumam-se ainda, com a ideia preconcebida de que ler é algo ligado apenas à escolarização, não conseguindo perceber a função social da leitura, a qual permeia toda a nossa existência. Nesta perspectiva, Silva (2009, p. 33) apresenta ideias que indicam ser a leitura, realizada de forma crítica, o caminho para a transformação social. Declara:

Ler um texto criticamente é raciocinar sobre os referenciais de realidade desse texto, examinando cuidadosa e criteriosamente os seus fundamentos. Trata-se de um trabalho que exige lentes diferentes dos habituais, além de retinas sensibilizadas e dirigidas para a compreensão profunda e abrangente dos fatos sociais. Numa sociedade como a nossa, onde se assiste à barbárie, a presença de leitores críticos é uma necessidade imediata, de modo que os processos de leitura e os processos de ensino da leitura possam estar diretamente vinculados a um projeto de transformação social.

A veracidade contida nos textos, a relação com a realidade, os fundamentos são postos pelo autor como aspectos visíveis para o leitor preparado, que deve ter um foco de visão para cada tipo de texto lido e examinado. Para isso, é fundamental experiência de leitura e uma aguçada leitura de mundo, o que fará o leitor perceber a função social dessa prática. É evidente que não há como um indivíduo ler criticamente sem ter o conhecimento e domínio da leitura de mundo, defendida pelo educador Paulo Freire. Nesse significativo conhecimento adquirido pelo leitor, ele vai estabelecendo relações entre um e outro modo de ler, visto a leitura de mundo preceder a leitura da palavra, como defendeu Paulo Freire (1994). Trata-se de habilidades necessárias ao bom desempenho do leitor, de modo a compreender códigos e sinais escritos ou não, percebendo a dinamicidade da linguagem e as diversas formas de utilização para distintas finalidades. Assim, serão condensadas tanto as leituras proporcionadas pela linguagem como um todo, quanto às leituras feitas a partir das observações, experiências e vivências interpessoais. Para Silva (2009) o leitor crítico lê com total autonomia, textos de qualquer

extensão, identificando alusões e subtendidos, como também, estabelece relações entre o texto lido e a realidade que conhece em suas vivências diárias de cidadão, sendo capaz de emitir juízos críticos sobre o texto lido. É, portanto, um processo gradativo, passando por etapas, o que torna decisivo o papel do educador, no sentido de indicar os caminhos para o aluno. Sobre esse processo, Silva (2009, p. 28) ressalta:

À medida que o leitor avança em sua trajetória, vai aguçando o paladar, tornando-se mais exigente. Nesse estágio, as linhas só não bastam. As entrelinhas, os subtendidos, as alusões, as intertextualizações surgem como desafios, e a leitura converte-se num jogo que requer um jogador atento. Os livros que se estribam apenas no enredo, como as histórias policiais e as narrativas de aventuras, esgotam-se com a primeira leitura. O leitor que deixou de ser iniciante e se converteu num leitor experiente e crítico, descobre, então, que o bom livro é aquele que se pode reler muitas vezes.

Nessas condições, os textos mais fáceis, menos complexos vão dando lugar para os mais complexos, que exigem maior grau de conhecimento do leitor. Isso é progredir na leitura, é procurar não esgotar o sentido do texto/livro lido, mas buscar a cada nova leitura do mesmo texto, novas descobertas. É nesse avançar das leituras realizadas que refletimos acerca das ideias de Ramos *apud* Paulino e Cosson (2004, p. 107):

A leitura busca desvendar o texto indo bem além do que está escrito na página. É uma experiência única, realizada por cada sujeito, através do seu repertório, para assim chegar à outra margem, não a do texto ou a do leitor ao adentrar na obra, mas a terceira, aquela do seu entendimento, criada pela interação entre as vivências do interlocutor com o mundo proposto pelo universo ficcional. Conforme o leitor vai avançando na leitura, vai utilizando novas estratégias sejam dadas pelo professor e/ou pelo aluno, de acordo com sua capacidade e necessidades.

O processo metacognitivo é uma das estratégias fundamentais para chegar à terceira margem do texto, ou seja, alcançar a compreensão. As reflexões de Leffa (1996) indicam que o leitor passa a monitorar sua compreensão no ato da leitura, mas um leitor não crítico, dificilmente, irá fazê-lo, pois encontrará dificuldades na realização do processo de monitoramento. O leitor, durante a realização da leitura, volta-se para si mesmo e concentra-se, não no conteúdo do que está lendo, mas nos processos que conscientemente utiliza para chegar ao conteúdo. Para Leffa (1996, p. 46):

A metacognição envolve, portanto (a) a habilidade para monitorar a própria compreensão (“Estou entendendo muito bem o que o autor está dizendo”, “Esta parte está mais difícil, mas dá para pegar a ideia principal.”) e (b) a habilidade para tomar as medidas adequadas quando a compreensão falha (“Vou ter que reler este parágrafo”, “Essa aí parece ser uma palavra chave no texto e vou ter que ver o significado no glossário”).

Nessa busca de compreensão e avaliação dos processos cognitivos, o sujeito adquire autonomia na leitura, sendo capaz de realizar um exercício amplo de raciocínio, atuando criticamente e reflexivamente; além de ter domínio das leituras que realiza, seguindo estratégias/técnicas adequadas a cada tipo de leitura. A partir do momento que o sujeito leitor compreende os diversos patamares possíveis de alcance pela leitura, torna-se mais fácil o trabalho de mediação do professor, que irá auxiliar, além de motivar os alunos a avançarem de nível de compreensão. Por isso, consideramos que a metodologia adotada para pôr em prática as ações vai fazer toda a diferença. Concordamos, pois, com Zilberman; Silva (1991, p. 114):

As instituições podem ser avaliadas pelo tipo de projeto confiado à leitura, e esta por aquele: uma escola que responde positivamente ao sistema vigente, sem querer alterá-lo, mas tão-somente confirmá-lo e expandi-lo, assume a leitura enquanto reprodução, valorizando a paráfrase do texto lido, duplicando a visão hierarquizada e autoritária da cultura, incentivando a recepção passiva e mecânica, fornecendo interpretações prontas e acabadas. E vice-versa: uma escola aspirante à mudança social espera que a leitura dos textos propostos constitua, antes de tudo, um instrumento de conscientização e libertação dos leitores.

Entendemos que uma pedagogia de leitura eficiente precisa levar em conta a natureza e abrangência do projeto político pedagógico e a prática de ações em prol da transformação das funções comunicacional, social e política dos textos que circulam no meio escolar.

2.2.1- Alguns dos gêneros literários que apresentam crítica social

Estudar gêneros discursivo-textuais, no geral, envolve um campo muito amplo, contemplando inúmeras especificidades. Daremos uma atenção especial, neste subtópico, para os gêneros literários, abordando os conceitos e refletindo acerca dos principais gêneros dessa modalidade. Nosso intuito é situar o gênero cordel, trabalhado na intervenção dessa pesquisa.

É sabido que os gêneros literários podem ser divididos quanto à forma em prosa & verso e os textos dessa categoria são definidos como ficção e/ou não ficção. Dentro da prosa, o romance é considerado o mais importante, além dos contos, crônicas, novelas, cartas, ensaios,

dentre outros, também fazem parte dessa família. Quanto ao texto em verso/poesia têm-se os seguintes gêneros: poesia lírica, poesia dramática e a poesia épica (narrativa). Mas é preciso considerar a amplitude dos gêneros literários e a riqueza contemplada em cada um deles, considerando sua evolução, as mudanças ao longo dos tempos. Uma variedade de novos gêneros foi surgindo, resultantes da modernidade e consequente necessidade de novos escritos; outros passaram por transformações e houve hibridização, resultando em outros textos. Tudo isso para atender à demanda atual da vida moderna e dos novos meios de comunicação e difusão do conhecimento. Enquanto algumas formas surgem, outras acabam caindo no desuso, pois muitos aspectos da experiência humana, das transformações acentuadas no tempo e espaço, geram outras visões acerca dos fatos e acontecimentos. Reforçamos nosso pensamento com a afirmação de Soares (2007, p. 268):

Em cada época de evolução da linguagem literária, o tom é dado por determinados gêneros do discurso, e não só gêneros secundários (literários, publicísticos, científicos) mas também primários (determinados tipos de diálogo oral – de salão, íntimo, de círculo, familiar-cotidiano, sociopolítico, filosófico, etc.). Toda ampliação da linguagem literária à custa das diversas camadas extraliterárias da língua nacional está intimamente ligada à penetração da linguagem literária em todos os gêneros (literários, científicos, publicísticos, de conversação, etc.), em maior ou menor grau, também dos novos procedimentos de gênero de construção do todo discursivo, do seu acabamento, da inclusão do ouvinte ou parceiro, etc., o que acarreta uma reconstrução e uma renovação mais ou menos substancial dos gêneros do discurso.

Para cada período, tons diferentes e gêneros primários e secundários são conectados, ampliando o repertório discursivo. Logo, formas fixas não existem quando se trata dos gêneros em geral, pois eles, atualmente, podem ser bastante mesclados. No tocante à tipologia também ocorre o mesmo. Daí dizer que texto dramático não precisa necessariamente ser escrito em verso, o gênero épico pode ser definido, hoje, como narrativo, havendo, a partir dessa narração, outros desdobramentos, o gênero lírico não trata mais apenas de sentimentos e assim por diante. Como as obras literárias são filiadas a períodos históricos e literários, vem ocorrendo modificações em suas composições, o que pode justificar esse caráter de mobilidade, não permanecendo eternamente com os mesmos perfis da antiguidade. Neste sentido, é pertinente a afirmação de Soares (2007, p.7-8):

A caracterização dos gêneros, tomando por vezes feições normativas, ou apenas descritivas, apresentando-se como regras inflexíveis ou apenas como um conjunto de traços, os quais a obra pode apresentar em sua totalidade ou predominantemente, vem diferenciando-se a cada época. Em defesa de uma universalidade da literatura, muitos teóricos chegam mesmo a considerar o gênero como categoria imutável e a valorizar a obra pela sua obediência a leis fixas de estruturação, pela sua "pureza". Enquanto outros, em nome da liberdade criadora de que deve resultar o trabalho artístico, defendem a mistura dos gêneros, procurando mostrar que cada obra apresenta diferentes combinações de características dos diversos gêneros.

Esses novos contornos atribuídos aos gêneros literários, tem gerado o confronto de ideias entre a conservação do tradicional e universalização, em detrimento da liberdade criadora do trabalho artístico, dividindo opiniões e gerando muitas reflexões para os leitores. De certa forma, é um ponto positivo devido à infinidade de possibilidades de compreensão, utilização e produção textual. Então, entendemos ser necessário o renascimento ou florescimento de novas vertentes dos gêneros clássicos, pois seguir a tendência da modernização é necessário para significar cada vez mais a presença dos gêneros literários na conjuntura atual.

De fato, no que concerne à literatura, os gêneros literários ainda são pouco presentes na escola, de forma que é necessário repensar essa realidade, oportunizando um trabalho mais adequado com o texto literário sem sala de aula. Todo esse esforço na busca de um ensino aprendizagem pelo texto literário requer repensar também a formação dos profissionais da educação, a historicização literária em detrimento do prazer gerado pelo texto literário, o pouco interesse de alunos pela leitura, dentre outros fatores.

Assim, a presença do texto literário na sala de aula pode oportunizar o desenvolvimento de projetos e trabalhos de pesquisa voltados para temáticas nessa área. O aluno precisa sentir a literatura como algo próximo, presente no seu dia a dia e que, mesmo as obras de séculos passados, podem mostrar fatos e apresentam temáticas condizentes com a realidade atual, além de manter um intercâmbio histórico e cultural. Considerando que a presente dissertação trata da crítica social nos cordéis de poetas de uma determinada comunidade e, diante disso, o aluno teve a oportunidade de conhecer os poetas locais, situar e entender os contextos de produção dos versos, vale fazer um breve levantamento de alguns gêneros/obras que trazem críticas sociais, levando em conta temáticas polêmicas na sociedade e presentes na literatura desde sempre.

Começando pelo romance (narrativa em prosa), são muitas as obras que suscitam reflexões, humanização e conscientizam do leitor crítico. O autor nordestino, Graciliano Ramos, além de tratar de problemas do nordeste brasileiro, mostra criticamente a questão das

relações humanas, muito presente em *Vidas Secas*. Lá, temos um cenário de miséria e injustiças sociais, em que o autor denuncia todas as mazelas pelas quais passa o retirante nordestino na luta pela sobrevivência. Deste modo, Dutra (2015) afirma:

Desta forma, os romances desta geração, eram voltados principalmente para as causas sociais, exercendo um papel de denúncia e crítica social. Nessa época, a região da seca nordestina estava muito visada e, por isso, tornou-se um tema bastante corriqueiro nas obras. Por conta desse papel social, alguns especialistas consideram essa fase como “neorrealista”, já que resgata ideais consagrados pelos romances de Machado de Assis, como, por exemplo, o condicionamento do caráter humano pelo meio em que ele vive.

A contribuição da obra para o período, para o contexto histórico e social foi de significativa relevância e, mesmo 81 anos após a publicação da obra, essa crítica ainda é muito forte, levando o leitor a refletir sobre os problemas atuais e perceber o poder da palavra na linguagem literária, que preenche todos os espaços, todos os vazios das entrelinhas e transporta-

nos através dos tempos. São inúmeras outras obras a tratar da existência miserável, especialmente do nordestino. Assim, Raquel de Queiroz, retratou em sua obra *O quinze* a seca de 1915, com base também na condição de escritora nordestina, conhecedora do contexto existencial que se descortinava ao seu lado. A década de 1930 foi marcada por um período de incertezas e instabilidade social, tais conturbações podem ser perceptíveis nas referidas obras, denunciadoras, não somente da problemática da seca, mas também, de relações humanas, exploração no trabalho, o descaso social, o homem sertanejo, o mundo patriarcal, entre outros.

Essa voz social, exercida pelo romancista, poeta, cronista ou qualquer outro escritor; precisa ser compreendida pelo leitor, que utiliza o poder concedido pela leitura crítica. São essas qualidades e utilidades dos gêneros literários que devem permear o pensamento do aluno/leitor da literatura. De acordo com Zinani e Santos In Paulino e Cosson (2004, p. 65):

A literatura também desempenha um papel político por contribuir para a formação do pensamento crítico, servindo de instrumento de reflexão: pode questionar a hegemonia do discurso oficial e o consenso estabelecido pela ideologia dominante. No entanto, essa potencialidade da literatura somente será atualizada se o sujeito desenvolver aquelas habilidades e competências que o tornam um leitor crítico tanto do texto quanto da realidade.

E assumindo esse papel de questionadora da realidade, mesmo pelo viés do romance de ficção, a literatura mantém um vínculo forte com os problemas sociais, realidades e ficções que transformam a visão de mundo do leitor proficiente, ontem e hoje, Recapitulando algumas outras obras, nas quais constam tais situações temos *O cortiço* (Aluísio Azevedo) é lembrado,

tendo como pano de fundo, a sociedade brasileira do final do século XIX, evidenciando questões como: a convivência das pessoas em coletividade, como essas se comportam, como são vistos pela burguesia, os seres marginalizados, o jogo de interesses e muitos outros.

Em *O Ateneu* de Raul Pompéia, encontramos sérias críticas acerca das relações humanas, sexualidade, o poder aquisitivo das pessoas e o sistema educacional é questionado sob vários aspectos. Enquanto isso em *Senhora* de José de Alencar, observamos o casamento por interesse, como forma de ascensão social, a importância do dinheiro para a sociedade burguesa, a sociedade de aparências, enfim situações comuns na sociedade atual. Há romances tratando acerca da desigualdade social, da luta de classes, da traição, da ascensão da mulher na sociedade, dos problemas ambientais, revolução científica, da escravidão e assim por diante. Sejam obras de cânones ou não, todas são literatura, contribuindo, cada uma a seu modo, para o crescimento intelectual e do ser humano como um todo.

Nesta mesma linhagem é possível citar muitas crônicas/cronistas que denunciaram e denunciam as mazelas sociais de forma primorosa. Gênero narrativo, entre o jornalismo e a literatura, a crônica tem relação com a ideia de tempo, registrando fatos do cotidiano, em linguagem literária. De origem contemporânea, a crônica é um texto, geralmente curto, de fácil acesso; mantém uma linguagem simples, dentre outros motivos, por ser também, muito ligada aos fatos e acontecimentos reais e até corriqueiros; a depender do universo íntimo de cada autor, além de humorísticas, existem também as satírico-humorística, políticas, entre outras. É um gênero que oferece ao mesmo tempo o prazer do texto literário e a reflexão acerca da política nacional e internacional, além de outras questões. Como enfatiza Teixeira (2002, p. 9):

A categoria crônica política abrange, assim, aqueles textos onde o tema principal é a política nacional/internacional utilizando, para isto, a ironia e outros recursos retóricos ligados ao humor com o firme propósito de tecer comentários críticos a determinada conjuntura e/ou governo, tomando como ponto-de-partida acontecimentos previamente noticiados pela imprensa.

O que depreendemos desse fragmento, entendemos a crônica como um gênero do nosso cotidiano que, de forma simples e corriqueira, transmite ao leitor a amplitude do texto literário e como ele é completo. Com tom humorístico e/ou irônico e crítico são muitos os cronistas a tratarem, dentre outras categorias, da política em suas crônicas; é o caso de Luís Fernando Veríssimo, Carlos Heitor Cony, Millôr Fernandes, Rubem Braga, Fernando Sabino, Stanislaw Ponte Preta e outros. A crítica social feita com relação à política, aos conflitos sociais, aos acontecimentos cotidianos, de modo geral, estão presentes diariamente nas crônicas que podem ser lidas e/ou visualizadas nos mais diversos meios de comunicação da atualidade; inúmeros

cronistas tradicionais e/ou contemporâneos presenteiam a sociedade com a arte da escrita, por meio desse gênero que forma e transforma a mente humana. Embora muitos textos não literários também apresentem críticas sociais, os literários o fazem de modo especial. Sendo assim, concordamos com Cosson (2016, p. 29) quando declara:

Longe de destruir a magia das obras, a análise literária, quando bem realizada, permite que o leitor compreenda melhor essa magia e a penetre com mais intensidade. O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da arrogância.

Assim, os textos em versos sejam poemas, cordéis e os autos, por exemplo, com suas riquezas composicionais (geralmente em versos, estrofes, métrica, rimas, motes, glosas, elementos verbais e visuais, sonoridade...) aliam a todos esses elementos, uma linguagem bem arquitetada e metaforizada, além de temáticas que, não só tratam de sentimentos e assuntos corriqueiros, mas também podem manter relação com problemáticas sociais. Tudo isso somado ao talento dos grandes poetas, tem o poder de seduzir o leitor e, a partir dessa sedução, prender a sua atenção para os textos; fato imprescindível para haver envolvimento, compreensão e assimilação do todo, de modo mais abrangente.

O poema é um gênero literário com características que o diferenciam, facilmente, dos demais gêneros, embora existam poemas em prosa. Na antiguidade, os gêneros épico, lírico e dramático eram todos considerados poemas e estes apresentavam formas composicionais fixas, o que não é regra na literatura contemporânea. O poeta brasileiro Ferreira Gullar é o grande expoente da poesia engajada (social). Além da qualidade artística, o poeta sempre buscou escrever algo de grande utilidade política e social.

Nesse percurso, Carlos Drummond de Andrade também escreveu muitos poemas críticos, como o livro de poemas: *Rosa do Povo* de 1945, uma das suas mais conhecidas obras e de mais forte teor político. Há poetas e poetisas modernistas como Cora Coralina que tratam de temas do cotidiano, contrariando os princípios adotados por outros modernistas ávidos pela poesia de moldes românticos e parnasianos. Cora Coralina, assim como Adélia Prado, deu vida às temáticas inovadoras a partir do século XX, tornando a poesia mais atuante e significativa. São inúmeros exemplos de poetas/poemas preocupados não apenas com a estética da obra, mas também com a necessidade de informar, de fazer com que o leitor desperte reflexivamente. Com o intuito de fazer boa poesia, atendendo aos aspectos estilísticos, assim como tratar de

questões sociais, em crítica num tom irônico, Ferreira Gullar escreveu “Não há vagas” em 1963. Eis os versos:

O preço do feijão
 não cabe no poema. O preço
 do arroz
 não cabe no poema.
 Não cabem no poema o gás
 a luz o telefone
 a sonegação
 do leite
 da carne
 do açúcar
 do pão

O funcionário público
 não cabe no poema
 com seu salário de fome
 sua vida fechada
 em arquivos.
 Como não cabem no poema
 o operário
 que esmerila seu dia de aço
 e carvão
 nas oficinas escuras

- porque o poema, senhores
 está fechado:
 “não há vagas”

Só cabem no poema
 o homem sem estômago
 a mulher de nuvens
 a fruta sem preço

O poema senhores,
 não fede
 nem cheira

Como podemos observar, o poema retrata a função social da literatura, expressando fielmente a realidade do desemprego, a situação do operário brasileiro e mundial, além dos preços abusivos de produtos essenciais à sobrevivência. Embora não tencionemos fazer uma análise mais aprofundada do poema, é possível perceber a crítica social feita, desde o título, tão enfático ao afirmar, com o verbo no tempo presente, que não há vagas. O poema mostra uma realidade, não só do seu tempo, mas um problema persistente.

Outro destaque é a obra *Morte e vida Severina* (1945) de João Cabral de Melo Neto, anterior ao poema de Ferreira Gullar. O auto retrata a falta de emprego, pois o retirante Severino

sai do sertão da Paraíba e segue até o litoral do Recife, na árdua missão de conseguir um emprego qualquer, uma vez que a seca assola sua terra natal. A luta pela subsistência é marcante do início ao fim do auto, que apresenta as dificuldades da vida do lavrador nordestino. Assim, é pertinente reportarmo-nos a Eagleton (1997, p. 190):

Todos os textos literários são tecidos a partir de outros textos literários, não no sentido convencional de que trazem traços ou “influências”, mas no sentido mais radical de que cada palavra, frase ou segmento é um trabalho feito sobre outros escritos que antecederam ou cercaram a obra individual. Não existe nada como “originalidade” literária, nada como a “primeira” obra literária: toda literatura é “intertextual”.

Neste sentido, Bakhtin (1997) defendeu essas ideias quando deixou claro que uma obra não surge na contemporaneidade sem ter se nutrido do passado, pois estas rompem as fronteiras do seu tempo. A intertextualidade é mais um recurso a deixar o gênero com maior consistência, por manter relações com outras obras, especialmente quando se trata de grandes obras.

Desse modo, quando pensamos na poesia engajada, voltamos nossa atenção para o cordel, em foco na presente dissertação. Nunca houve tanto cordel comprometido com causas sociais como os da atualidade, uma vez que o cordel surgiu mais como um gênero dedicado ao entretenimento, sem a preocupação, *a priori*, de fazer críticas. Ícone do cordel engajado no Nordeste, Patativa do Assaré, deixou um grande legado; apesar de ter estudado apenas durante seis meses em toda sua vida, tinha uma aguçada consciência crítica sobre as questões sociais. Antônio Gonçalves da Silva - nome de registro do poeta cearense – mestre da oralidade, versejou:

[...] Não é Deus quem nos castiga,
Nem é a seca que obriga
Sofrermos dura sentença!
Não somos nordestinados
Nós somos injustiçados
Tratados com indiferença!

Sofremos, em nossa vida,
Uma batalha renhida,
Do irmão contra o irmão.
Nós somos injustiçados,
Nordestinos explorados,
Mas nordestinados, não! [...].

O cordel “Nordestinos, Sim. Nordestinados, não”, traz a saga difícil desse povo e, ao mesmo tempo, a resistência como marca registrada, o desejo de vencer as injustiças. Patativa

fez com que sua leitura de mundo superasse a pouca escolaridade, com o protesto de um nordestino consciente da sua condição de vida e do poder das ideologias à sua volta.

O cordel tem história e esse legado as vezes é deixado de lado na sala de aula, não apenas pelo desconhecimento do poder do texto literário, mas também por questões menos significativas como o trabalho que deve ser feito, paralelamente, acerca das questões linguísticas, isto é, conscientizar o aluno sobre o fenômeno da variação linguística. Neste aspecto, evidenciamos a colocação de Ramos in Paulino e Cosson (2004, p. 107):

Experiências culturais fortes e determinantes de grandes obras artísticas como o cordel – seu valor não está apenas nisto – estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação destas experiências. Sobretudo mostrando o que neles há de vivo, de efervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais.

De fato, é um gênero que vem driblando barreiras, anos de preconceitos e mostra seu poder de superação e adaptação, seja em contextos variados, seja pela busca de novos métodos e recursos para chegar até o leitor e ouvinte. Assim, outro gênero que deriva do cordel é a cantoria ou repente, presente tanto nos festivais de violeiros quanto nas apresentações dos pés-de-parede. Deste gênero derivam muitos subgêneros como: quadra, sextilha, sete pés, décima, mourão, martelo, galope a beira mar, entre outros. Surpresa e criatividade são marcas registradas dos cantadores. Como respostas ao que o outro cantou, o repentista cria seus versos improvisados, obedecendo aos recursos composicionais como rima, métrica e, muitas vezes, o repente surge a partir de um mote indicado pelo público presente. A cantoria de viola é um espetáculo no qual dois poetas se enfrentam improvisando versos ao som da viola, dentro de formas poéticas tradicionais e padrões para o gênero. Esses poetas/violeiros seguem suas próprias inspirações, além de buscar atender os anseios de uma plateia (algo essencial em uma cantoria). Os cantadores devem chamar a atenção do público pela toada, ou seja, um ritmo enriquecido com rimas chamativas. Voz e viola precisam ser afinadas para produzir sons agradáveis e beleza. Algumas informações acerca dos antecedentes do repente indicam:

Segundo o grande pesquisador e folclorista Luís da Câmara Cascudo, o desafio dos repentistas do Nordeste descende diretamente do Canto Amebeu (dos pastores da Grécia Antiga). Tal hipótese carece de estudos historiográficos que a comprovem. Vários ensaios apontam para uma possível ligação entre a figura do Cantador do Nordeste brasileiro e a do Trovador da Provença, sul da França, do início do 2º milênio. O trovadorismo floresceu em Portugal, no século XII. Identificam-se também influências dos árabes do norte da África que colonizaram a Provença e a península ibérica. (SANTANA, 2017)

Desse modo, o repente tem raízes profundas e bem fincadas no nosso território, especialmente na região nordeste, embora apresente traços oriundos de outros povos. É válido dizer que as realizações poéticas são produtos dos sistemas culturais, criando e recriando aspectos da cultura e da vida em sociedade. Neste sentido, a prática dos cantadores mantém laços de pertença com o contexto em que ocorre a ação. Daí dizer o quanto a crítica social vem sendo cada vez mais explorada por cantadores da atualidade. Desse modo, compartilhamos das colocações de Candido (2000, p. 22-23) que ao tratar acerca da posição social do artista, enfatiza:

A posição social é um aspecto da estrutura da sociedade. No nosso caso, importa averiguar como esta atribui um papel específico ao criador de arte, e como define a sua posição na escala social; o que envolve não apenas o artista individualmente, mas a formação de grupos de artistas. [...] Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo.

A literatura tem evoluído bastante, mas houve um período de significativa desvalorização da arte cordelista e os cantadores de viola sentiram a marginalização da sua cultura, vista durante muito tempo, como uma arte menor ou de menor prestígio, devido ao fato de muitos produtores não terem tido escolaridade e terem surgido das camadas populares. Contudo, assim como o cordel, o repente mostrou ser digno de um espaço de respeito na sociedade, pois enquanto arte do improviso, aos poucos, foi conquistando as pessoas pela farta acessibilidade das produções, por apresentar composições retratando a vida da população, por trazer realidade e ficção, a partir de canções sobre os mais diversos acontecimentos que marcaram e marcam o cotidiano das pessoas.

Nesse sentido, os créditos desse gênero avançaram, pois o público passou a perceber que estava tendo a sua própria representação, embora muitos dos poetas fossem analfabetos, tinham o dom da oratória e a sensibilidade poética necessária para se inserirem na cultura brasileira e contribuírem para a afirmação do povo nordestino, por meio das cantorias realizadas nos pés de parede¹ e/ou em festivais de violeiros. Em sua pesquisa, a partir de entrevistas, Ana

¹De acordo com Souza, Laércio Queiroz. **Mulheres de repente: vozes femininas no repente nordestino**. 186f. Dissertação em letras e linguística/ UFPE- Pernambuco, 2003. p. 80, “esta modalidade é, possivelmente, a percussora da cantoria nordestina. Aqui, apologistas e admiradores do gênero se reúnem em um espaço para desfrutar da poética nordestina. Na ocasião, se apresentam uma ou mais duplas em autênticos desafios”.

Maria de Oliveira Galvão (2002, p. 8), mostra como as populações rurais viam a cantoria.

Destaca a fala de um entrevistado:

Oxente, eu andava uma légua de noite para ir assistir. [...] Naquelas casas de engenho, né? O senhor de engenho, por ali. A gente ia, mandavam avisar que à noite tinha umas cantorias lá. Quando é de noite ia a gente mais o inspetor, que era so... que aquele homem que ajudava a polícia chamava inspetor, né? [...] lá o inspetor, o ajudante do inspetor, ia tudinho. [...] Chegava lá, a gente ia ver os cantadores cantar, tinha cachaça pra beber, tinha café, tinha pão, bolacha... Até meia-noite terminar, a gente vinha tudo pra casa. (Zeli)

Os verdadeiros artistas das comunidades rurais no século XIX eram os cordelistas e violeiros, pois quem tinha o dom da oratória no período, mesmo sem muito estudo ou sem estudo algum, era visto como artista. As habilidades linguísticas para os versos era algo esplendido e o repentista aproveitava esse privilégio para versejar sobre o que, na época, mais atraía o público e o que era possível entrar no seu repertório. Assim, o repente começou meio tímido, porque, com o passar do tempo, ficou evidente a limitação de temáticas enfocadas por cantadores, estes apresentavam uma visão restrita e as questões sociais quase não eram lembradas. O que antes era visto como farta produção, até pelo restrito acesso das pessoas a outros recursos, com o passar do tempo e o surgimento de algumas tecnologias da informação, tornou-se trivial. O foco das produções eram os estereótipos sociais, ganhando destaque situações bem corriqueiras e acontecimentos relacionados ao preto, ao pobre, à mulher, tornando explícitas situações de preconceito para com essas figuras sociais e assim, outras banalidades envolvendo, até mesmo, particularidades da vida das pessoas. Isso, ao longo do tempo, foi se desgastando e fez com que a cantoria perdesse muito.

Enquanto prática social e processo comunicativo, a cantoria é passível de mudanças constantes, até por uma questão de subsistência. Nestas perspectivas, para que a interação com o público ouvinte seja cada vez mais próxima, é preciso que o artista acompanhe os avanços, as transformações e acontecimentos sociais, indissociáveis do contexto cultural, assim, deve haver essa sincronização, tanto para o sucesso da arte em questão, quanto para manter uma relação proximal, de todos os envolvidos, com o contexto social. Grupos de cantadores mais conscientes do seu papel social, começaram a migrar para outras regiões e diversas capitais brasileiras, buscando aperfeiçoar e expandir suas canções que, embora continuassem com sua característica do improviso, passaram a se nutrir das novas tecnologias e acompanhar a dinamicidade da informação.

Em meados do século XX, a tradição popular ganhou espaço na sociedade brasileira, o que ocorria, em tempos anteriores, apenas nos espaços rurais da região nordeste. Os imigrantes dessa região contribuíram para levar essa cultura até estados como São Paulo, Rio de Janeiro, dentre outros. A partir de então, surgiu um novo modo de fazer repente, que ganhou espaço sob as questões sociais em voga em cada localidade, pois os poetas percebiam a necessidade de estar sempre atualizados e valorizar o repente, inclusive no campo educacional, o que garantiu esse espaço de cultura ativa e participante na atualidade. É plausível relacionar essa realidade ao que disse Candido (2000, p. 27): “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição.” Sabemos, pois, quão imbricados estão a obra/conteúdo aos valores sociais, ideológicos, dentre outras situações contextuais e interacionais. Dentre inúmeros violeiros nordestinos de destaque, citaremos alguns que garantiram seus espaços na sociedade e a relevância das suas críticas diante de questões sociais: Ivanildo Vila Nova (PE), Oliveira de Pannels (PE), Geraldo Amâncio (CE), Valdir Teles (PB), Zé Cardoso (RN), Louro do Pajeú (PE), Moacir Laurentino (PB), Louro Branco (CE), João Paraibano (PB), Zé da Luz (PB). Os seguintes versos ilustram a função denunciadora de problemas sociais do gênero cantoria. Ganha evidência a participação desses artistas na sociedade, uma vez que são difusores e agentes na transformação do país.

Toda lei ultrapassada
Só favorece o bandido

No chão que a lei é omissa
Erra mais do que acerta
Para uns ela é esperta
Para outros tem preguiça
Mas quem falar da justiça
É sujeito a ser punido
Processado e recolhido
E ficar de boca fechada
Toda lei ultrapassada
Só favorece o bandido
Geraldo Amâncio²

(GERALDO AMÂNCIO E MOACIR LAURENTINO)

A canção traz a realidade que permeia cada vez mais a justiça no Brasil, caracterizando-a como ultrapassada - diante da nova conjuntura social - omissa, em alguns casos, e atuante em

²O mote dos cantadores Geraldo Amâncio e Moacir Laurentino está disponível em: < <http://cantoriasecordeis.blogspot.com> > 29 jun. 2008. Acesso em: 02 fev. 2019.

casos isolados, o que pode ser visto como justiça injusta. Esse viés de denúncia do artista é um alerta para os apreciadores da cantoria e ouvintes, de modo geral.

Destacaremos também a toada do paraibano Zé da Luz, cantador nascido em 1904 e falecido em 1965, mas suas produções engajadas nas questões sociais são dignas de discussões e reflexões para os dias atuais:

Brasil Caboco³

O qui é Brasi Caboco?
É um Brasi diferente
do Brasi das capitá.
É um Brasi brasileiro,
sem mistura de instrangero,
um Brasi nacioná!

É o Brasi qui não veste
lifforme de gazimira,
camisa de peito duro,
com butuadura de ouro...
Brasi caboco só veste,
camisa grossa de lista,
carça de brim da "polista"
gibão e chapéu de coro!

Brasi caboco num come
assentado nos banquete,
misturado cum os home
de casaca e anelão...
Brasi caboco só come
o bode seco, o feijão,
e as veiz uma panelada,
um pirão de carne verde,
nos dias da inleição
quando vai servi de iscada
prus home de posição.

Brasi caboco num sabe
falá ingrês nem francês,
munto meno o português
qui os outros fala imprestado...
Brasi caboco num inscreve;
munto má assina o nome
pra votar pru mode os home
Sê gunverno e deputado

Mas porém. Brasi caboco,
é um Brasi brasileiro,

³França, Marcos. Poesias de Zé da Luz. 17 de Julho 2008. Disponível em: <http://culturanoordestina.blogspot.com/2009/07/poesias-de-ze-da-luz.html> Acesso em 01 de mar. 2019.

sem mistura de instrangero
Um Brasi nacioná!
[...]

Para Zé da Luz, o Brasil era o sertão nordestino, um espaço de identidade cultural com diversidade e riqueza, mas os versos também tornam evidentes problemas no tocante à política, economia, questões sociais e culturais, dando destaque para o problema secular do analfabetismo.

Após apresentar a figura masculina na cantoria, abordando a poética de denúncia, nada mais justo do que fazer menção ao legado da mulher para o gênero em estudo. Aos poucos, as mulheres foram se firmando nesse campo, haja vista a desvalorização da capacidade da figura feminina na sociedade, durante séculos, o que vem mudando a duras penas. A voz feminina passou a ser ouvida, enfrentando preconceitos, críticas e, em muitos casos, a não aceitação por parte da família. Uma das conquistas da mulher foi a inserção, cada vez mais crescente, no mercado de trabalho, assim, o campo artístico – cultural (amplo e diversificado) também conta com a presença feminina em muitas áreas.

As repentistas vêm conquistando seu espaço seja nas cantorias particulares ou nos grandes festivais. Alguns nomes como: Mocinha de Passira, Severina Maria da Silva, Minervina Ferreira, Lindalva Dantas Lucena, Luzia dos Anjos, Maria Soledade, Odília Dantas de Lima (todas nordestinas), merecem respeito por transmitir cultura, entretenimento e arte para a sociedade. Em suas canções, Mocinha de Passira e Minervina Ferreira trouxeram, dentre tantas temáticas, as relacionadas ao desemprego, às injustiças e muitos tipos de desigualdades sociais. Os seguintes versos deixam isso claro:

Mocinha de Passira: A cruel sociedade
Não vê o desprotegido
Que seja menor de idade
Ou esteja envelhecido
Sempre existe diferença
da religião pra crença
Da enxada pra imprensa
no Oitavão Rebatido.

Minervina Ferreira: A fome é uma doença
que atinge o povo sofrido,
Sinto uma tristeza imensa
quando vejo alguém caído
o desemprego é pesado
de estado pra estado
Nem sei quem tanto é culpado

no Oitavão Rebatido.⁴

É com essa poesia engajada que muitos repentistas, tanto homens quanto mulheres, transmitem e denunciam o que é visto, sentido, vivenciado e lamentado na sociedade. Muitas outras vozes devem cumprir esse papel, seja através da fala ou da escrita. A cantoria é uma arma forte para isso, quando bem utilizada, apresentando a pluralidade de uma arte multifacetada, por isso, sua significância crescente no campo educacional. E assim o são todos os gêneros literários, logo, associamos nosso pensamento às colocações de Soares (2007, p. 78): “imprescindível é que não nos ocupemos, na abordagem de um texto literário, apenas com a questão dos gêneros, mas que a ela se associem sempre as implicações contextuais, as poéticas e as ideológicas”.

Vemos então, ser crucial perceber e trabalhar com os gêneros literários não apenas considerando o aspecto linguístico, vendo o texto somente enquanto gênero X ou Y com características delimitadoras. Bem mais que um trabalho textual, deve permear nossas investigações, porque a literatura possibilita um campo mais amplo, visto a utilização de recursos diferenciados. Essa vantagem também contribui para que o conteúdo a ser explorado o seja de modos mais variados.

A atenção do leitor, com relação a esses gêneros deve ser redobrada, pois são textos cheio de subjetividade nas interpretações, de modo que exige dos leitores muita atenção, devido as peculiaridades da linguagem e do gênero. Segundo Bakthin (1997, p. 283):

[...] nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários – neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes – se bem que, no âmbito da literatura, a diversidade dos gêneros ofereça uma ampla gama de possibilidades variadas de expressão à individualidade, provendo à diversidade de suas necessidades.

Reafirmamos, pois, o quanto nossas colocações estão agregadas às ideias do autor, pois não há como não dispensar uma atenção especial aos gêneros literários, assim como estudo mais consistente de todos os aspectos que o diferenciam dos demais textos. Isso deve ficar bem claro para o professor, ao atuar com esses textos em sala de aula, uma vez que nem sempre essas particularidades são atendidas, embora sejam tão visíveis.

⁴ Souza, Laércio Queiroz. Mulheres de repente: vozes femininas no repente nordestino. 186f. Dissertação em letras e linguística/ UFPE- Pernambuco, 2003. p. 127.

2.3 CULTURA LOCAL E IMPLICAÇÕES DESSE CONCEITO

Trataremos, resumidamente, o conceito de cultura e abordaremos alguns aspectos da cultura local, visto os cordéis de poetas locais fazerem parte da composição do *corpus* da nossa pesquisa. Por isso não enveredaremos por muitos campos, devido à amplitude de conceitos que permeiam esse assunto.

Toda nação, povo ou comunidade, por menor que seja, constrói, ao longo do tempo, a sua história e nessa construção histórica está enraizada a sua cultura, feita por homens e mulheres (agentes de cultura), a partir de momentos, atitudes e acontecimentos. Pensar em cultura nos faz refletir sobre o modo como vivemos e nos organizamos em sociedade, considerando sempre o processo histórico. Quando pensamos assim, refletimos também sobre a hierarquização existente entre povos e nações; assim como nos fatores que influenciam na cultura de uma nação, tais como: evolução humana; organização social; características dos agrupamentos; processo histórico; relações de poder, dentre outros.

Vale destacar essas relações de poder, no sentido de que tanto os centros de poder de uma sociedade quanto as principais instituições sociais têm a preocupação de entender, definir e controlar a cultura, agindo e influenciando sobre o seu desenvolvimento. Assim, os interesses institucionais e dominantes das sociedades estão sempre nessa disputa por controlar os aspectos relacionados à cultura. É importante observar que as características de uma dada cultura não são absolutas, isto quer dizer que são suscetíveis a transformações históricas, construídas e modificadas a partir de acontecimentos temporais e contextuais. Fortalece a nossa compreensão, a definição de cultura dada por Santos (1983, p. 29):

Cultura pode por um lado referir-se à alta cultura à cultura dominante, e por outro, a qualquer cultura. No primeiro caso, cultura surge em oposição à selvageria, à barbárie. Cultura é então a própria marca da civilização. Ou ainda, a alta cultura surge como marca das camadas dominantes da população de uma sociedade; se opõe à falta de domínio da língua escrita ou à falta de acesso à ciência, à arte e à religião daquelas camadas dominantes. No segundo caso, pode-se falar de cultura a respeito de qualquer povo, nação, grupo ou sociedade humana. Considera-se como cultura todas as maneiras de existência humana.

Daí dizermos que não existe um conceito único, universal sobre cultura, visto sua abrangência e dinamicidade. Dessa forma, lembramos o tratamento conferido à cultura por Vannucchi (1999, p. 21):

Somente se poderá conceituar cultura como auto-realização da pessoa humana no seu mundo, numa interação dialética entre os dois, sempre em dimensão social. Algo que não se cristaliza apenas no plano do conhecimento teórico, mas também no da sensibilidade, da ação e da comunicação.

Sendo produção coletiva e que abrange muitos planos de vivências sociais, devemos lutar sempre por essa cultura, minimizando as desigualdades sociais de modo geral. Numa nação de desigualdade marcante, a produção cultural deve ser dominada e manipulada a partir dos interesses de detentores do poder em um grupo social. Assim, a cultura é alterada e passa a sofrer as consequências da desigualdade predominante.

O plano cultural tem o poder de garantir conhecimento, liberdade, igualdade e progresso, dentre outros direitos, contanto que sob as devidas condições de produção, isto é, desde que seja uma construção social, visando o bem comum da nação. Algo complexo, especialmente, na atualidade, quando os abusos de poder são cada vez mais constantes e há retrocessos em inúmeras esferas sociais. Daí as lutas pela universalização dos benefícios da cultura; tal reação tenciona dignificar as relações sociais e garantir um direito adquirido por meio de lutas históricas vivenciadas e compartilhadas por diferentes sociedades. Em se tratando de cultura brasileira, Vannucchi (1999, p.55-56) declara:

Há de se estudar cultura brasileira observando e ouvindo nosso povo, na sociedade de classes em que se encontra, hoje, tal qual ele é: marcado por enormes diferenças regionais, perdido no desamparo do campo ou no submundo das concentrações urbanas, tangido por migrações internas, vítima gritantes desníveis socioeconômicos e, na sua imensa maioria, excluído e vilipendiado na sua cidadania. Para não nos prendermos em categorias mais ou menos abstratas e genéricas, a expressão “quem é o povo brasileiro e o que faz” deve ser rastreada em dois níveis de conhecimento: o nível intelectual, fiel ao povo, isto é, não encastelado na erudição pedante nem reduzido a porta-voz do poder, e o nível do próprio saber popular genuíno e sem limitações.

Esse é um viés de estudo da cultura brasileira que vai mostrar a real cultura existente e produzida cotidianamente por essa nação, pois o autor mostra conhecer de perto a vida social no país e o quanto isso interfere na construção cultural. De acordo com Vannucchi (1999), a cultura brasileira, sob o crivo da burguesia não passa de “falsa campanha de salvação nacional”, entre outros motivos, por não haver a democratização das condições de produção cultural, considerando a realidade de vida das classes trabalhadoras. A cultura deve emergir do povo e para o povo. Deve haver, pois, a contrapartida dos dois níveis, o intelectual, que deve agir a partir dos conhecimentos e consciência e aquele que diz respeito ao saber popular genuíno, livre de limitações enclausuradas.

2.3.1 Cultura local: traços da nossa identidade

Para cada contexto histórico e social, novas identidades vão surgindo e dando forma às novas culturas, dentre elas a cultura local. O processo dessa formação nos leva a entender o significado desse bem comum de um povo, de uma comunidade como é o caso da nossa.

A pequena cidade de Doutor Severiano⁵, no Estado do Rio Grande do Norte, tem uma significativa história de lutas, resistência, vitórias e tradições. Sua cultura é marcada pela garra de pessoas que buscam manter seu patrimônio cultural vivo, pois cultura popular e/ou local caracteriza-se pela insistência em manter, na memória e cotidiano da comunidade, tudo o que foi construído a partir de expressões de saberes, fazeres, práticas e artes e nesse conjunto de ações realizadas individualmente e/ou coletivamente, emerge: música; canto; dança; encenações; festas tradicionais (religiosas, emancipação política, junina, vaquejada); literatura (cordel, cantoria); jogos; brincadeiras; artesanato e culinária. Essas são manifestações marcantes da identidade severianense, por isso, devem ser rememoradas, passando de geração em geração, pois só assim estaremos construindo um futuro mais promissor, considerando que história e cultura caminham lado a lado, uma contribuindo para a construção da outra, ou seja, são dependentes, indissociáveis.

De fato, vivemos no presente e de olho no futuro, porém o passado é bastante significativo, pois representa toda uma trajetória de construções diversas que refletem diretamente na história da atualidade e deverão refletir, também, futuramente. Neste sentido, é necessário volver o olhar para nossas raízes, tudo aquilo que marca a nossa gente e serviu de base para a nossa cultura, para o que somos e temos hoje. Essas raízes são lembranças, experiências vividas, tradições (diversas vezes, esquecidas ou desprezadas), criadas a partir de ações e diálogos, nas interações sociais. E conhecer a cultura local, além da valorização do que é nosso, representa um incentivo ao desenvolvimento.

⁵O topônimo Doutor Severiano é homenagem a Francisco Severiano de Figueiredo Sobrinho, um caicoense que batalhou pelo desenvolvimento da região. Na vida pública, Doutor Severiano atuou como Juiz Municipal de São Miguel, como deputado nos anos de 1935 e 1948 e consultor jurídico da prefeitura.

Distrito criado com a denominação de Doutor Severiano (ex-povoado de Mundo Novo), pela Lei Estadual n.º 53, de 21-12-1953, subordinando ao município de São Miguel.

Elevado à categoria de município com a denominação de Doutor Severiano, pela Lei Estadual n.º 2.784, de 10-05-1962, desmembrado de São Miguel. Sede no atual distrito de Doutor Severiano (ex-povoado de Mundo Novo). Constituído do distrito sede. Instalado em 01-01-1963.

Doutor Severiano conta com uma população estimada de 7.080 habitantes para 2018, de acordo com o último censo IBGE 2010.

Para haver desenvolvimento cultural é preciso garantir o direito à cultura, por isso a importância da criação da Agenda 21 da cultura⁶, senão projetos de fomento à cultura local. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no perfil dos municípios é possível comprovar que Doutor Severiano não iniciou o processo de elaboração da Agenda 21 local, no entanto, vem desenvolvendo ações que figuram práticas culturais do lugar. Das manifestações culturais do povo severianense, as festas religiosas são das que mais se destacam. Celebração da padroeira, da co-padroeira e todo mês de maio tem a coroação de Maria, sendo o catolicismo predominante na comunidade. Isso foi apresentado no censo realizado em 2010 pelo IBGE, quando tratou da “População residente por religião”⁷. São festividades que conseguem mobilizar as pessoas, no sentido de expressar a fé, se unirem em novenários, encontros de grupos da igreja, procissões e celebrações diversas. Pessoas de todas as idades são envolvidas, como é o caso do grupo de jovens, que está sempre atuando, tanto nas promoções que contribuem financeiramente para as festas, como em apresentações culturais. Um exemplo disso é o “Auto de Santa Luzia”, encenado na última festa da padroeira (2018) pelo grupo de jovens “Sentinelas do amanhã”, como vemos nas imagens abaixo:

FIGURA 1: Auto de Santa Luzia na festividade religiosa



FONTE: <https://www.facebook.com/juventudesentinelasdoamanha/>

O grupo de jovens, juntamente com a equipe religiosa de organização da festa, proporcionou o contato da população com a arte e cultura, conseguindo, na comemoração dos 80 anos de história da festa da padroeira no município, retomar uma tradição de décadas atrás

⁶<http://www.agenda21local.com.br/>

⁷<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/doutor-severiano/panorama>

na comunidade; a encenação da história de vida de Santa Luzia. Isso mostra a persistência religiosa, histórica e cultural que fortalece e incentiva as novas gerações.

Outra festa que encanta o povo severianense é o tradicional São João organizado pelas escolas. Além de trazer ao público a quadrilha, tradição nordestina, o evento realizado pela Escola José Neri de Oliveira, vem sendo apresentado, ultimamente, a partir de projetos desenvolvidos por toda a comunidade escolar, tratando de fatos referentes à cultura do município, destacando, pois, às memórias severianenses. O São João é sempre uma festa muito esperada. A imagem abaixo mostra um desses São João temático:

FIGURA 2: Festa Junina



FONTE: <http://doutorseveriano.rn.gov.br/eventos>

Rememorar e reavivar atividades culturais do passado, bem como novas versões dessas atividades, produzidas na atualidade fazem parte da criatividade e indicam o crescimento cultural da população.

Dessa forma, a Secretaria de Educação vem tornando tradicional a amostra cultural que realiza todo final de ano; para tanto, conta com o apoio e participação da população, todos os profissionais da educação e alunos municipais e estaduais das escolas locais. A praça central da cidade é palco da festa e ao apreciarmos as apresentações, podemos perceber e, inclusive, refletir acerca da grandeza de conhecimento desse povo e o quanto temos talentos que, muitas vezes, podem passar despercebidos, caso não ocorra o reconhecimento e incentivo necessários. Esses momentos também são essenciais para que nossos alunos sejam desafiados e, com isso, se descubram e se revelem, fato que surpreende a eles próprios, os familiares e a comunidade local. Bordini e Aguiar (1993, p. 16) aliam cultura e formação escolar, suscitando reflexões como:

A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito. Mesmo diante de qualquer texto que a escola lhe proponha como meio de acesso a conhecimentos que ele não possui no seu ambiente cultural, há a necessidade de que as informações textuais possam ser referidas a um background cujas raízes estejam nesse ambiente.

Como observamos, a cultura precisa ter esse espaço na sala de aula, uma vez que ela determina os conhecimentos adquiridos pelos seres em sociedade, nos grupos, nas comunidades ao longo da história, contribuindo para uma formação escolar com base mais sólida, pelo fato de tornar o conhecimento algo mais significativo para o aluno, considerando questões como identidade e contexto local. É retratando o contexto local que as imagens a seguir trazem beleza e talento, presentes na amostra cultura em praça pública:

Figura 3: Amostra cultural na Praça Adelaide
Abrantes (Doutor Severiano)



Figura 4: Sanfoneiros convidados



Fonte: <http://doutorseveriano.rn.gov.br/eventos>

Figura 5: Grupo de capoeira do PETI
(Programa de Erradicação do Trabalho Infantil)



Fonte: <http://doutorseveriano.rn.gov.br/eventos>

Figura 6: Peça teatral com alunos



Figura 7: Grupo de dança
(educação infantil)



Fonte: <http://www.doutorseveriano.rn.gov.br/eventos>

Figura 8: Grupo de Balé



Figura 9: Banda de música com estudantes do município.



Fonte: <http://www.doutorseveriano.rn.gov.br/eventos>

Figura 10: Emboladores mirins



As imagens evidenciam a grandeza do evento que, além de apresentar uma amostra da cultura e história do lugar, tem a responsabilidade de expor, para a comunidade, o que as escolas realizam ao longo do ano, fazendo a recapitulação de projetos desenvolvidos, prêmios de concursos e resultados de avaliações externas, enfim atividades exitosas. De fato, ações desse porte, enaltecem a educação local e tem a responsabilidade de mostrar, especialmente, para nossos estudantes, que para termos uma educação de qualidade, um conjunto de fatores devem estar envolvidos e precisam ser bem articulados e é necessária toda a comunidade estar empenhada na aquisição desse bem para a humanidade. Independentemente de qualquer impasse, a luta por uma trajetória que dignifique a vida de cada um deve ser constante.

Seja na amostra cultural realizada anualmente em praça pública, seja em outros eventos e no cotidiano da pequena cidade, é possível identificarmos acontecimentos, atividades desenvolvidas por diversos artesãos do lugar e apreciarmos a arte de pessoas que marcaram e marcam a nossa história. O grupo de maneiro pau⁸, tendo como coordenador e puxador, durante muitos anos, o senhor Francisco Rufino (Caé), sempre que possível apresenta seus versos ritmados pelo som dos bastões:

FIGURA 11: Grupo Maneiro Pau



FONTE: <http://drseverianorn.blogspot.com>

Dentre outras figuras responsáveis por promover a cultura do lugar, são dignos de destaque o senhor Geraldo Sanfoneiro e seu filho Jackson do Acordeon, animadores nos forrós de pé de serra há décadas e conhecidos na região pelo grande talento.

⁸É uma dança de roda, brincada exclusivamente por homens (isso na época), tendo como característica o uso de bastões de madeira entrechocados para acentuar a nota do canto.

Há um ‘puxador’, que precisa ter a veia poética e inventar versos e frases momentâneas para tornar a brincadeira mais dinâmica. Os que participarem da brincadeira vão entoar o coro: “maneiro-pau, maneiro-pau”, ou outros coros sugeridos pelo puxador.

FIGURA 12: Sanfoneiros Geraldo e Jackson



Fonte: Arquivo pessoal de Jackson

Na cidade serrana também há quem escreva sobre belezas, lutas, desventuras entre outros temas, referentes ao lugar. A escritora Eridan Santos tem livro lançado, além de pintar telas que encantam pela alegria transmitida. As imagens abaixo evidenciam isso:

FIGURA 13: Produções artísticas de Eridan



FONTE: Arquivo pessoal de Eridan Santos

As pinturas em óleo sobre tela, em cores e preto e branco, acima, são produções do artista plástico local Cláudio Cândido, autodidata que, além de paisagens, pinta retratos e naturezas mortas. Tem habilidade ainda, com pinturas em paredes e painéis em geral. Alguns desses trabalhos são apresentados na figura abaixo:

FIGURA 14: Produções artísticas de Cláudio



FONTE: Arquivo pessoal de Cláudio Cândido

Artesãos das mais diversas atividades podem ser encontradas em Doutor Severiano e, muitas vezes, só registrando tantas manifestações para compreendermos que não precisamos buscar alguns produtos, em outras cidades, quando aqui tem e com qualidade. Vale destacar o talento de Kareline Jácome, costureira, bordadeira e com várias outras habilidades artísticas.

FIGURA 15: Produções artísticas de Kareline



FONTE: Arquivo pessoal de Kareline

Angelina Nunes, conhecida na arte da tapeçaria, provou e vem provando que o lucro do seu trabalho artesanal, contribuiu, durante muitos anos e continua contribuindo para o estudo e formação dos seus filhos. Algumas peças artesanais estão evidentes na seguinte figura:

FIGURA 16: Produções artísticas de Angelina



FONTE: Arquivo pessoal de Angelina

Assim, durante este trabalho de pesquisa, identificamos nomes da literatura de cordel nas terras severianenses, fazendo jus à arte da palavra. Além do saudoso Gentil Alves, Deca e

Eridan Santos, outros contrerrôneos produzem versos que tratam do povo, do lugar e acontecimentos, como a professora Tânia Castro e o professor Vanderli Araújo, dentre outros.

Nesse embalo, é justo registrar o marco deixado na história do município por violeiros que alegraram noites de cantorias. Antônio Nunes de França (*in memoriam*) não era natural de Doutor Severiano, porém sua esposa e filhos são severianenses. O tempo que morou na cidade e conviveu com o povo do lugar fez amizades e contribuiu com a cultura popular local. Violeiro conhecido em todo o nordeste, Antônio Nunes faleceu aos 82 anos, no dia 20 de novembro de 2018. O Poeta Agostinho, da cidade de Russas/CE, escreveu sobre Antônio Nunes, em crônica:

Antonio França deixou uma saudade enorme aos ouvintes de cantoria porque o povo gostava de ouvi-lo cantando repente ao som da viola plangente. Se não foi um gênio do repente pelo menos foi um grande menestrel improvisando bons versos, porque Antonio França nunca cantou decorado, como faz a maioria. Como repentista merece ser lembrado por todos aqueles que tocam viola ou por quem virá depois. Ouvi muita cantoria de Antonio Nunes de França, contudo nunca ouvi o poeta cantar baboseira, tinha ele um apreço enorme pela plateia, muito mais pelo seu ouvinte que tanto o amava. (AGOSTINHO, 2018, p.1)

FIGURA 17: Repentista Antônio Nunes de França



FONTE: TV Jaguar

Não foram contempladas, nesta pesquisa, as manifestações da cultura local do município, em sua totalidade, visto a abrangência da temática. Mas, em meio a tantas imagens apresentadas e descrições acerca de atividades e personalidades que enaltecem o legado cultural do município, é possível perceber o quanto é relevante o patrimônio construído cotidianamente, sendo, pois, motivo de orgulho da população. Há aqueles que se destacam coletivamente, mas também existem e existiram muitas personalidades que, individualmente, escreveram e/ou estão escrevendo no livro da história severianense. Neste sentido, vale lembrar as palavras de Pinheiro (2012, p. 134):

Os artistas têm como suporte, admitam ou não, a cultura em que estão inseridos, as formas artísticas que os antecederam, as vivências pessoais, as observações sobre a vida, os costumes a que estão ligados. A toda esta matéria aplicam sua sensibilidade e inteligência.

Realmente, a identidade com o contexto acontece, pois não há como o sujeito não ser influenciado por acontecimentos que permearam sua vida e, em certo momento, fizeram parte da sua história. Desse modo, considerando o aspecto antropológico, o homem passa a ser um resultado do meio no qual está inserido. Porém, vale lembrar que cada ser é único e traz consigo um diferencial, resultante, entre outros fatores, do seu desenvolvimento intelectual. Assim, níveis diferentes de conhecimento, sensibilidade e desenvolvimento podem ser alcançados. É imprescindível levar em consideração esses fatores ao lidar com o aluno em sala de aula, seja em qualquer atividade desenvolvida.

Neste sentido nos reportamos a Eagleton (2003) ao tratar dos leitores como sujeitos social e historicamente situados e isso, para ele, é determinante na maneira como conseguem interpretar, pois há um condicionamento a esses fatores. Seguindo esse raciocínio, o autor ainda

diz que o leitor não chega ao texto desnudado da herança cultural. Uns com maior grau de raciocínio que os outros, com maiores avanços, no entanto o valor cultural é visível em cada sujeito.

Embora existam conceituações diferenciadas sobre cultura, em nenhuma das leituras realizadas os autores conceberam cultura como algo estático ou referente apenas aos fatos passados. Percebemos os aspectos culturais, seja o local ou qualquer outra dimensão, como sendo bastante dinâmicos, pois apesar da preservação do antigo, estamos, a todo instante, adquirindo novos saberes, modos diferentes de agir, de organização social, interação e aperfeiçoamento da identidade cultural entre os membros de um contexto histórico social. Essa dinamicidade vai desde a linguagem até o modo de ser, viver e agir. A importância das concepções do povo está clara nas ideias de Azevedo (2006, p. 03):

Com a incorporação e valorização programática da cultura popular na escola é possível imaginar – ou pelo menos sonhar – que certo aluno volte para casa, conte o que aprendeu na escola e, no dia seguinte, traga novo material contado pelo pai ou algum parente. Através da criação de uma espécie de ponte entre o modelo culto e o popular, a chamada escolarização pode ganhar novo significado propiciando aos alunos maior sintonia, identificação e grande sentimento de inclusão.

É compartilhando desse pensamento que vemos a necessidade, cada vez mais crescente, de dar voz ao popular, ao oral, não somente para conhecer e preservar o saber popular de séculos passados, mas para compreender certos modos de viver e agir de seres e grupos que continuam vivendo conforme antigas tradições, assim como incluí-los na sociedade atual, promovendo a troca de saberes, experiências e novos conhecimentos. Neste âmbito, a escola deve funcionar como uma ponte de conexão, atentando para o fato da inclusão de todos e de todas as culturas, sem sobrepor nenhuma, desempenhando ainda, o papel de aproximar mais família e escola.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos nosso estudo, explicitando as bases metodológicas que deram suporte a nossa pesquisa com o intuito de situar o leitor no contexto da mesma bem como de fazer a descrição do *corpus* e de todos os processos que envolvem o trabalho. Primeiramente, caracterizaremos a pesquisa, apresentando uma fundamentação teórico-metodológica a respeito da mesma.

Abordaremos, na sequência, os procedimentos adotados para a construção da pesquisa e para a análise dos dados colhidos. Em seguida, apresentaremos o cenário da pesquisa, no qual mostraremos os envolvidos e a caracterização do ambiente de estudo.

3.1 A METODOLOGIA DA PESQUISA

Sobre a natureza da pesquisa, ela faz parte do universo literário, aplicada à educação, tratando-se de uma investigação fenomenológica, primordialmente descritiva, com análise qualitativa⁹ e abordagem da pesquisa-ação. Do ponto de vista técnico adotamos a pesquisa-ação que, segundo Thiollent (1986, p.14):

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Sendo assim, como professora e pesquisadora, estivemos dispostos a assumir esse compromisso de realizar uma pesquisa coletiva, junto à comunidade escolar, no caso, uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, buscando, a partir desta metodologia, solucionar coletivamente a situação apresentada.

Nossa pesquisa é de natureza qualitativa, no tocante à forma de abordagem ao problema, visto que, na condição de professora pesquisadora em sala de aula, buscamos identificar os processos envolvidos do nosso objeto de estudo, considerando, principalmente, os sujeitos e contexto em que pesquisa e atores desse processo estão inseridos. Sendo assim, considera o método fenomenológico, que concebe a realidade como sendo algo múltiplo, dependendo do

⁹ Embora apresente dados quantitativos, primamos pelos resultados qualitativos ou valores subjetivos.

ponto de vista de cada sujeito. Neste sentido, concordamos com Oliveira (2007, p.37) quando afirma:

Para uma abordagem qualitativa recomenda-se aos iniciantes em pesquisa clareza quanto à necessidade de se adentrar em estudos que permitam diagnosticar em profundidade a realidade a ser pesquisada. Para realizar esse estudo é importante que já se tenha clareza quanto ao objeto de pesquisa, ou seja, quanto ao tema a ser estudado.

Ter a certeza do que desejamos investigar é fundamental para a obtenção dos resultados alcançados. Para tanto, realizar o estudo/ pesquisa mais apropriada para tal objeto configurou-se como via de integração entre teoria e prática. O homem em seu contexto natural é a base para os estudos qualitativos, objetivando estabelecer uma investigação que ocorre em determinados espaços de tempo e espaço cultural.

Nesse sentido, considerando os objetivos, explicitados na introdução deste trabalho, realizamos uma pesquisa descritiva, a fim de registrar, analisar e interpretar os fatos colhidos, tendo em vista os sujeitos envolvidos e dados investigados. Com relação aos instrumentais de coleta, utilizamos a técnica do questionário com os alunos, fazendo um levantamento, a partir de perguntas abertas, especialmente do perfil dos nossos leitores, considerando o conhecimento destes, principalmente com relação ao texto literário. Interessante avaliar o que enfatiza Thiollent (1986, p.65) acerca de alguns instrumentais de coleta:

Os princípios gerais da elaboração de questionários e formulários convencionais são úteis para que os pesquisadores possam dominar os aspectos técnicos da concepção, da formulação e da codificação. No contexto particular da pesquisa ação, os questionários obedecem a algumas das regras dos questionários comuns (clareza das perguntas, perguntas fechadas, escolha múltipla, perguntas abertas, etc.) Todavia, há algumas diferenças. Na pesquisa-ação o questionário não é suficiente em si mesmo. Ele traz informações sobre o universo considerado que serão analisadas e discutidas em reuniões e seminários com a participação de pessoas representativas.

Daí dizer o quanto é importante conhecer muito bem os educandos envolvidos nesse processo, avaliando não apenas o que está exposto superficialmente em cada questionário, mas atentar para as entrelinhas. É imprescindível considerar o papel da pesquisa-ação nesse momento tão significativo e, por que não dizer, decisivo.

Explicitados os métodos adotados na metodologia, com seu respectivo teórico, vale enfatizar que foram, também, aportes teóricos da nossa intervenção as contribuições, no tocante à pesquisa, de Michel Thiollent (1986) com a pesquisa-ação; Mirian Goldenberg (2004) que

trata da pesquisa qualitativa em ciências sociais; Maria Marly de Oliveira (2007) sobre a pesquisa qualitativa, além de nos pautarmos em outras teorias que estão nas referências bibliográficas.

3.2 PROBLEMÁTICA: O GÊNERO CORDEL NA SALA DE AULA

A opção pelo gênero cordel partiu da constatação, durante nossa atuação na sala de aula, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, de que o cordel é trabalhado de forma limitada, além de ser pouco explorado. Geralmente, para remeter ao poético, grande parte dos professores priorizam pela exploração dos recursos composicionais do gênero, deixando à margem fatores também motivacionais de tais produções. São esses fatores que emergem dos fatos, contextos, situações e vivências cotidianas na sociedade, na comunidade da qual fazemos parte e construímos dia após dia, inclusive com a contribuição cultural daqueles que detêm certo conhecimento, ou seja, os teóricos que apresentam um estudo mais aprofundado dos fatos.

Fundamentamos nosso trabalho a partir das contribuições de Letramento Literário: teoria e prática (2016), obra de Cosson, haja vista a necessidade de implementar uma metodologia, especialmente nas aulas de literatura, capaz de promover o gosto pelo texto literário e uma compreensão mais crítica dos recursos linguísticos, como também do conteúdo abordado. Assim sendo, é importante enfatizar como ocorrem as etapas, em especial para o trabalho com oficinas, baseadas em sequência básica, adotadas no trabalho interventivo. Conforme ressalta Cosson (2016): “[...] nós adotamos a denominação de oficinas porque desejamos enfatizar o caráter de atividade prática, de algo que requer a ação dos alunos e não a simples exposição do professor [...]”. Esta ideia reforça nosso pensamento de que realmente é imprescindível tornar o aluno protagonista, alguém que cria, transforma e encontra respostas para suas inquietações, levando em conta, principalmente, o simbólico mundo da literatura.

3.3 PRETENSÕES DA PESQUISA: O PRAZER AO CONHECER E OUVIR CORDÉIS DE PESSOAS DO LUGAR

Nosso intuito não foi realizar oficinas para ensinar como se faz cordel e, sim, promover momentos de aprendizagem, levando o aluno a sentir prazer, conhecendo e ouvindo cordéis produzidos por pessoas do seu próprio lugar, vivenciando momentos passados a partir dos depoimentos dos próprios poetas e familiares. Desse modo, entender o que há por trás das entrelinhas, a valorizar a riqueza de conhecimentos que nos cercam, buscando também

compreender a causa de alguns sentimentos expressos nos versos, a beleza e, claro, tendo uma visão crítica sobre tais textos.

Somos conscientes da qualidade e complexidade da execução da proposta, pois não é tarefa simples convencer os nossos alunos do lugar que deve ser ocupado pela leitura nas nossas atividades diárias. Nesse sentido, entendermos ter a nossa proposta um trabalho duplo, uma vez que, além de conseguirmos vencer esse primeiro desafio, tencionamos guiar os alunos pelo caminho do conhecer, gostar, entender e criticar o texto literário. É realmente nesta missão de guiar, situando os leitores nos diferentes textos e contextos, que buscamos mostrar o valor do ato de ler.

Assim, dentro dos aspectos psicológicos da aprendizagem, anunciados por Schneuwly (2004), buscamos apresentar uma proposta que levasse o aluno a pensar e avaliar como ele aprende, quais os processos envolvidos na aprendizagem, tendo em vista estratégias, por ele utilizadas, para tanto. Trabalhamos com os aspectos metacognitivos enfocados por Leffa (1996) que além de levar a uma reflexão, fazem do conhecimento algo mais tangível, partindo de um planejamento com objetivos, estratégias e avaliação previamente definidos. Propor atividades capazes de fazer o estudante refletir sobre como ele aprende é, antes de tudo, uma prática decisiva e indispensável a todo educador que busca resultados satisfatórios, não apenas para as aulas de leitura, mas para todas.

3.4 O CENÁRIO DA PESQUISA: ESCOLA PÚBLICA SEVERIANENSE

Nossa pesquisa terá como cenário a Escola Municipal José Neri de Oliveira, Doutor Severiano/RN, instituição na qual lecionamos. Localizada no centro da cidade, a referida escola atende ao público nas modalidades de Ensino Fundamental, de 1º ao 9º ano e EJA (Educação de Jovens e Adultos). É considerada como sendo uma instituição de médio porte, contando com um público considerável, (cerca de 500 alunos), distribuídos nos turnos matutino e vespertino. Trata-se de uma escola com estrutura física muito ampla, com inúmeras dependências, no entanto com relação à sala de leitura ou banco do livro, como comumente é chamada, tem um espaço bastante reduzido. Neste sentido, só é possível a realização de rodas de leitura e/ou atividades do tipo, nos espaços fora da sala de leitura, o que garante apenas a acomodação dos livros acervo considerável, visto que cerca de 4.000 livros pertencentes à antiga biblioteca municipal foram doados para a escola, porém há a necessidade de livros mais atualizados.

A quadra esportiva da escola fica bem próxima à maioria das salas de aula, o que gera tumulto em dias de eventos, treinos e até mesmo quando tem aulas de Educação Física, no local,

nos horários normais de aulas. Esse fator interfere, negativamente, especialmente nos momentos de aulas de leitura, o que deve ser repensado.

3.5 OS SUJEITOS DA INTERVENÇÃO: LEITORES CRÍTICOS EM CONSTRUÇÃO

A pesquisa foi realizada em uma turma de 9º ano que conta com 27 alunos, sendo que 20 destes, residem na zona urbana e 07 são da zona rural. Quase todos são filhos de agricultores, mas também há filhos de comerciantes, de funcionários públicos municipais e/ou estaduais. Vale destacar ainda que, muitos desses alunos, por não terem o incentivo necessário, não apresentam a devida motivação para a prática da leitura, o que corrobora para um comportamento inadequado desses leitores. Como fator preponderante para nosso trabalho, enquanto professores formadores de opinião, bem como considerando o texto literário, importante ferramenta para a construção da criticidade, ressaltamos, neste momento, a afirmação de Colomer (2007, p. 30):

Mas o que significa ser um leitor literário competente em nossa sociedade? Esse cidadão que se espera ter formado ao fim do período escolar já não é alguém que possua alguns conhecimentos informativos sobre a literatura, tal como se depreendia da caricatura a que se havia reduzido o modelo patrimonial e historicista; mas tampouco alguém que tivesse adquirido um aparato instrumental adequado para uma análise textual própria da função de um leitor profissional especializado, tal como pareciam indicar os modelos surgidos na década de 1970, que entronizaram o ‘comentário de texto.

É preciso formar leitores construtores de sentidos, especialmente nos dias atuais, pois nossos estudantes, além de demonstrarem conhecimento, devem ser aptos a fazer reflexões acerca das suas aprendizagens e, a partir daí, serem capazes de produzir, criar, construir. Acreditamos que, pensando nessa formação de leitores mais competentes e engajados nos projetos de desenvolvimento, a escola da qual fazem parte os alunos incluídos nesta pesquisa, busca, através de programas como o “Mais Educação” elevar o nível de aprendizagem em vários aspectos, o que contribui significativamente para a formação de sujeitos aptos. Enfim, os sujeitos que compõem a nossa pesquisa têm como característica ser participativos, alunos que gostam de desafios, no entanto precisam ser instigados para enfrentar os desafios e é essa a nossa pretensão. Para tanto, temos em mente a visão de Silva (2009, p.24) que afirma:

Esse é um patamar de leitura que não se atinge de imediato, que requer um percurso por parte do leitor. Para ser capaz de fazer tal leitura, é preciso estar com todo conhecimento – a bagagem cultural – a postos, estar com a mente alerta e ser capaz de relacionar, confrontar, chegar a sínteses e conclusões. Ser um leitor crítico não é dom, é aprendido. Por isso está ao alcance de todos nós, é um processo que se cumpre aos poucos. Na escola, o professor deve atuar como um guia, conduzindo seus alunos adiante nesse percurso.

Como vemos, esse nível de leitura não é alcançado num curto espaço de tempo, mas no decorrer de todo um trabalho pautado na bagagem cultural que cada leitor traz. Por atuar no nível simbólico da linguagem, a literatura é o caminho mais adequado para se alcançar um elevado patamar de leitura e a prática, associada a eficientes metodologias são necessárias para tal.

3.6 SELEÇÃO DO *CORPUS*: PRODUÇÕES LITERÁRIAS DE POETAS SEVERIANENSES

Para o desenvolvimento da proposta de intervenção, foram escolhidos poemas/cordéis de três poetas severianenses que, em seus versos, abordam questões sociais, históricas, políticas, religiosas e culturais do município de Doutor Severiano, tanto no tocante a fatos antigos quanto aos atuais. Diante de tamanha riqueza, advinda através da literatura local, faz-se necessária a promoção de um trabalho que dê destaque a esse patrimônio. Daí a nossa proposta. O nosso *corpus* de análise é composto por: resultado do questionário direcionado para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, sujeitos participantes/envolvidos na nossa pesquisa (perfil dos alunos), análise de cordéis realizada pela professora pesquisadora, análise de cordéis realizada por alunos e uma análise das correlações possíveis entre os textos dos poetas estudados e as produções dos alunos.

A partir do construtivismo inspirado nas ideias de Jean Piaget, buscamos construir uma abordagem pedagógica que prima pelo ensino com foco no contexto de inserção do aluno, pois a compreensão crítica de um texto dependerá do conhecimento que o leitor tem do contexto. Planejamos oficinas priorizando a leitura, o lúdico, o prazer que deverá despertar no aluno os sentimentos enraizados em cada cordel lido, bem como fazer com que, a partir desses sentimentos e sensações, esse mesmo aluno passe a perceber nos versos não apenas o texto literário, mas seja capaz de trazer a crítica, o social, o cultural, o local. Destacamos então, a importância da ideia de pertencimento, ou seja, os cordéis dos poetas locais desempenham aqui a função de propriedade local e esse fato é um forte indício de que precisamos conhecer e

valorizar nossa cultura, nossa literatura, enfim, a história da nossa gente. Nesse sentido, concordamos com Leffa(1996, p.17) quando declara:

Na leitura, como na química, para termos uma reação é necessária levar em conta não só os elementos envolvidos, mas também as condições necessárias para que a reação ocorra. O simples confronto do leitor com o texto não garante a eclosão de todos os acontecimentos que caracterizam o ato da leitura. A produção de uma nova substância – no caso a compreensão – só ocorre se houver afinidade entre os elementos leitor e texto e se determinadas condições estiverem presentes.

Nesse sentido, buscamos oferecer as condições necessárias, como também tivemos uma visão investigativa para descobrir como o aluno aprende melhor, como ele interage com mais afinco e gosto para com as obras literárias, especialmente, aquelas que fazem parte da cultura local. É importante saber ainda, quais as curiosidades e dúvidas deles com relação a essas obras, autores e situações envolvidas nas produções. Esses passos poderão dar um direcionamento mais preciso para prosseguirmos rumo a tão almejada compreensão crítica do nosso aluno acerca da literatura, como também despertar nele o interesse e envolvimento pela leitura literária, especialmente dos versos. Assim, também comungamos com as ideias de Bordini (1993, p. 88):

Uma vez detectadas as aspirações, valores e familiaridades dos alunos com respeito à literatura, a etapa seguinte consiste no atendimento do horizonte de expectativas, ou seja, proporcionar à classe experiências com os textos literários que satisfaçam as suas necessidades em dois sentidos. Primeiro, quanto ao objeto, uma vez que os textos escolhidos para o trabalho em sala de aula serão aqueles que correspondem ao esperado. Segundo, quanto às estratégias de ensino, que deverão ser organizadas a partir de procedimentos conhecidos dos alunos e de seu agrado.

A partir dessa colocação de Bordini (1993), realmente, primamos pelas aspirações e expectativas dos estudantes, pois nosso desejo era apresentar uma literatura que seja condizente com as vivências deles trazendo, portanto, um misto de satisfação e aprendizado, além de fazer com que nossa cultura seja divulgada. Viajamos no embalo da leitura de alguns versos dos poetas contrerrôneos, Gentil Alves da Silva, Deca de Gentil e Eridan Santos; com motes, causos, glosas que descrevem o lugar, tratam de acontecimentos, pessoas, momentos vividos na pequena cidade de Doutor Severiano, divulgando um pouco da cultura da nossa serra. Para fazermos esse apanhado cultural, trazendo para o conhecimento do nosso alunado, nada mais propício do que contar com a parceria dos poetas indicados, sendo que Gentil Alves da Silva

(*in memoriam*) representado por familiares, considerando ainda, o material reunido com obras do poeta e documentário em sua homenagem. Um trabalho com essa conjectura evidencia o que Aguiar (2006, p.129) declara: “a análise dos textos permite observar que a configuração da criança enquanto sujeito sócio histórico ocorre por meio da reprodução/produção de narrativas em que esteja presente a construção de um universo social que mimetizem o seu lugar histórico.” Assim, temos uma literatura que busca ser parte integrante na formação cultural e social de um povo, sendo este capaz de reconhecer seus representantes na poesia.

Desse modo, explicamos como ocorre esse trabalho sequenciado com literatura, por meio de oficinas, que compreende a sequência básica (SB) e a sequência expandida (SE). A primeira, para Cosson (2016), é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação, e deve ser direcionada ao Ensino Fundamental. Já o segundo modelo vem ampliar a sequência básica, mantendo os quatro passos da SB e acrescentando: contextualização, subdividida em contextualização teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática. Ainda tem a segunda interpretação e a Expansão. Por fim, adotaremos, portanto, a SB.

4 A INTERVENÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Tendo em vista nossos objetivos, sabemos da relevância de cumprirmos uma metodologia com etapas condizentes com o objeto pretendido. Para tanto, em um primeiro momento, fizemos a apresentação do nosso projeto para os alunos envolvidos, enfatizando a valia da leitura literária e a necessidade de relacionar a literatura ao nosso contexto de inserção. Tendo por base as fases apresentadas por Cosson (2016), consideramos a interpretação como sendo o ponto principal do processo, porque é a partir do compartilhamento das interpretações que os leitores passam a adquirir consciência de serem membros da coletividade e que esta fortalece e amplia seus horizontes de leitura. É exatamente em busca dessa consciência que enveredamos por esse caminho e convocamos nossos alunos para seguirem conosco.

A partir da sequência de oficinas adotadas, realizamos a exposição do projeto enfatizando, especialmente, nosso objetivo primordial e os resultados obtidos a partir dos questionários em um momento antes da primeira oficina. Assim, seguimos a seguinte sequência para as oficinas, como vemos no tópico abaixo.

4.1 PLANEJAMENTO DAS OFICINAS

QUADRO 01: Realização de oficinas de cordéis com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental

SEQUÊNCIA BÁSICA (Oficinas)	OBJETIVO	DESCRIÇÃO	DURAÇÃO/DATA
ABERTURA	Apresentar aos alunos a produção literária de poetas severianenses, com vistas a problematizá-la.	Apresentação, em linhas gerais, do projeto de pesquisa. * Realização do “piquenique com cordelistas da nossa serra”, com as seguintes apresentações: - Ambiente organizado de acordo com a temática do cordel (cordéis expostos em barbante, outros objetos e cartazes que remetam ao gênero) e alimentos (especialmente frutas típicas do lugar); - Apresentação de poetas e familiares que irão tratar acerca da importância do cordel, bem como recitarão alguns versos (Eridan	04h/a 13-03-2018

		Santos, Gentil Alves- familiares, Deca de Gentil.) - Mesa redonda com os poetas sobre a relação da criação dos versos com a comunidade Perguntas: 1. Como o cordel entrou na sua vida? 2. O que a poesia/cordel representa para vocês? 3. Por que podemos dizer que o cordel é um elemento da cultura popular? Vocês levam isso em consideração ao criar seus versos? 4. Para vocês, o cordel tem que ser um instrumento que levante questões e problemas sociais ou deve ser encarado apenas como algo artístico? Por quê? - Realização de uma primeira produção dos alunos a partir de desenhos que representem alguns dos temas discutidos na mesa redonda. - Apresentação e discussão dos desenhos criados, considerando a compreensão do aluno por meio da sua criação artística; - Degustação dos alimentos.	
1ª OFICINA	Conhecer o universo dos cordelistas, buscando compreender a fundamentação dos seus versos.	Exibição dos vídeos do <i>you tube</i>: “Literatura de cordel” (do paraibano Francisco Diniz) e Literatura de cordel: Poesia popular, arte e raiz (programa Vivíssima da rede Aparecida) - Discussão sobre os vídeos considerando: História do cordel, representantes apresentados nos vídeos, importância cultural dessa literatura, temáticas mais	02 h/a 19-03-2018

		abordadas e o prazer que essa arte mista promove. - Análise da existência e resistência da poesia/cordel na nossa comunidade a partir de entrevista previamente realizada por equipes de alunos. ENTREVISTA COM POETAS LOCAIS: 1. Como a vida que você teve influenciou na produção dos seus versos? 2. Qual a importância do cordel para a cultura popular? 3. Como se dá a motivação para desenvolver seus versos? Quais as temáticas mais abordadas? 4. O que precisa ser feito nas escolas para incentivar a cultura do cordel? 5. De que forma sua obra está situada dentro do contexto sócio histórico? 6. Qual a relevância do seu material poético para você e para sua comunidade? - Apresentação das entrevistas realizadas pelas equipes e discussão acerca das informações colhidas, considerando sempre a literatura e o contexto, bem como relacionando os resultados com os vídeos assistidos. - Criação de desenho livre a partir de um aspecto observado durante a entrevista e que merece destaque. - Apresentação dos desenhos.	
--	--	---	--

2ª OFICINA	Estabelecer o contato com a produção literária escrita de poetas locais, atentando para as temáticas abordadas nos cordéis.	Realização de roda de leitura, contemplando livros e folhetos dos poetas locais em estudo. - Leitura de cordel realizada pelo professor, comentando, em seguida, sobre temática abordada, contexto sócio histórico envolvido, bem como o teor literário presente. - Distribuição do material a ser contemplado e lido pelos alunos, alertando para a necessidade de atentarem para os aspectos ora observados pelo professor na leitura que este realizou anteriormente. - Momentos de leitura realizados individualmente e em grupos. - Anotação dos aspectos observados durante as leituras. - Discussão acerca das anotações realizadas, relacionando as descobertas aos respectivos poetas/autores. - Montagem (em grupos) de painéis com desenhos/imagens que mantenham relação com os aspectos observados nos versos contemplados/estudados. - Apresentação dos painéis, relacionando-os aos poetas.	02 h/a 20-03-2018
3ª OFICINA	Conhecer o contexto de inserção dos poetas, bem como a atuação destes para o desenvolvimento cultural da comunidade.	Exibição de documentário sobre vida e obra de Gentil Alves; - Discussão a respeito do contexto de vivência, há décadas atrás, dos poetas estudados, fazendo o contraponto à realidade atual da nossa cidade. - Organização de equipes para apresentarem, de forma criativa,	03 h/a 26-03-2018

		situações presentes em cordéis lidos. - Apresentação das temáticas escolhidas, relacionando-as aos contextos explorados.	
4ª OFICINA	Promover a oralidade a partir de questionamentos acerca da crítica social presente no gênero cordel.	Leitura, realizada pelo professor, do cordel: “Mulher”, escrito por Eridan Santos em 08/03/2002; - Realização de uma tempestade de ideias, feita na lousa, considerando as principais temáticas contempladas nos versos, a saber: discriminação, independência feminina, sociedade machista, direitos adquiridos pela mulher... - Questionamentos direcionados aos alunos, considerando o texto lido, bem como as discussões feitas a partir da tempestade de ideias: 1º. As situações que abordam críticas sociais, presentes no cordel, são importantes para a atualidade? Por quê? 2º. O cordel trabalhado, além de apresentar a homenagem poética à mulher, traz à tona fatos que marcaram uma trajetória de lutas. Qual a importância disso para a sociedade? 3º. Apesar de tratar de inúmeras conquistas adquiridas pela mulher, a autora deixa claro que a luta continua. Por quê? Que versos evidenciam isso? Há possibilidades dessa luta chegar ao fim? Como? 4º. Nas oficinas anteriores trabalhamos com cordéis que também apresentam significativas críticas sociais. Citemos alguns	02 h/a 27-03-2018

		exemplos e busquemos relacionar com a nossa comunidade e o contexto sócio histórico atual.	
CULMINÂNCIA	Valorizar a literatura de cordel como manifestação popular, bem como demonstrar os conhecimentos adquiridos a partir dessa arte da palavra.	Exposição de murais dos poetas locais trabalhados no decorrer das oficinas: (fotos, biografias, livros, poemas...) - Material utilizado nas oficinas - Produções dos alunos - Realização de leituras dramáticas a partir de textos dos poetas trabalhados. - Recital realizado pelos alunos. Público: 6º ao 9º ano (turno matutino), professores, coordenadores e gestão escolar.	02 h/a 02-04-2018

FONTE: autoria própria

4.2 DESCRIÇÃO DAS OFICINAS

Depois do encerramento do evento de abertura, que apresentou a produção literária de poetas severianenses, levamos os alunos a ter curiosidade por participar das oficinas em sala de aula. Como estratégia, demos preferência por levar os poetas até a sala de aula, para os alunos conhecer suas produções de forma mais direta e apreciativa. Acreditamos que a proximidade do aluno com os textos ficou reservada para as oficinas, pois a planície fria do livro ou do folheto não comunica tanto quanto o contato humano, caloroso e espirituoso.

Desse modo, trabalhamos com oficinas, considerando a importância de realizar oficinas de cooperação e interação, seguindo uma sequência básica que, segundo Cosson (2016) perpassa pelas seguintes fases: motivação, introdução, leitura e interpretação. É isso o que queremos, porque nosso trabalho deve dar uma resposta, não apenas para a sala de aula, mas para a sociedade em suas práticas cotidianas. Isso está em total consonância com nossos objetos de análise, a saber: questionário respondido pelos alunos, que serviram como norteadores do nosso plano de ação; a produção literária local, em função do estudo desse material; as produções dos alunos e, por fim, a correlação entre os cordéis dos nossos poetas e as produções

dos alunos, no intuito de garantir um estudo do que está mais próximo da nossa realidade. Analisando algo nosso, teremos muito mais chances de compreender realidades mais distantes. Para Proença Filho (1992, p.32): “é preciso considerar ainda que só há literatura onde existe um povo e, conseqüentemente, o desenvolvimento de uma cultura”. O crescimento educacional com qualidade só é possível quando conhecemos a necessidade de cada povo, cada país, cidade, comunidade, aquilo que faz parte da sua cultura. Acreditamos ainda que nossa pesquisa contribua tanto com os estudos literários quanto com a formação leitora dos nossos alunos, considerando ser o texto literário muito completo, rico, capaz de contribuir de muitas maneiras para a formação do sujeito enquanto cidadão atuante e participativo.

Dessa forma, nossa ação interventiva teve início dias antes de começarmos as oficinas, pois, em primeira mão, apresentamos nosso projeto, primando pelas principais informações, em que aplicamos um questionário para os alunos e distribuimos por três grupos, de modo que eles deveriam realizar entrevista com os poetas a serem trabalhados e que seriam apresentadas na primeira oficina. Passaremos a relatar o processo de intervenção com detalhes, visto que é imprescindível descrevermos todo o processo trilhado para que compreendamos melhor os procedimentos metodológicos utilizados e, conseqüentemente, avanços e dificuldades.

Assim, pensando na leitura crítica do texto literário, planejamos as oficinas por meio de sequência básica, considerando a importância da leitura compartilhada para a obtenção de uma maior criticidade. Nesse caso, alguns cordéis foram ouvidos, lidos, recitados, discutidos e interpretados, utilizando-se tanto da linguagem verbal como da não verbal, para tanto temos a seguinte sequência:

ENCONTRO DE ABERTURA

- Na apresentação dos poetas locais para os estudantes, não somente o evento deveria ser especial, mas um cenário propício e condizente com a cultura popular foi imprescindível. A figura abaixo evidencia nosso pensamento:

FIGURA 18: Cenário do piquenique com poesia



FONTE: Arquivo pessoal da pesquisadora

Dessa forma, o evento de abertura “Piquenique com cordelistas da nossa serra” foi planejado com a intenção primordial de motivar os alunos para que participassem, conhecessem os poetas estudados e percebessem a importância cultural dos textos trabalhados. Com os alunos acomodados em local amplo e aconchegante, recebemos com versos de acolhida e aplausos os poetas locais: Eridan Santos, Deca de Gentil e Gracinha Casé que, na ocasião, representava seu pai Gentil Alves (poeta *in memoriam*). Contamos ainda com as presenças da direção e coordenação da escola, professores e secretário de educação do município. Além da apresentação dos poetas presentes, feita pela professora, convidamos um a um para falar do seu ofício de escritor e apresentar alguns versos para nossos alunos. Eridan Santos foi a primeira a fazer sua apresentação, falando da honra em fazer parte no nosso trabalho dissertativo como também da importância de mantermos viva a cultura cordelista, especialmente, no que se refere à literatura produzida na comunidade severianense. Em seguida, ela recitou o poema “Meu caminhar” utilizando uma dinâmica de interação, uma vez que cada estrofe recitada estava escrita em pétalas e o poema completo em uma rosa feita em EVA. Quando recitava a estrofe, entregaria a pétala para alguém da plateia e assim sucessivamente. Foi uma dinâmica interessante, visto que prendeu bastante a atenção de todos os presentes, especialmente, dos alunos que ouviam cada palavra e estavam atentos a cada movimento da poetisa.

Acreditamos que, a partir de metodologias mais motivadoras, podemos gerar certo grau de satisfação nos nossos estudantes ao ouvir e/ou ler um poema/cordel, cujos resultados poderão gerar prazer e compreensão, duas vertentes indispensáveis para leitura literária. Bordini e Aguiar (1993, p.15) afirmam: “o texto literário é plurissignificativo, permitindo leituras diversas justamente por seus aspectos em aberto.” Faz-se necessário, pois, enquanto

professores, orientadores no processo de aquisição do letramento literário, bem como da compreensão crítica, instigar os alunos/leitores para que percebam o texto literário dessa forma, ou seja, algo cuja variedade de significações pode ser construída a partir de cada olhar, de cada construção interpretativa.

Seguindo nossa descrição, em um segundo momento, Eridan Santos apresentou dois livros que publicou pela GL gráfica e editora, o primeiro livro: *Poesia: Ideias, Expressão e Conhecimento*, lançado em 2007, trazendo experiências de vida a partir de poesias reflexivas, humorísticas, aspectos sociais, políticos, religiosos, econômicos, enfim uma variedade de situações, compondo uma integração entre ficção e realidade. Ela recitou alguns versos do livro, deixando claro para os alunos que cada poema produzido pela mesma tem uma fundamentação e contextos bem definidos, esclarecendo os fatores motivacionais para a criação de cada poema. Esse é um dado importante para darmos sequência ao nosso trabalho com os alunos, pois nosso foco é conduzir o aluno para a realização de um estudo atento dos cordéis, em que ele passe a perceber a crítica social presente nos mesmos. Assim, o segundo livro da poetisa foi lançado no ano de 2016, trata-se do registro da sua dissertação de mestrado, sendo que o texto científico foi todo transformado em poesia; intitulado: “Dissertação poética: só pra contrariar”. Em seguida, a autora falou para os alunos dos planos que tem para lançar mais um livro, se possível, ainda neste ano de 2018.

Seguindo esse raciocínio, o cordelista Deca de Gentil iniciou sua fala agradecendo pelo espaço cedido para que ele pudesse apresentar seus versos. O poeta apresentou e recitou alguns poemas, mostrando sempre em que condições produziu cada um, motivações e contextos que contribuíram para tais produções. Começou falando sobre sua filha, aluna da turma de 9º ano ali presente que, em certa ocasião perguntou-lhe se lembrança e saudade seriam a mesma coisa e esse questionamento teria sido o motivo para ele escrever o poema “Saudade e lembrança”. Aí, percebemos o interesse dos alunos pelas explicações dadas pelo poeta, declamando versos com temáticas diversas como amor, lembranças, fatos sociais, históricos, questões familiares, atualidades, entre outros presentes nos versos de Deca. Essa diversidade mostra que ele é um artista atento aos acontecimentos e se mostra sempre muito empolgado para a criação artística. O *facebook* é tema de um dos seus poemas e foi declamado para os alunos que mostraram grande empolgação ao ouvir, visto ser um assunto bem atual e de grande interesse para o público jovem. Deca tem vários cordéis organizados em formato de livro, porém não lançou obra alguma em gráfica. De família reconhecida pela “veia poética”, tem ainda irmãos que declamam os versos do patriarca da família com destreza.

Outro poeta local foi Gentil Alves (*in memoriam*), primeiro tabelião do cartório único da cidade, grande divulgador da cultura oral do cordel, representado no nosso evento pela sua filha Maria das Graças, conhecida como Gracinha Cazé que relatou a vida do poeta. Percebemos como os alunos acharam interessante a história de vida de uma pessoa da nossa comunidade, de cuja existência, até então, desconhecida para muitos. Chamou atenção o fato de ele ter estudado pouco e ter sido uma pessoa tão respeitada na comunidade pelo conhecimento que tinha, inclusive, poético e pelos serviços prestados à população. Como era tabelião, cargo muito respeitado no período, “casava e batizava,” quase todo mundo da cidade.

Há uns cinquenta, sessenta anos atrás, como eram mínimas as condições de vida na pequena cidade, padres e médicos vinham por aqui eventualmente, sendo que o município era comarca de São Miguel – RN, município próximo. Gentil, como foi durante muito tempo sacristão na capela de Santa Luzia, onde tinha como pároco o Pe. José Aires, na ausência do padre, Gentil era solicitado pelas famílias para visitar doentes, batizar anjos pagãos, ou seja, recém-nascidos que morriam sem ser batizados, dentre outros serviços religiosos. Prestava muitos serviços à comunidade também na área da saúde; quando alguém adoecia e o médico não se encontrava na cidade, chamavam Gentil que escutava e anotava os sintomas da doença do paciente e viajava para São Miguel ao encontro do doutor José Torquato de Figueiredo que receitava o medicamento e, assim, muitas foram as consultas feitas por intermédio de Gentil Alves, poeta muito solidário na comunidade. As viagens feitas para São Miguel eram durante o dia ou à noite, e como praticamente não tinha transporte (carro) no município, Gentil viajava a cavalo ou a pé, costume muito comum na época. Como era muito sociável, estava sempre presente no dia a dia da pequena comunidade, seja nas conversas de bar, animando aos presentes com suas piadas, serestas, glosas e anedotas, nas queimas de tijolos (caieira), que ocorriam durante toda a noite, eram ocasiões sempre mais alegres e menos enfadonhas, porque com ele por perto era certeza de diversão. Enfim, a partir do relato feito por Gracinha Cazé, os alunos conheceram um pouco sobre a vida desse poeta tão significativa para o município. Suas criações poéticas foram então apreciadas com bastante atenção, com temáticas variadas como amor, saudosismo, seca, inflação, cotidiano, costumes do lugar, pessoas da comunidade, enfim situações que transmitem ponto de vista, ideias, sentimentos através dessa arte popular riquíssima.

Na sequência, o Secretário de Educação, José Nilton de Sousa, fez questão de falar sobre a importância do momento e a alegria de estar presente, visto ser um apaixonado por poesia. Enalteceu o talento dos poetas locais e recitou versos de poetas nordestinos como João Pereira

da Luz, mais conhecido como João Paraibano, sob o mote: “Vou no trem da saudade todo dia, visitar o lugar que fui criado.” e Zé Ramalho “O meu nome é Trupizupe”.

Após as apresentações e recitais, iniciamos uma breve sessão de perguntas aos poetas convidados, através de mesa redonda. Com perguntas preestabelecidas, alguns alunos foram encarregados para desempenhar essa tarefa. Tais perguntas haviam sido enviadas para os convidados, juntamente com o convite do evento. Dessa forma, ocorreu uma interação muito boa, com sincronia e clareza entre perguntas e respostas. Quatro alunos ficaram responsáveis para fazer as perguntas, sendo que cada aluno fez uma, respondida pelos três poetas e ao finalizar as perguntas, todos teriam respondido as quatro. As perguntas foram: (i) Como o cordel entrou na sua vida?; (ii) O que a poesia/cordel representa para vocês?; (iii) Por que podemos dizer que o cordel é um elemento da cultura popular? Vocês levam isso em consideração ao criar seus versos?; (iv) Para vocês, o cordel tem que ser um instrumento que levante questões e problemas sociais ou deve ser encarado apenas como algo artístico? Por quê?

Após conhecerem os poetas, ouvirem alguns dos seus versos, consideramos de grande relevância a realização da mesa-redonda, pois foi algo que, além de levar nossos alunos a conhecerem, ainda mais cada um dos artistas presentes, contribuindo bastante para os estudos, leituras e análises nas oficinas vindouras. De posse dessas informações básicas, os alunos foram instigados a realizar suas primeiras produções, criando desenhos que simbolizassem algo de concreto diante da mesa redonda. Assim, eles apresentaram bons resultados, mostrando, na grande maioria, certa compreensão do que foi vivenciado na ocasião. Para fechar as atividades do dia, tivemos a degustação dos alimentos, ouvindo as boas músicas de Zé Ramalho, desconhecido para grande parte dos alunos da turma. Como adotamos a sequência básica em nossas oficinas, enfatizamos ter havido, nesse primeiro momento do nosso trabalho, a motivação, pois como declara Cosson (2016, p. 54): “o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende da boa motivação.” Assim, o primeiro passo da sequência foi dado nesse evento de abertura, visto a preparação dos alunos para as demais etapas. O contato com os poetas, familiares dos poetas e com o secretário de educação foi positivo para os alunos, pois eles foram bem motivados a prosseguir os trabalhos. Nas imagens a seguir, os convidados fazendo suas apresentações.

FIGURA 19: Evento de abertura



FONTE: Arquivo pessoal da pesquisadora

4.2.1 Primeira oficina: aproximando cordelistas e possíveis leitores

O evento de abertura proporcionou uma aproximação entre alunos e cordelistas, tornando os poetas conhecidos e promovendo o encontro entre seus versos e novos leitores, o que facilitou o trabalho da professora-pesquisadora. A partir de então, leituras, produções, vídeos informativos, dentre outras estratégias, promovendo o prazer, a partir da leitura e gerando aprendizagem de qualidade, de acordo com nossos objetivos propostos.

Na sala de aula, com os alunos organizados em semicírculos, passamos a exibição do vídeo do *you tube*: “Literatura de cordel” do paraibano Francisco Diniz e “Literatura de cordel: poesia popular, arte e raiz” do programa vivíssima da rede Aparecida. Nenhum dos vídeos eram longos, nem cansativos, eram de fácil compreensão, dinâmicos e com informações de forma clara, chamando a atenção de quem os assiste.

Embora nosso trabalho com cordel contemple autores da nossa comunidade, deveríamos mostrar para os alunos um pouco da história do cordel no Brasil e no mundo, alguns representantes dessa arte apresentados nos vídeos, a importância, as principais temáticas e o prazer ao ouvirmos os versos recitados. Esses foram os pontos discutidos com os alunos após a projeção dos vídeos, fazendo com que eles percebessem o quanto essa arte é rica e da mesma forma que valorizamos os representantes nacionais, devemos valorizar os locais, pois representam, a partir da palavra escrita, a sociedade da qual fazemos parte, seus fatos sociais,

históricos, políticos, religiosos, etc. Dessa forma, trouxemos mais informações para oferecer aos alunos e maiores condições de, no decorrer das oficinas, realizar as tarefas propostas.

Previamente, entregamos para os alunos, divididos em três grupos, perguntas referentes a uma entrevista que eles deveriam realizar extraclasse com os poetas locais estudados; nestas perspectivas, passamos a avaliar os resultados das entrevistas realizadas, por meio da leitura e discussão das perguntas e respostas feitas por cada grupo. As perguntas eram as seguintes:

1. Como a vida que você teve influenciou na produção dos versos que você já fez?
2. Qual a importância do cordel para a cultura popular?
3. Como se dá a inspiração para desenvolver seus versos? Quais as temáticas mais abordadas?
4. O que precisa ser feito nas escolas para incentivar a cultura do cordel?
5. De que forma sua obra está situada dentro do contexto sócio histórico?
6. Qual a relevância do seu material poético para você e para a comunidade da qual faz parte?

A partir das apresentações de perguntas, respostas e discussão, os alunos demonstraram entender o quanto é significativo manter viva a cultura, a arte literária de um povo, de uma comunidade, pois ao dar suas respostas, em versos ou prosa, nossos poetas tiveram o cuidado de deixar claro para os entrevistadores (alunos) a pouca valorização dada a essa arte e o papel da escola e dos alunos para desempenhar essa função de divulgadores. Nessa primeira oficina, além de continuarmos com a parte motivacional adotada por Cosson (2016), adentramos um pouco na introdução, que é a segunda etapa da sequência.

4.2.2 Segunda oficina: conexão entre poetas, obras e leitores

No intuito de estreitar os laços entre os alunos e a produção literária dos poetas estudados, realizamos uma roda de leitura nesta oficina, através do cordel “Sertão sofredor” do poeta Deca de Gentil, fazendo em seguida, o comentário acerca da temática abordada, ou seja, a seca, vista na comunidade local como algo assustador, pois grande parte da população severianense tem a agricultura como principal fonte de renda. Mostramos o quanto o poeta retratou algo marcante na história da sociedade, discutindo a beleza dos versos, acompanhados de mote que enriquece a produção literária. Logo após, disponibilizamos muitos textos de cada poeta, deixando os alunos a vontade para observar e fazer as suas escolhas para a realização das leituras. Essa leitura, num primeiro momento, foi silenciosa e depois partimos para leituras feitas em grupos para que os alunos pudessem interagir e discutir acerca dos textos lidos,

atentando para os aspectos avaliados pela professora na discussão do primeiro poema. Assim, os alunos foram instruídos a fazer anotações para a discussão no grupo. Foi uma discussão proveitosa, envolvendo temáticas diversas, visto que as leituras realizadas contemplaram essa variedade.

Em um outro momento da oficina, disponibilizamos um material para a confecção de três painéis sobre os cordelistas estudados. Nos painéis, feitos em grupos, os alunos colocaram fotos, biografia, poemas, imagens e desenhos referentes aos poemas trabalhados, através das informações colhidas para representar da melhor forma possível aquele (a) que foi e/ou é ícone da literatura local.

Nestas perspectivas, percebemos o envolvimento da maioria dos alunos na tarefa, obtendo êxito na execução da atividade, pois houve ainda a preocupação em representar os textos estudados através de desenhos bem condizentes. Aqui conseguimos realizar a introdução da sequência, promovendo esse encontro entre o aluno e o texto utilizando, para tanto, meios estratégicos para obter sucesso sem tornar a tarefa enfadonha para os alunos, porque, Cosson (2016, p. 61) enfatiza: “[...] é preciso que o professor tenha sempre em mente que a introdução não pode se estender muito, uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno perceba a obra de uma maneira positiva.” Dessa forma, é mais fácil que se crie um vínculo afetivo entre o leitor e a obra, ficando sempre um algo a mais para ser apresentado em uma outra ocasião.

4.2.3 Terceira oficina: formando repertório de leitura de cordel

Nesta terceira oficina, apresentamos um documentário produzido por Vanderli Araújo, severianense, professor, que reside e trabalha atualmente na cidade de Pereiro/CE. Esse documentário traz depoimentos de familiares e amigos do poeta Gentil Alves (*in memoriam*); contando quem foi Gentil, como viveu, sua produção poética, quais as contribuições dele para a comunidade, tanto no aspecto cultural quanto social. Como Gentil Alves faleceu no ano de 1994 e os alunos não tiveram a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, a projeção desse vídeo foi fundamental para o efetivo desenvolvimento da oficina e dos conhecimentos do público alvo. No vídeo assistido, os alunos reconheceram pessoas da comunidade que deram seus depoimentos, conhecendo muito sobre Gentil como poeta e como pessoa e percebendo as diferenças entre o contexto social da comunidade há anos atrás e o contexto atual. Além de ter sido algo oportuno para a conscientização do valor cultural/literário dos poetas locais, despertamos para o entendimento de que, sem isso, corremos o risco de sermos um povo sem memória, sem cultura. Neste sentido, a discussão, em sala de aula, girou em torno dessas

questões, seguida da leitura feita pela professora de um dos cordéis mencionados no documentário pelo próprio Juvenal (*in memoriam*): “Quem quizer saber de tudo vá pra o bar de Juvenal” que traz sua composição poética escrita em décima¹⁰, com o mote sendo o próprio tema do cordel. O cordel escolhido retrata com fidelidade como era a rotina em um dos bares da cidade que atualmente não existe mais. Esse cordel de Gentil Alves, além da riqueza poética, contribuiu para que, anos mais tarde, ficássemos sabendo de fatos e situações vivenciadas por pessoas da comunidade, conhecendo o saudoso Juvenal, suas aventuras. O cordel revela ainda como eram os bares há mais de quarenta anos atrás e assim fizemos uma viagem no tempo, podendo, através dessa leitura, imaginar o burburinho dos homens que frequentavam o bar e ainda, quão atenta eles ficavam ao ouvir os versos, piadas e causos de Gentil, saber dos assuntos mais comuns no cotidiano do local, podendo fazer comparações com todos esses aspectos na atualidade. Isso tudo é proporcionado pela literatura, pela poesia, pela arte da palavra, que tem seus encantos míticos e encontros com o real.

Na sequência, com os alunos agrupados em equipes, fizemos a distribuição de três cordéis dos poetas estudados para cada grupo. Aí, eles realizaram leituras e discussões nos grupos e, em parceria com a professora para tirar possíveis dúvidas, escolheram, em cada equipe, um poema para ser apresentado de forma criativa. Podemos dizer que os resultados dessa tarefa foram satisfatórios, pois a maioria dos grupos representou bem os textos por meio de jograis, encenações e até desenhos representativos; demonstrando compreensão de vários aspectos marcantes dos textos escolhidos.

De fato, ocorreu a leitura referendada na sequência básica, pois propomos leituras em equipes, com interação e discussão, estabelecendo objetivos a serem cumpridos ao término das leituras. Nossa atuação em cada um dos grupos formados primou por observar as dificuldades dos alunos ao realizar a atividade, pois estamos em consonância com as ideias de Cosson (2016) quando percebe nessas dificuldades enfrentadas pelos alunos e auxiliadas pelo professor, como sendo o início de uma intervenção eficiente na formação de leitor do aluno.

4.2.4 Quarta oficina: um cordel e sua crítica

Como foi um poema que não havia sido contemplado no decorrer das demais oficinas e por trazer um tema importantíssimo, abordando fatos de interesse social, referenciando tanto o passado quanto o presente, confrontando épocas, “Mulher”, poema de Eridan Santos, foi

¹⁰ É uma estrofe de dez versos de sete sílabas poéticas, ela é o gênero usado pelos cantores repentistas para os versos de mote.

recitado enfaticamente pela professora, com o propósito de chamar a atenção dos alunos para todos os aspectos ora mencionados acerca dessa criação poética. Neste sentido, os alunos passaram a estudar o poema em grupos, buscando identificar na produção, além de alguns recursos poéticos como: métrica, rima e ritmo, o contexto de produção, as temáticas presentes, as críticas sociais, enfim realizar uma leitura mais abrangente. Feito isso, os alunos passaram a fazer desenhos que melhor representassem as situações de crítica social descobertas nos versos. A apresentação dos desenhos levou à discussão das temáticas: machismo; submissão; independência feminina; movimento feminista; conquistas e lutas, visto que isso ficou perceptível na maioria das criações artísticas. Neste sentido, realizamos uma discussão global, porém retratando a história da mulher severianense ao longo do tempo. Esse momento de reflexão, a partir de um poema, levou muitos dos alunos presentes a atentarem para a necessidade de analisarmos o poema ou qualquer outro gênero textual de forma ampla, expandindo o senso crítico. Tanto a interpretação da professora quanto as dos alunos foram apresentadas e discutidas, considerando as situações apresentadas e registro, considerando o tipo de texto, tipo de leitor e estratégias usadas para realizar a interpretação, que é o último passo da sequência básica de Cosson. O autor deixa claro acerca dessa etapa da sequência que: “O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de uma forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar.” (2016, p. 68). Essa foi uma das nossas intenções a serem alcançadas nesta oficina, gerando o prazer entre os participantes e o compartilhamento de opiniões.

•CULMINÂNCIA

Chegado o momento de encerrarmos a intervenção, articulamos as apresentações com antecedência, bem como um ensaio para que os alunos pudessem apresentar um resultado mais satisfatório. Dessa forma, no dia planejado para tal, convidamos três turmas 6º, 7º e 8º ano, que funcionam no turno matutino, para assistirem, como também professores e gestão da escola. Juntamente com os alunos, organizamos um ambiente fora da sala de aula e iniciamos as apresentações; conduzidas pela professora que iniciou recitando o cordel de Gentil Alves “Não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho.” Aproveitando o momento de recital, Francisco- também professor de Língua Portuguesa da escola- recitou o poema “Amor ideal” de Bráulio Bessa. Nesse clima de amor e encantamento, reforçamos a importância de amarmos a poesia, especialmente aquela feita pelos poetas da nossa terra, aqueles que retratam a partir dos versos

nossa cultura, nossos sucessos e fracassos, lutas e angústias, tristezas e alegrias, enfim nossa história registrada através da literatura. Assim, comungamos das ideias de Marinho e Pinheiro (2012, p. 126,127):

A experiência com a poesia oral está presente em toda a comunidade, em qualquer região do país. Neste sentido, é importante valorizar as experiências locais, descobrir formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor. Certamente há diferentes manifestações de poesia popular nas diferentes regiões. Descobri-las, dar-lhes visibilidade é uma tarefa de maior importância na formação leitora e cultural de nossos alunos.

Concordamos que a poesia oral está presente na nossa comunidade, assim como a poesia escrita, visto que poetas como Gentil Alves tinha muitos versos que ficaram apenas na oralidade, pois ele gostava muito do improviso, típico dos cantadores de viola e assim, em inúmeras ocasiões, seja em conversa com os amigos, em reuniões em bares, no trabalho, enfim, sempre era momento para a criação de versos, o que ficou registrado com muito carinho na memória de pessoas da comunidade. Com relação ao registro escrito há uma coletânea de poemas, tanto desse autor como de outros severianenses. Diante disso, consideramos indispensável trabalharmos com esse material.

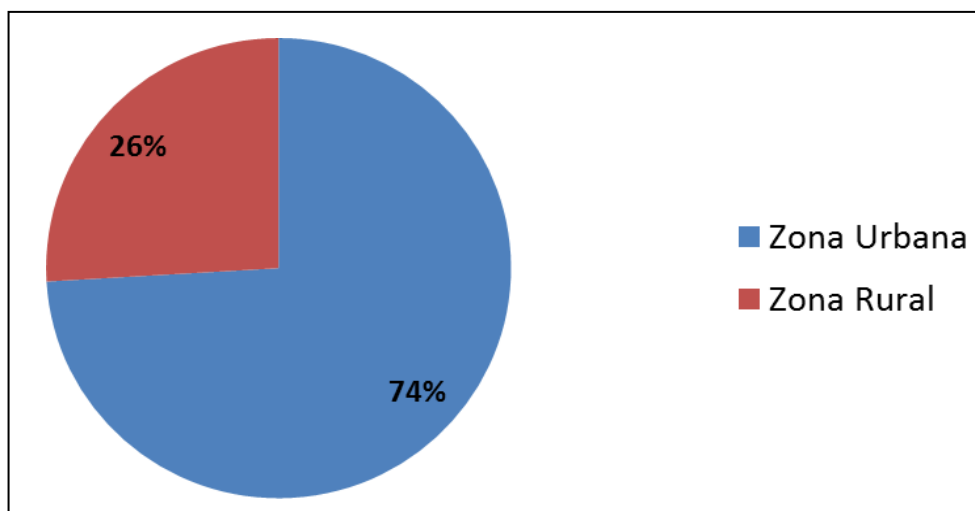
Daí a necessidade de reforçarmos, nessa culminância de intervenção, o quanto temos riquezas culturais e que devemos sempre direcionar nosso olhar para essas questões. Comungando com os presentes dessa ideia de valorização, passamos a apreciar as apresentações de murais feitos durante as oficinas. Em três duplas, os alunos apresentaram três murais, sendo que cada um era referente a um dos poetas estudados; contendo fotos, biografia do poeta, poemas, ilustrações referente aos poemas trabalhados. Na sequência, tivemos um recital em forma de jogral, do qual participaram cinco alunos, visto tratar-se de um cordel de cinco estrofes, sendo que cada aluno ficou encarregado de uma delas e todos repetiriam o mote “Com este custo de vida pobre não pode viver” mesmo tema do cordel do poeta Gentil Alves.

Também tivemos uma leitura dramática em que a professora-pesquisadora ia fazendo a leitura do cordel denominado “Grupo melhoridade” da poetisa Eridan Santos; nos versos ela fez uma homenagem ao grupo de idosos “Vivendo e aprendendo”, atendidos pela secretaria de assistência social do município. Participaram dessa leitura dramática quatorze alunos que representaram os idosos da comunidade mencionados no cordel; assim, alguns iriam entrando sozinhos e outros em casais, conforme a dinâmica dos versos. Desfilavam realizando alguns movimentos e/ou ações, além de estarem caracterizados para dar mais vida ao cordel.

Todas as apresentações foram realizadas no intuito de levar mais conhecimento tanto para os alunos do nono ano, que vinham trabalhando sobre os cordelistas locais, quanto para os alunos das demais turmas, convidados a prestigiar o momento. Demais pessoas da comunidade escolar, como professores também se mostraram empolgados ao constatar quanta coisa interessante da nossa comunidade podemos levar para as nossas salas de aula. Considerando tanto a motivação dada pelos poetas na abertura da nossa intervenção, o envolvimento e participação dos alunos nas oficinas, quando da realização das tarefas propostas como: leituras, discussões, recitais, criação de desenhos transmitindo as mensagens dos cordéis, confecção de cartazes, dentre outros; até a culminância, percebemos ter sido muito válida a aquisição do conhecimento sobre a literatura local, como também o prazer gerado em todos os envolvidos, uma vez que constatamos os encantos existentes em nossas raízes.

O cordel, independentemente de ser arte, é produzido e inserido em um contexto de produção ou contexto de escrita. Esse contexto social deve ser conhecido e analisado, com o propósito de entender o todo composicional do texto e não apenas seu valor estético. Neste sentido, comungamos do pensamento de Proença-Filho (1992, p. 34) que diz: “A literatura se vale da língua e revela dimensões culturais. Cultura e literatura estão, portanto, estreitamente vinculadas.” Daí a valia do nosso trabalho, no sentido de valorizar a produção cultural local e levar o aluno a refletir o quanto a literatura é presente em nossa vida e como podemos contemplá-la e entendê-la. As imagens abaixo retratam algumas das atividades realizadas por alunos, visto que além das produções textuais, outras tarefas foram feitas.

GRÁFICO 1: Moradores da zona urbana e rural



FONTE: Elaborada pela autora

O gráfico acima mostra que 20 alunos moram na zona urbana e 07 moram na zona rural. O fato de 20 alunos morarem na cidade indica a possibilidade de terem vantagens em muitos aspectos na escola, pois morando mais próximos da instituição e com acesso mais fácil para outros bens necessários ao desenvolvimento, mais chances terão de crescimento:

GRÁFICO 2: Sobre a importância da atividade de leitura

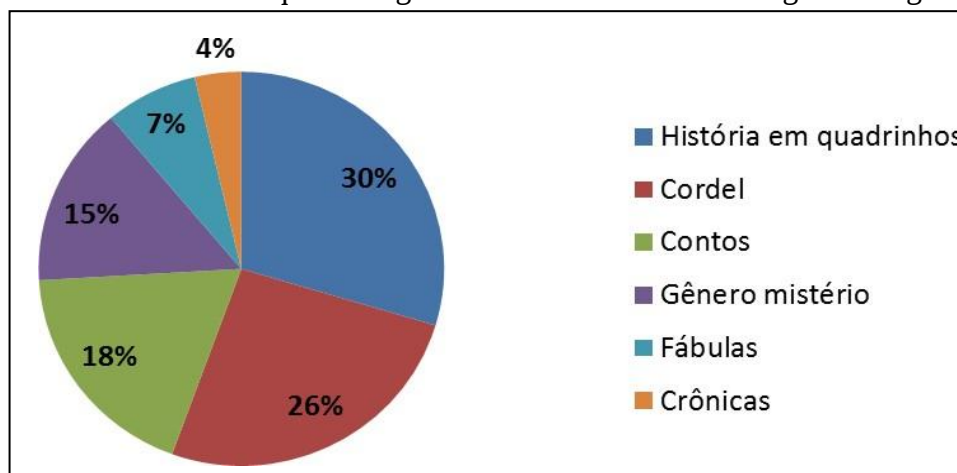


FONTE: Elaborada pela autora

O gráfico 02 mostra que 17 alunos consideram a atividade de leitura importante para a aquisição da compreensão e conhecimento, 06 alunos veem a leitura como algo importante para melhorar o vocabulário e 04 alunos colocam que a leitura ajuda a passar o tempo. Avaliamos ser positivo o fato de 17 alunos considerarem a leitura importante, pelo fato de adquirirmos compreensão e conhecimento, pois conforme atesta Leffa (1996, p. 45): “uma das características fundamentais do processo de leitura é a capacidade que o leitor possui de avaliar

a qualidade da própria compreensão”. Se o aluno já sabe que ao ler, deve buscar a compreensão e conhecimento, fica mais fácil chegar a realizar essa avaliação da própria compreensão, requer prática e empenho. Nossa função é ampliar a capacidade de compreensão desse aluno para que ele perceba o mundo que se abre a partir da leitura. O gráfico abaixo mostra o gosto de leitura de alguns alunos:

GRÁFICO 2: Textos que mais gostam de ler nas aulas de Língua Portuguesa

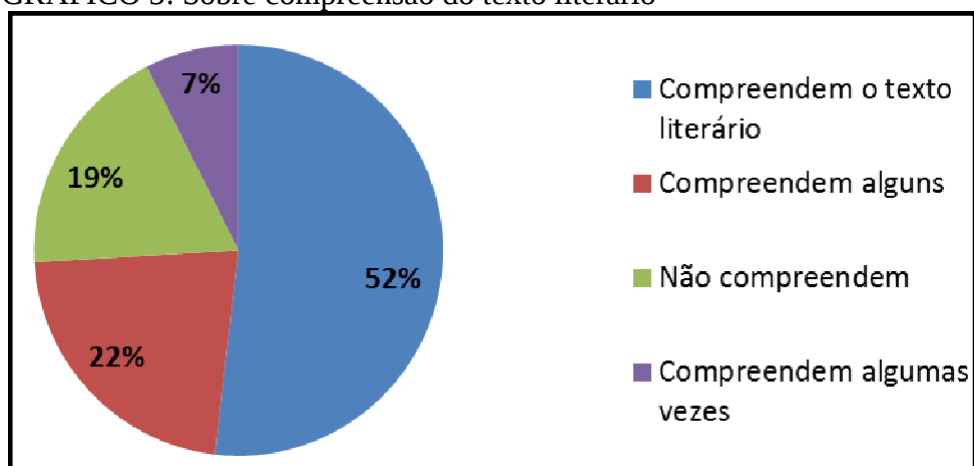


FONTE: Elaborada pela autora

Este gráfico mostra que o gênero quadrinhos lidera como preferência de 08 alunos, o cordel está em segundo lugar com 07 alunos, 05 alunos preferem os contos, 04 gostam mais do gênero mistério, 02 gostam mais das fábulas, enquanto apenas 01 prefere a crônica. Se no segundo gráfico, 17 alunos disseram considerar a atividade de leitura importante por contribuir na compreensão e conhecimento, supomos que esses 30% que preferem a leitura das histórias em quadrinhos, o fazem pelo fato de ser um tipo de leitura fácil de compreensão, divertida e chama atenção pelos vários recursos complementares, responsáveis pela maior assimilação do conteúdo.

Como vemos, o cordel aparece como a segunda opção na preferência dos alunos e uma das justificativas para tal escolha foi: ALUNO A: “O cordel fala de cangaço, amor, separação, desavença e muitos outros assuntos.” É perceptível que a diversidade de temáticas atrai a atenção desses alunos para o cordel. Quanto a essa questão, Pinheiro e Marinho (2012, p. 129) enfatizam: “encontramos na literatura de cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados, relatos históricos, imaginários e tantas coisas mais.” Cabe a nós, educadores, aproveitar que esses alunos sabem da existência dessa diversidade no cordel e trabalharmos com todos esses conflitos e diferentes ideologias, o que vai ao encontro do nosso objetivo geral.

GRÁFICO 3: Sobre compreensão do texto literário



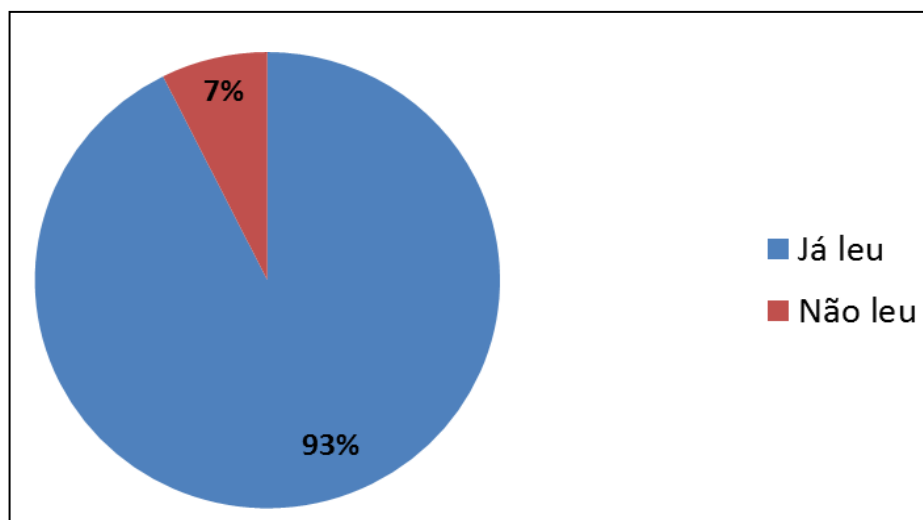
Fonte: Elaborada pela autora

No tocante à compreensão do texto literário, de modo geral, o gráfico mostra que 14 alunos dizem compreender, 06 alunos compreendem alguns dos textos literários, 05 não compreendem os textos literários, enquanto que 02 compreendem algumas vezes. Observamos que dos 27 alunos, 14 dizem compreender o texto literário, mas como é um questionamento muito amplo e por se tratar de compreensão em literatura, não há como afirmar os limites desse entendimento do aluno. Mas o que seria a compreensão do texto literário para esse aluno?

De qualquer maneira, consideramos pertinente fazer essa pergunta, pois a literatura nos dá essa possibilidade de mergulhar no mundo das palavras, fazer suposições e inúmeras indagações, podendo haver inúmeras respostas, dentro das possibilidades. Nossa tarefa é mostrar para o aluno que o texto literário oportuniza ler nas entrelinhas, como enfatiza Ramos *apud* Paulino e Cosson (2004), ao mostrar o quanto a leitura pode ser expandida, dependendo da articulação que o sujeito leitor faz entre o mundo ficcional e suas vivências e experiências.

Assim, quanto ao fato de 06 dos alunos colocarem que compreendem alguns dos textos literários, 05 responderam não compreender os textos literários e 02 colocaram que compreendem algumas vezes. Pensamos ser imprescindível conduzir esses alunos até a terceira margem, proporcionando uma convivência mais ativa com o texto literário, pois a obra a obra literária opera no simbólico e, por isso, é preciso um longo caminho percorrido por esse leitor, até chegar ao nível de uma leitura competente (PAULINO E COSSON, 2004). O gráfico que segue nos mostra a percentagem da leitura do cordel pelos alunos:

GRÁFICO 4: Sobre a leitura de cordéis



FONTE: Elaborada pela autora

Como podemos observar, o gráfico 05 mostra que a grande maioria já leu o gênero cordel, contabilizando 25 alunos, enquanto que apenas 02 alunos dizem não ter lido o gênero. Contudo, mesmo com essa percentagem de leitores, 25%, é preciso lembrar que a compreensão vai além da simples leitura, por isso, muitas são as leituras feitas, mas sem a devida compreensão. O entendimento daquilo que se lê é primordial, quanto a essa questão Jouve (2012, p. 58) afirma: “se o texto é apreendido como o resultado de uma intenção, conhecer o contexto de escrita se torna indispensável para a compreensão”. É preciso atentar para o contexto de escrita, pois são muitos os fatores advindos desse contexto determinantes para que ocorra o processo de compreensão e, se o leitor não tiver a maturidade suficiente para avaliar isso, continuará ocorrendo a leitura, mas sem compreensão; equivalendo-se aos dois alunos que disseram não ter lido o cordel:

GRÁFICO 5: Maiores dificuldades encontradas com relação à leitura dos cordéis

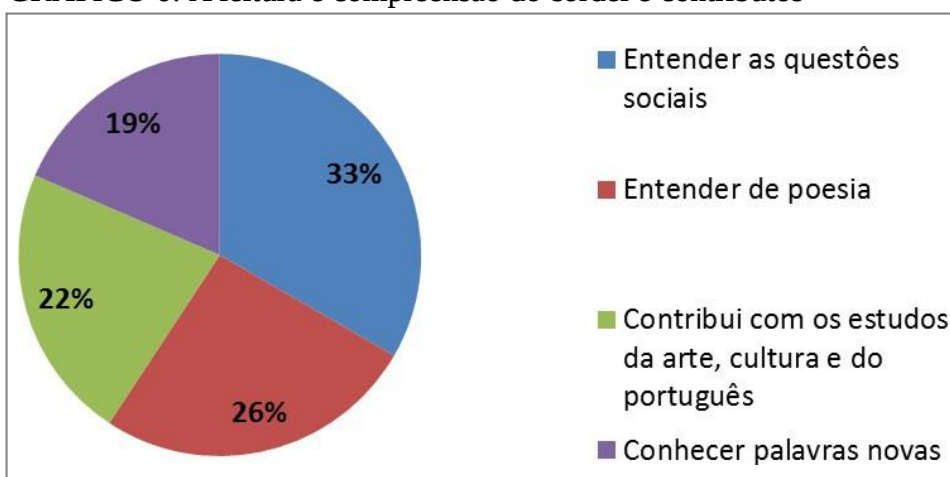


FONTE: Elaborada pela autora

O gráfico traz uma visão do vocabulário responsável pelo maior índice de dificuldade encontrada pelos alunos, que somam 11 no total. Desses, 10 alunos dizem ser o jogo de palavras e rimas responsáveis pelas dificuldades com relação à leitura de cordéis, 05 apontam a não compreensão dos cordéis como principal problema e apenas 01 aluno diz entender bem. Costumamos observar ser realmente a questão do vocabulário algo bloqueador para muitos alunos, pois como apresentam, geralmente, dificuldade de leitura e não buscam muito os desafios a partir de textos mais complexos, com vocabulários mais elaborados, passam por essas dificuldades. Ramos *apud* Paulino e Cosson (2004, p. 111) advertem: “[...] um mediador de leitura não deve oferecer apenas o texto que os alunos gostem e decifrem sozinhos”. É necessário, pois, oferecer materiais ricos, se o propósito é formar bons leitores.

Nesse sentido, o jogo de palavras e rimas é outra dificuldade que foi mencionada por 10 alunos, que não compreendem bem o texto literário, não tendo familiaridade necessária com o cordel, poema e até com a música que trazem essas características sonoras e estéticas. Os que dizem não compreender os cordéis apresentam as mesmas dificuldades e não conseguem perceber o cordel como uma arte, já o aluno que diz entender bem costuma ler com mais frequência e realiza leituras diversificadas.

GRÁFICO 6: A leitura e compreensão do cordel e contributos

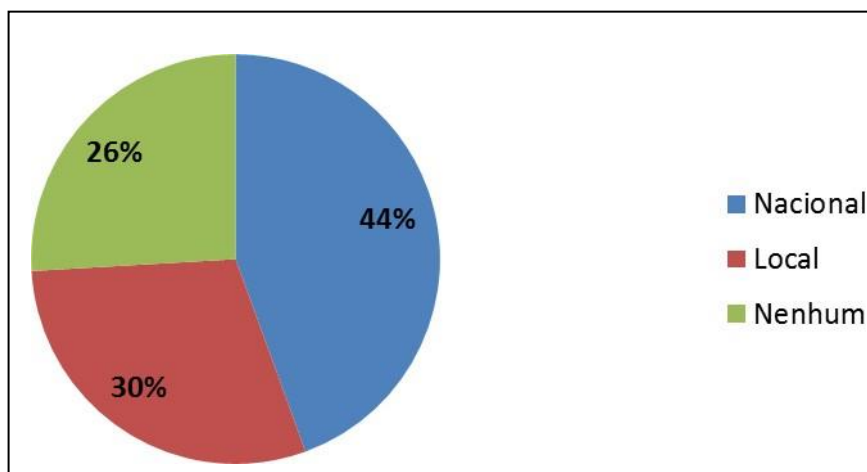


FONTE: Elaborada pela autora

O gráfico 07 aponta que a contribuição da leitura e compreensão do cordel para 09 alunos é que leva-os a entender as questões sociais, já para 07 alunos a contribuição é que passam a entender de poesia, 06 alunos dizem que contribui com os estudos da arte, da cultura e do Português, enquanto que 05 alunos destacam o fator de conhecer palavras novas como a principal contribuição. As respostas dadas pelos alunos como contribuições da leitura e

compreensão do cordel podem ser sintetizadas a partir das ideias de Pinheiro e Marinho (2012) ao defenderem o valor que a escola deve atribuir ao cordel, por ser uma arte cheia de vida, de experiências sociais. De certo modo, os alunos buscam encontrar na escola esse diferencial para as aulas de Literatura, de Língua Portuguesa, embora isso não seja claramente expreso. Realmente os autores mostram que o cordel advém do social, de experiências de povos de épocas e comunidades distintas, rompendo barreiras e consolidando culturas, além do poder de adaptação ao novo, às novas dinâmicas sociais. Neste sentido, o cordel contribui em muitos aspectos, formando e transformando cidadãos, como podemos observar no gráfico seguinte:

GRÁFICO 7: Conhecimento de cordelista nacional ou local



FONTE: Elaborada pela autora

De acordo com o gráfico 8, 12 alunos conhecem algum cordelista nacional, 08 alunos dizem conhecer algum cordelista local e 07 alunos não conhecem nenhum. Considerando que os referidos alunos pertencem a uma pequena cidade com pouco mais de 7.000,00 habitantes e praticamente todo mundo se conhece, ainda é baixo o número de alunos que conhecem algum cordelista local, apenas 08 deles. É perceptível o quanto a arte literária local não é valorizada, pois ainda prevalece a ideia de que literatura de valor é apenas a dos cânones. Para Marinho e Pinheiro (2012), perceber a riqueza, as experiências a nossa volta é um passo muito importante para alçarmos voos mais altos.

Investigar se o aluno conhece os protagonistas da poesia local e/ou nacional foi justamente para fazer com que eles atentassem para o fato de haver literatura em toda parte. Não era preciso eles perceberem isso, necessariamente, no momento em que estavam respondendo, mas poderia ser durante a realização das oficinas. Atentar para a literatura de

cordel local, vendo como riqueza cultural e possibilidade de compreendermos criticamente muitos aspectos imbuídos nos versos.

4.3.2 Análise de cordéis sob a ótica da professora-pesquisadora

Como nosso principal intuito é analisar a crítica social presente nos versos de cordelista severianenses, apresentaremos primeiro, a visão da professora pesquisadora, visto que a partir das considerações, aqui expostas, identificaremos algumas contribuições dadas para os alunos terem chegado as suas conclusões. Da mesma forma que o aluno é influenciado quando o professor é leitor assíduo, poderá, também, despertar a criticidade por meio da leitura e interpretação de textos, sejam literários ou não. Dentre os cordéis estudados em sala de aula, escolhemos quatro para compor o nosso *corpus* de análise, são os seguintes: “Quem quiser saber de tudo vá pro bar do Juvenal” (Gentil Alves), “O povo todo sofria com a seca do sertão” (Deca), “A virose do Facebook” (Deca) e “Mulher” (Eridan Santos).

Assim, o bar do Juvenal era um dos estabelecimentos que circundavam o extinto mercado público da cidade, onde havia mercearias (bodegas), bares e o cartório único da cidade, local em que o poeta Gentil Alves trabalhava como tabelião. As pessoas que todos os dias iam para o mercado trabalhar em seus ofícios, eram bastante conhecidas umas das outras, como ocorre em qualquer cidade pequena do interior. Essas pessoas ficavam circulando nas horas vagas entre esses recintos, buscando distração para passar o tempo, seja conversando assuntos triviais da pequena localidade, seja ouvindo os versos, glosas de Gentil no cartório ou no bar do Juvenal.

O cordel “Quem quiser saber de tudo vá pro bar do Juvenal”, foi escrito em três estrofes, sendo cada uma de dez versos e os dois últimos versos de cada estrofe representam um mote, sendo este o tema do referido cordel. Nessa glosa, o poeta leva os leitores e ouvintes (aqueles que o escutavam no bar) a conhecerem mais sobre Juvenal (o dono do bar) e o próprio bar, o que se passava por lá, quais os assuntos mais frequentes, como podemos ler no cordel:

Quem quiser saber de tudo vá pro bar do Juvenal

Ele só fala em casada (A)

Sabe quem mata tatu (B)

Sabe que mata tiú (B)

Sabe que faz a pescada (A)

Sabe que passa na estrada (A)

Sabe quem vai bem ou mal (C)

Sabe desastre em casal (C)

Quando o caboclo é chifrudo (D)
Quem quiser saber de tudo (D)
Vá par o bar do Juvenal (C)

Cura doença na vista
 E faz verruga cair
 Basta só chegar ali
 E deixar o nome na lista
 Pois na cura e um artista
 Do sertão ao litoral
 Cura doença anormal
 Seja coxo cego ou mudo
Quem quiser saber de tudo
Vá par o bar do Juvenal

Quando ele era solteiro
 Foi uma festa no couro
 Arranjou logo um namoro
 Farriou o dia inteiro
 A filha de um fazendeiro
 Chamou ele de imoral
 Na cana meteu o pau
 Dançou com um macho barbudo
Quem quiser saber de tudo
Vá par o bar do Juvenal

(GENTIL ALVES)

O cordel traz um conjunto de rimas, assim descritos: O 1º com o 4º e o 5º, O 2º com o 3º, O 6º com o 7º e o 10º, O 8º com o 9º. É perceptível o quanto o bar descrito e o seu dono eram significativos para o poeta, que convida os leitores/ouvintes do seu cordel a visitarem o estabelecimento para ficarem inteirados de tudo o que se passava na comunidade. Esse convite é feito no título: “Quem quiser saber de tudo vá pra o bar do Juvenal”. Um cordel propaganda, como alguns poetas costumam chamar e, essencialmente descritivo. Realmente os bares sempre foram locais públicos onde ocorre todo tipo de conversas, desde sobre a vida social da comunidade às particularidades dos moradores. Como muito dos cordéis - segundo consta em depoimento de um morador da cidade, no documentário sobre Gentil Alves - esse cordel nasceu do improviso no bar, no momento da distração, em que homens se reuniam para tomar um aperitivo e se animar, distrair e até esquecer, um pouco, os problemas do dia a dia.

Como todo dono de bar, Juvenal (*in memoriam*) era habilidoso na conversa e isso fica claro nos versos da primeira estrofe, visto que, segundo o poeta, ele sabia de muitas coisas interessantes para a comunidade. A partir do conhecimento de mundo, a convivência com muitas pessoas, as histórias ouvidas e contadas no seu bar, as situações vivenciadas permitiram certa apropriação de saberes e estes eram transmitidos com a esperteza peculiar aos donos de

bares. Por outro lado, isso gera a seguinte reflexão: o poeta não estaria fazendo uma crítica acerca do fato de algumas pessoas serem ingênuas, ao ponto de acreditarem que no bar iriam poder saber de tudo, visto que o “tudo” expresso na afirmação tem grande abrangência. Neste ponto, pode residir algo de crítica social no cordel, embora, talvez, o poeta tenha tido intenção, unicamente, de descrever o local e tornar conhecida a figura do proprietário.

Também podemos atentar para o fato de ainda existirem pessoas ingênuas, no sentido de acreditarem em falsas promessas, além do pouco estudo, ainda existem as “Maria vai com as outras”. Os frequentadores, certamente, buscavam obter todas as informações possíveis acerca dos fatos e, conforme esclareceu o poeta, assuntos típicos do sertanejo como: caça de animais, pesca, relacionamento entre marido e mulher; enfim informações que faziam parte do cotidiano daqueles homens era possível colher no local. A curiosidade com relação a tudo o que se passa é bem comum nas cidades interioranas; muitas pessoas, nas suas localidades, querem saber o que o vizinho faz, para onde vai, como vive. O poeta conhecia muito bem essa realidade e tirava proveito disso nas suas produções. Quem disse que bar em cidade pequena é local inapropriado para a boa convivência e/ou para aprendizagem? O bar do Juvenal era um ponto de cultura popular. Assim, a literatura, cultura local eram uma grande riqueza transmitida oralmente e isso ocorreu há mais de cinquenta anos no centro da pacata cidade de Doutor Severiano – RN.

Contudo, é bom lembrar que esses costumes culturais em que pessoas se reuniam para declamar, para ouvir os versos dos poetas locais, seja em bares, praças ou outros locais públicos, já não ocorrem com tanta frequência. Este fato é um indício de que a sociedade se tornou essencialmente grafocêntrica, fazendo com que a oralidade seja posta à margem, mas ainda é possível e necessário as práticas orais continuarem fazendo parte do nosso cotidiano, no intuito de divulgarmos nossas culturas e tradições, mantendo um relacionamento de maior proximidade entre as pessoas, ou seja, maior socialização. Ao mesmo tempo em que as práticas escritas têm a sua importância, as orais também têm e uma completa a outra. Isso é comprovado em Galvão (2002, p. 123):

Além de coletiva, ou seja, mediada por outras pessoas, a leitura de folhetos era, também, oralizada. O fato de ser realizada em voz alta também parecia constituir em um fator decisivo para que, mesmo os analfabetos, vivenciassem práticas de letramento e, em alguns casos, até aprendessem a ler.

Galvão comprovou por meio da sua pesquisa, o valor das práticas de oralização a partir dos cordéis, fator de grande relevância para que muitos sujeitos chegassem à aquisição da

leitura. Vemos que essa leitura, descrita por Galvão como coletiva, oralizada e em voz alta mantém relação com as práticas ocorridas no bar do Juvenal na nossa cidade, assim como em muitos bares, praças e em outros espaços nos quais os cordéis foram apresentados, especialmente, no século passado. Como tinha pouco estudo, o poeta Gentil Alves, embora soubesse ler e escrever, não era muito adepto de registrar seus versos por meio da escrita, porém a oralidade, o improviso e memorização eram constantes e marcas registradas para a criação poética. Pessoas que conviveram com Gentil e ouviram seus versos, mesmo aqueles analfabetos, recordam com satisfação trechos de versos ouvidos.

De fato, o poder da oralidade é tão marcante que na segunda estrofe do cordel em estudo, o poeta trata da fé através da benzeção¹¹, visto que desde a antiguidade tal prática foi adotada, sendo realizada, até hoje, através da oralidade. Nesse caso, a palavra falada exerce um grande poder, capaz até mesmo de curar, mas segundo a tradição, é necessário ter fé para que a cura seja alcançada. O poeta declara: “Cura doença na vista/E faz verruga cair/Basta só chegar ali/E deixar o nome na lista/Pois na cura e um artista/Do sertão ao litoral/Cura doença anormal/Seja coxo cego ou mudo/Quem quiser saber de tudo/Vá par o bar do Juvenal”. Então, a religiosidade, a fé estão sendo representadas com veemência e o poeta sabia o quanto isso era importante para aquela comunidade, pois ele convivia, conhecia de perto e vivenciava aquela realidade. Advém daí o título de chefe, atribuído ao poeta pela comunidade, dentro de um contexto de honraria concedida a quem detinha o poder do conhecimento, do respeito, da capacidade de servir à sociedade.

Finalmente, na terceira estrofe, o poeta cria versos sobre a vida pessoal do dono do bar. Relembra uma festa, namoro, as farras, as desavenças com uma moça, a decepção, expressa através da bebida, os problemas que isso gerou, ou seja, situações que podem ter sido vivenciadas por Juvenal ou até mesmo criadas pelo imaginário do poeta e contempladas em versos. Tudo isso foi o pano de fundo para o poeta Gentil, servindo de descontração para os ouvintes presentes no bar e em outras ocasiões nas quais o cordel foi declamado, estando representado a partir da memorização ou através da escrita.

Quanto às previsões acerca dessa produção de Gentil Alves, acreditamos ter uma ligação direta com a afirmação de Garcia (2006, p.20): “Quando se lê um texto, a leitura de mundo entra de cabeça na produção dos significados resultantes dessa leitura”. Isso comprova o quanto

¹¹ É uma atividade, muitas vezes considerada curandeirismo, destinada a curar uma pessoa doente, aplicando sobre ela gestos, em geral acompanhados por alguma erva com pretensos poderes sobrenaturais, ao tempo em que se aplica uma prece. Constitui-se num importante elemento da cultura popular do Brasil, e tem suas origens no sincretismo religioso.

é significativa a leitura feita considerando o contexto social, histórico, enfim uma série de fatores que devem estar atrelados à nossa leitura de mundo. Os versos de Gentil eram basicamente a leitura de mundo feita pela ótica do poeta, quando abordava aspectos naturais, fatos do cotidiano do pequeno município, desde os corriqueiros, situações reais ou fantasiosas criadas nas calçadas, bares, reuniões com amigos ou apresentações em público como em serenatas, até assuntos sociais polêmicos como: seca, miséria, custo de vida, dentre outros.

Na sua tese de doutorado, Galvão (2006) apresenta o prazer, o lazer, o divertimento e a sociabilidade como as principais motivações para o contato dos leitores/ouvintes com os cordéis. A realidade abordada pela escritora Ana Maria de Oliveira Galvão, mantém uma relação de proximidade com a realidade vivenciada na nossa comunidade, quando das produções poéticas de Gentil Alves. Sua poesia gerava prazer por ter sido uma forma de lazer e divertimento para as pessoas, pois quase não havia opções de diversão. O bar era o lugar perfeito para essa diversão no seu tempo, onde muitos se aglomeravam para ouvir o poeta e isso gerava uma sociabilidade escassa nos dias atuais.

Assim como Gentil Alves, seu filho Deca também produziu e produz cordéis que servem de entretenimento para os leitores/ouvintes e muitas dessas produções tratam de questões sociais significativas para o nosso sertão sofrido, como é o caso da problemática da seca (problema natural secular) e que vem sempre ressurgindo por meio das relações sociais. Tal situação é abordada no cordel: “O povo todo sofria com a seca do sertão”. Para o nordestino pobre, especialmente do campo, a agricultura sempre foi o principal meio de subsistência, sendo que no passado essa realidade era bem mais marcante que na atualidade. Isto é evidente já nos primeiros versos do cordel de Deca (sem referência): “No tempo da Agricultura/De plantar milho e feijão/Para se ter bom dinheiro/Tinha que ter algodão/Era assim que se vivia/E o povo todo sofria/Com a seca do sertão”.

O título “O povo todo sofria com a seca do sertão” serve como mote para o cordel. A expressão “o povo todo”, nos faz refletir sobre quem seria esse “povo todo”. Será que todas as pessoas passaram por esse sofrimento? Todos os brasileiros? Todos os nordestinos? Todos os severianenses? Na verdade, é um sofrimento conhecido por uma parcela de pessoas, de lavradores de cidades interioranas do nordeste e, no cordel, mesmo o poeta trazendo essa questão para a realidade da sua pequena cidade (Doutor Severiano), ainda não podemos dizer que era um sofrimento comum a todos os cidadãos, embora a seca atinja, de certa forma, a vida de todos os moradores de uma pequena cidade. Nem todos passam fome, nem todos vivenciam o processo de migração em busca de emprego, enfim, o poeta divide o problema com todas as pessoas, talvez a fim de encontrar uma solução na coletividade.

Com relação à estrutura, o cordel traz a sextilha, com estrofes de sete versos, rimando da seguinte forma: o segundo, quarto e o sétimo verso rimam entre si e o quinto e sexto têm uma segunda rima. O primeiro e o terceiro versos não apresentam rima com nenhum outro. O aspecto de maior relevância para nosso estudo é a crítica social suscitada nessa arte literária, tanto nos versos de Deca quanto dos demais poetas referenciados nesta dissertação. Dessa forma, o poeta transmite o problema da seca, enfatizando a atividade agrícola como principal meio de subsistência das pessoas da comunidade da qual ele faz parte. Era da colheita de produtos alimentícios, da lavoura do algodão que o homem adquiria recursos para sobrevivência, visto a precariedade de emprego, especialmente para as pessoas de pouca escolaridade. Filho de agricultor, Deca transforma em arte, também, as agruras vivenciadas no cotidiano. Esse fato pode ser relacionado com a afirmação de Azevedo (2006, p. 35): “a leitura que somos capazes de fazer é um retrato da gente mesmo”. Assim, o poeta segue com os versos desse cordel, mostrando alguns dos prejuízos da falta de água:

O gado todo sofrendo
Com aquela sequidão
Pois a água que prestava
Só tinha no cacimbão
Era a maior agonia
E o povo todo sofria
Com a seca do sertão.
A terra parece morta
No forte calor do verão
Não permitindo que nasça
Se quer um pé de feijão
Pois se plantar não se cria
E o povo todo sofria
Com a seca do sertão.

Nos versos acima é relatado algo bastante comum na nossa região, no período de estiagem, pois não há a implantação de técnicas próprias para regiões com escassez hídrica. Pouco se investe em reservatórios de água, poucos projetos políticos de longo prazo, para solucionar tal problemática, visto a “indústria da seca” ser algo muito lucrativo para os políticos no período eleitoral. Esse descaso é tão evidente que as dificuldades apontadas nos versos parecem ser algo praticamente impossível de ser resolvido, deixando transparecer a ideia de que cabe ao sertanejo sofrer. Contudo, ser forte nesse período para resistir à falta de água para os animais e plantação, tendo como contentamento a água de cacimbão para matar a sede, pelo menos, das pessoas. Numa linguagem simples, bem próximo da oralidade, o poeta utiliza a secura nas palavras, algo condizente com a temática em questão; demonstrando ser um cidadão

preocupado com o flagelo da seca. Ao exercer sua cidadania, ele denuncia essa problemática. É um cordel rico em imagens criadas a partir dos recursos linguísticos, o que contribui para que o leitor tire suas conclusões acerca do assunto tratado. A personificação é utilizada em alguns versos do cordel, como é o caso: “A terra parece morta”. Na continuidade do cordel, destacamos as seguintes estrofes:

O sol quente e inclemente
 Na terra rachando o chão
 O sertanejo valente
 vivendo aquela aflição
 Rezava a virgem Maria
 E o povo todo sofria
 Com a seca do sertão.
 Passando pela caatinga
 E de cortar coração
 Gado morrendo de sede
 Estirado pelo chão
 Se torcendo em agonia
 E o povo todo sofria
 Com a seca do Sertão.
 A mulher bem paciente
 Cozinhava no fogão
 Mexendo numa vasilha
 O derradeiro feijão
 Não tinha mais alegria
 E o povo todo sofria/Com a seca do Sertão.

Mais uma vez a personificação está presente, agora nos versos: “O sol quente e inclemente” e a hipérbole também aparece: “E de cortar coração”. Com a utilização dessas figuras, o cordelista dá mais dramaticidade ao sofrimento gerado pela seca, evidenciando o quanto sofre o homem, sofre a natureza, de modo geral, e a terra. É abordado ainda, o aspecto da fé, da religiosidade marcante na vida da maioria dos sertanejos: “Rezava a virgem Maria”. Os versos mostram como se, nesse instante descrito a partir dos versos, a situação estivesse realmente chegando ao limite. Isso é possível prever a partir de versos como: “Cozinhava no fogão/Mexendo numa vasilha/O derradeiro feijão/Não tinha mais alegria”.

No entanto, quando as esperanças estão quase extintas, eis que o sertanejo faz das suas fraquezas a força necessária para, pelo menos, acreditar que algo extraordinário pode acontecer, pois como afirmou Euclides da Cunha na obra *Os Sertões*¹²: “O nordestino é, antes de tudo, um forte.” Nos últimos versos do cordel em análise, temos:

¹² CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante).

Nas estradas empoeiradas
 Todo dia um mutirão
 Com destino as feras livres
 Pra tomar milho e feijão
 Uma visão que doía
 E o povo todo sofria
 Com a seca no sertão.
 O pobre desesperado
 Vende a sua habitação,
 E viaja sem destino
 Em cima de um caminhão
 Sem saber pra onde ia
 E povo todo sofria
 Com a seca do sertão.
 Mais se a chuva voltar
 Pra molhar a plantação
 O sertanejo retorna
 Pra seu amado torrão
 Faz festa de noite e dia
 Festejando com alegria
 O fim da seca no Sertão.

Como descrito nos versos, as estradas há tempos sem ser molhadas, denunciavam a seca a partir da poeira. Por aqueles caminhos, passavam todos os dias, muitos miseráveis rumando em direção às feiras livres, no intuito de conseguir o alimento necessário para saciar a fome. Diante das circunstâncias, o poeta relembra que o povo todo sofria com a seca no sertão. Uma das poucas alternativas vistas pelo homem sofrido pela seca é a migração, vendendo seus pertences para seguir a outros lugares em busca de trabalho. Hoje em dia isso não ocorre mais como antigamente. Era comum pessoas da nossa cidade fugirem da seca em direção ao sudeste do Brasil, especialmente, quando a maioria da população vivia mais dependente das atividades agrícolas.

Ao final do cordel vem a esperança, o surgimento de uma nova chama que aquece os corações e traz de volta o espírito de luta e perseverança. “Mais se a chuva voltar/Pra molhar a plantação/O sertanejo retorna/Pra seu amado torrão/Faz festa de noite e dia/Festejando com alegria/O fim da seca no Sertão”. O poeta consegue dar um tom de denúncia social aos seus versos, visto abordar uma situação marcante na história do país e, em especial, do nordeste. Mesmo a seca sendo uma temática bastante presente em muitos textos, a literatura cumpre essa missão de criticidade e humanização e isso condiz como o objetivo central dessa pesquisa. Concordamos, pois, com Pinheiro (2012, p. 129):

Encontramos na literatura de cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados, relatos históricos, imaginários e tantas coisas mais. Essa riqueza de abordagens assume tons diferenciados, visões de mundos às vezes conflitantes, ideologias diversas. Essa diversidade pode ser aproveitada para instigar debates, discussões em sala de aula.

Neste sentido, percebemos a importância de trabalhar com o cordel como crítica social, considerando o quanto a arte pode informar e formar o cidadão, possibilitando-lhe a aquisição de uma série de conhecimentos agregados aos versos apreciados e analisados. Neste sentido, as leituras críticas, os debates em sala de aula, fazem toda diferença. Os assuntos abordados nos poemas trabalhados indicam a riqueza a ser observada sempre e é interessante como o cordelista Deca abordou assuntos diversificados, porém tratando sempre de relacioná-los com o contexto sócio histórico, acontecimentos passados, como também atuais. O cordel: “A virose do Facebook” é um exemplo claro da atualidade e diversidade utilizadas pelo poeta. Eis o cordel:

Solte esse celular
Isso ninguém se discute
Quero falar com você
Quero que você me escute
Ora veja como é
Estou perdendo a mulher
Pra esse tal de facebook

Vou tomar seu telefone
Por favor você me escute
Se eu resolver ir embora
Depois você não me culpe
Nem que eu vá embora a pé
Pois tou perdendo a mulher
Pra esse tal de facebook

Uma voz me falou alto
Se tem algo errado mude
Você tem inteligência
Tome uma atitude
Só não vá fazer besteira
Mais não perca sua parceira
Pra esse tal de Facebook.

Desliguei o roteador
Os vizinhos que me desculpe
Recolhi os telefones
E guardei o note buque
Agora sim ficou legal
Depois que botei moral
Pra cima do facebook.

Deca de Gentil (sem referência)

O tema do cordel: “A virose do facebook” já define claramente o crescimento avassalador da tecnologia e a expansão da rede social *facebook*, como enfatiza o autor ao denominar essa rede como virose. Mais uma vez, fazendo uso da sextilha, em linguagem simples, clara e comumente usada em conversas, o poeta adota, nestes versos, frases imperativas, dando ordens por meio de uma conversa, entretanto a forma como as palavras são utilizadas e, especialmente, o mote em tom de brincadeira dão leveza e tornam o cordel divertido. Além da literalidade, o cordel faz refletir um assunto polêmico e atual, promovendo uma crítica, desde os primeiros versos acerca do poder da rede social sobre a vida de muitas pessoas atualmente. No caso, a convivência entre marido e mulher é abalada, uma vez que a mulher vem sendo “dominada” pelo celular, ou melhor, pelo facebook. Isto é fato nos tempos de modernidade vivenciados e o poeta, embora seja adulto, já um senhor, demonstra acompanhar, de certa forma, os avanços tecnológicos; pelo menos na criação de versos. A distração e desatenção da mulher para com o marido é apenas um dos muitos exemplos facilmente visíveis na sociedade, em função de inúmeras pessoas não estarem conseguindo controlar seus impulsos com relação à tecnologia. Essas ferramentas precisam ser melhor administradas e o homem deve reverter a situação, buscando dominá-las, ou seja, invertendo os papéis, pois o lado positivo desses recursos precisa ser explorado com mais inteligência e o lado negativo deve ser analisado para não surgirem mais prejuízos. Fica evidente nos versos, ser algo raro a conversa olho no olho entre o marido e a mulher, pois as relações são abaladas, uma vez que para haver o diálogo entre os dois é necessário que a mulher deixe o celular um pouco de lado e dê a devida atenção ao marido e vice-versa. Essa mudança de comportamento, de muitas pessoas, por causa das redes sociais vem tomando proporções irreparáveis a cada dia na pequena cidade onde o poeta vive, assim como no mundo todo. De problema local a geral, o poeta demonstra estar bem informado e alerta sobre o perigo de tal modernidade. Nesta perspectiva, nosso pensamento coaduna com a colocação de Zinani e Santos *apud* Paulino e Cosson (2004, p. 65):

O autor aproveita o seu conhecimento de mundo, recria essa experiência através dos recursos de seu imaginário e expressa-a por meio da linguagem artisticamente trabalhada. Uma vez que esse texto relaciona-se com a realidade e a experiência humana, desempenha uma função muito significativa no aspecto comunicativo, pois auxilia o sujeito a emancipar-se na medida em que pode libertá-lo do processo de massificação a que está submetido pela informação dirigida a qual encobre as contradições e não faz apelo crítico.

Vemos, portanto, que o texto literário é um meio de grande eficácia para contribuir com esse processo de libertação do processo de massificação existente, sendo que outros textos, por

mais que informem, não alcançam o grau de transformação e criticidade necessários para um desenvolvimento mais amplo do ser humano. Hoje em dia, a massificação dos meios de comunicação é algo que foge do controle de muitos, por isso é preciso muita criticidade para que o sujeito saiba driblar essa situação.

Durante o trabalho de intervenção, também lemos, discutimos e analisamos poemas da poetisa Eridan Santos (2007). Assim como Gentil Alves e Deca, Eridan escreveu cordéis com assuntos variados, que tratam de memórias de 30, 40 anos atrás, assim como de questões da atualidade. Um exemplo disso é o cordel “Mulher”:

A mulher é ser sublime
Que ao mundo enfeitou,
Muito foi discriminada
Mas, forte ela lutou,
Buscando a independência
Para mostrar seu valor.

A sociedade machista
A mulher escravizou,
Reduzida e submissa
Como o seu dono o tratou,
Com sua sensibilidade
O machismo derrubou.

Inteligente à mulher
Talvez já disse porque,
Há poucos anos atrás,
Ela só podia ser
Dona de casa e mulher
Que o homem queria ter.

Sua luta progrediu
Muito espaço conquistou,
No mercado de trabalho
Muitos cargos já ocupou,
Na política ela está
No social superou.

Ela é mesmo heroína
Consegue conciliar,
Casa, filhos e esposo
E na hora de trabalhar,
Ela está pronta e ativa
Pra em várias funções atuar.

Só não consigo entender
Porque ainda hoje tem,
Discriminação contra ela
Até no salário vem,
Fazendo o mesmo que o homem

E igualdade não tem.

A mulher avançou muito
Antes nem votar podia,
O homem dono de tudo
E com muita demagogia,
Se achava poderoso
E com isso ela sofria.

Parabéns para a mulher
Por tudo que conseguiu,
Fomos vítima do machismo
Mas autonomia fluiu,
Hoje o quadro mudou
O trono do homem ruiu.

A mulher se sobressai
Com autonomia e pudor,
Pensa para agir depois
E isso lhe ajudou
A conquistar seu espaço
Que o machismo negou.

A mulher agricultora
Pura guerreira em ação,
Sua cabeça amarrada
Uma enxada na mão,
Cultiva com garra a terra
Para garantir o seu pão

A mulher funcionária
Vários cargos a executar,
Enfermeira ou servente
Médica, advogada ou do lar,
Todas mostram competência
Podemos nos orgulhar.

Mulher é símbolo de força,
Firme em sua ação,
Com carinho e amor,
E muita convicção,
Conquistou o seu espaço,
Sem o homem abrir mão.

Esse dia dedicado
É por demais merecido,
Ela não é sexo frágil
Algumas pagaram caro por isso,
Morreram, porém lutando,
Ser de inteligência imbuído.

Nós mulheres sabemos
Do quanto já avançamos,
E hoje temos consciência
De cidadãs e atuamos,

De igual para igual
Espaço que conquistamos.

(ERIDAN SANTOS)

A poetisa utiliza a sextilha em versos que apresentam uma leveza artística bem semelhante à leveza da vida na pacata cidade onde mora. A linguagem é simples e esclarecedora acerca dos avanços conquistados pela mulher, na sociedade, ao longo dos tempos. Para fazermos uma reflexão mais aproximada, vale refletirmos também sobre a afirmação de Jouve (2012, p. 58): “se o texto é apreendido como o resultado de uma intenção, conhecer o contexto de escrita se torna indispensável para a compreensão.” O lugar de onde fala o sujeito autor e do qual provém seus interlocutores/leitores é um ponto de partida para uma análise, no que diz respeito à crítica social. Entender a importância da observação do contexto, em seus vários aspectos, e buscar reconhecer as intencionalidades constitutivas marcantes na produção são indispensáveis.

Na primeira estrofe, a autora mostra a figura da mulher como sendo um ser sublime capaz de enfeitiçar e encantar o mundo, no entanto, segue mostrando a discriminação que ela sofreu ao longo da história, o que não foi empecilho para a luta pelas melhorias, com o propósito de demonstrar o seu valor. Árdua foi a batalha da figura feminina para que seu prestígio chegasse a ser reconhecido e seus direitos começassem a ser conquistados. Enfrentou situações de machismo, escravização, submissão, subserviência, desvalorização da sua capacidade no trabalho, a supressão de direitos essenciais, dentre outros. A poetisa, como mulher guerreira e conhecedora das lutas travadas pelo movimento feminista, leva ao conhecimento da sociedade, da qual é parte integrante e atuante, várias temáticas polêmicas em um único cordel, aborda as situações enfrentadas pela mulher na sociedade e como ela tem feito e faz para superá-las. Dessa forma, comemora um dos maiores avanços adquiridos a partir de muita luta, pois, para muitos, a mulher seria sempre a submissa dona do lar. Os versos: “Inteligente à mulher/Talvez já disse porque/Há poucos anos atrás/Ela só podia ser/Dona de casa e mulher/Que o homem queria ter”. A inteligência e sensibilidade feminina mostraram que a mulher seria capaz de muito mais que ser dona de casa e atender aos anseios do marido.

Nessa luta por levar a sociedade a estruturas mais justas e igualitárias, proporcionou à mulher, ocupar espaços de destaque antes inimagináveis. Os versos evidenciam isso a partir do momento em que enfatiza os cargos exercidos atualmente por mulheres e com o diferencial de poder realizar com maestria tais atribuições e, ao mesmo tempo, ser esposa e dona do lar, conciliando inúmeras tarefas. Direitos civis, políticos, sociais, enfim, muitas foram as lutas e

nada disso foi conquistado do dia para a noite. Foi necessário muito sofrimento, batalha e dedicação e isso a poetisa deixa claro que não foi mérito apenas da mulher da alta sociedade; entre nós também existiram muitas guerreiras, inclusive a mulher agricultora. Fica evidente, ainda, no cordel, a conclamação de todos, especialmente das mulheres, para a continuação dessa luta por mais direitos, pois diante de tantas injustiças e desigualdades no país, ainda existem empecilhos pelo caminho.

De fato, quem conhece a autora dos versos, o lugar (contexto) e porque não dizer também a luta ano após ano das mulheres severianenses, sabe que esse cordel traz, simbolicamente, as vitórias e batalhas de Eridan Santos, enquanto mulher, e de muitas outras da comunidade. A literatura, enquanto produto cultural e prática social atua, neste sentido, como veículo plurissignificativo de diálogo. Ela desempenha, nesse cordel, suas funções cognitiva, político-social e catártica.

Diante da reflexão realizada até então, afirmamos que nosso pensamento dialoga com Zinani e Santos in Paulino e Cosson (2004, p. 68) quando enfatizam: “Para que a literatura desperte a atenção do aluno, ela precisa estar vinculada com a vida, pois, literatura é, efetivamente, vida”. Nada do que dissemos até agora teria sentido se não pensássemos assim, pois nosso intuito é de estarmos sempre refletindo sobre a vida, especialmente, pelo viés literário, visto ser o caminho a dar melhores direcionamentos e apontamentos para nossas descobertas.

4.3.3 Análise de cordéis sob a ótica dos alunos

Escolhido o tema “A crítica social na escola em versos de cordelistas severianenses” e, a partir da constatação do problema de que o trabalho com o cordel em sala de aula ainda é limitado, principalmente, em seu aspecto social, partimos para o levantamento dos materiais utilizados para realizarmos a investigação de tal problema. Para tanto, foram necessários subsídios e/ou bases teóricas, capazes de nos dar respostas ao confrontarmos tema versus problema. As soluções vão surgindo, especialmente, a partir do material coletado, ou seja, as produções dos principais sujeitos da pesquisa (alunos). De posse desses resultados, optamos por analisar, de início, quatro produções de alunos, referentes aos cordéis mencionados na análise feita pela professora pesquisadora. A escolha dos quatro textos ocorreu, tendo em vista serem as produções/interpretações que mais se aproximaram do objetivo pretendido, uma vez que esses alunos perceberam, em cordéis analisados, alguns aspectos referentes à crítica social.

Pela convivência com a turma e desenvolvimento dos alunos, percebemos maior eficiência na leitura crítica, percepção e gosto pelo gênero literário em estudo desses quatro alunos. Consideramos ser um número pequeno em meio a um universo de vinte e sete alunos, porém, isso justifica a nossa pesquisa, pois reafirma o quão é limitada a presença do texto literário na sala de aula, especialmente, no referente à crítica social que esta pode suscitar. Como realizamos muitas análises e discussões dos textos em grupos, as produções dos demais alunos terão menor destaque aqui, mas algumas delas virão em forma de comentários,¹³ entretanto, não deixaremos de expor a compreensão dos demais alunos e questionamentos feitos por eles, visto que temos, além das produções textuais, notas de campo das discussões em sala.

Assim, realizamos algumas interpretações em equipes pelo fato de interpretar textos ser uma das tarefas mais complexas para o aluno do ensino fundamental, especialmente quando essa atividade é realizada individualmente. Segundo Colomer (2007, p. 71): “[...] trabalhar em grupo ajuda a interpretar de forma mais complexa, já que obriga a argumentar, a retornar ao texto, a comparar, a contestar, etc”. Assim, o aluno passa a ter sua visão acerca do texto bem mais ampliada, uma vez que agrega suas ideias à dos demais integrantes do grupo e este grupo irá compartilhar suas descobertas com o grupão (toda a turma), gerando muito aprendizado a partir das diversas perspectivas nas quais o texto foi discutido e compreendido. Tudo isso através de leitura coletiva, diálogo, revisão, comparação e argumentação.

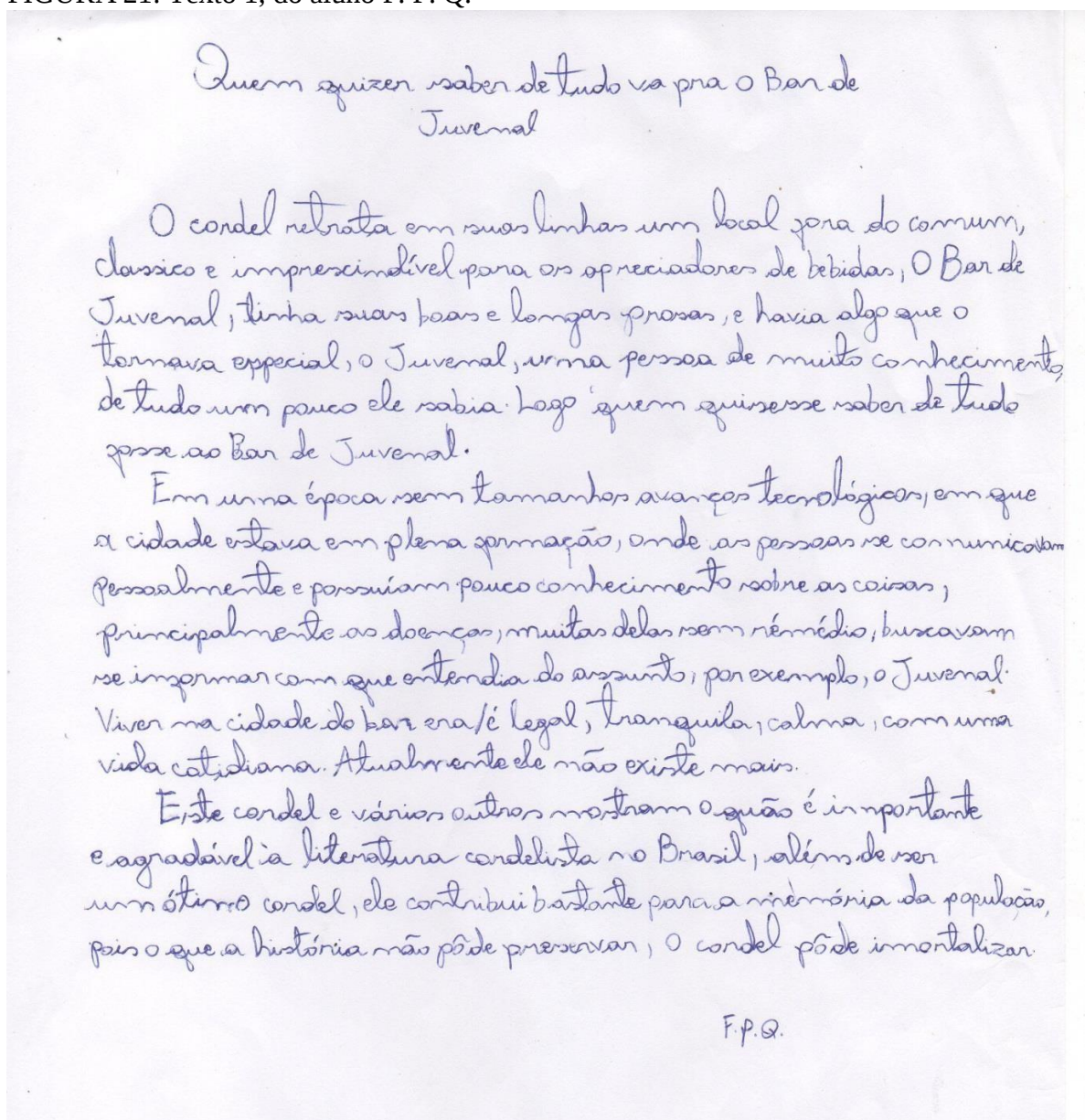
Raciocinar e argumentar são indispensáveis para o desenvolvimento da criticidade, por isso, realizamos leituras oralizadas, seguidas de discussões a partir de vários cordéis dos poetas locais. A cada texto foram surgindo questionamentos, tanto feitos pela professora quanto pelos alunos, também foram muitas colocações que geraram divergências, mas buscamos a melhor forma para ponderar todas as situações e obtermos mais conhecimentos. A cada cordel estudado, orientamos os alunos, a fim de que eles não atentassem para um único aspecto no momento da interpretação, por isso estabelecemos um roteiro, o qual não deveria ser seguido rigorosamente. Nos textos, os seguintes pontos, poderiam ser observados: O que chama a atenção no cordel, aspectos formais e/ou outros? Como eles veem o contexto local a partir do texto? Podemos relacionar o contexto do poema com o nosso? O poema retrata algum problema/situação social? Como é ou era a vida na cidade, de acordo com os versos? (podem fazer algumas comparações?) Eles, enquanto pertencentes à comunidade, se veem nos cordéis lidos? Qual a importância da produção literária local?

¹³ Quadros com trechos de produções de alunos, opiniões emitidas, durante discussões, e/ou questionamentos, feitos por eles.

Mesmo com pontos norteadores para as produções, percebemos que alguns alunos apresentaram dificuldades para produzir suas interpretações, visto que não conseguiam incluir alguns pontos, quando estes poderiam ser explorados. Como já mencionado, interpretar é um grande desafio para nossos alunos e isso indica que nossa pesquisa está no caminho certo, pois sabíamos que não iríamos trazer uma solução para o problema, mas estaríamos dando um passo importante, no sentido de despertar, no aluno e em nós - enquanto escola - a necessidade de lidarmos com essas atividades na sala de aula e com mais frequência, até para o enriquecimento do repertório discursivo do aluno.

Na sequência temos as quatro interpretações (produções) de alunos, os quais terão seus nomes preservados, sendo identificados apenas pelas iniciais. O nosso olhar sobre as produções se voltará, especialmente, para a crítica social apresentada por cada aluno. Vale salientar que além das produções escritas, destacaremos também alguns registros que serão feitos durante a análise. Estes são referentes às colocações dos demais alunos em sala de aula, durante as discussões e interpretações dos textos estudados:

FIGURA 21: Texto 1, do aluno F. P. Q.



Fonte: autoria própria

O aluno F.P.Q descreve, no seu texto, o bar do Juvenal como sendo um lugar “fora do comum” para os apreciadores de bebidas; talvez pelo fato dessas pessoas não expressarem, normalmente, interesse por outras coisas em um bar. O uso da expressão: fora do comum, para fazer referência a um bar, lugar tão corriqueiro para a pequena cidade serrana - indica certa contradição. Contudo, o “clássico e imprescindível”, que também são usados para fazer referência ao local, sugerem algo mais fora do comum ainda, ou seja, um bar com os atributos: clássico e imprescindível. O aluno iniciou seu texto: “O cordel retrata em suas linhas um local fora do comum, clássico e imprescindível para os apreciadores de bebidas, o Bar do Juvenal

[...]”. Essas colocações, feitas pelo aluno, no início do texto, despertam curiosidade no leitor e o convidam para que este acompanhe o desenrolar da interpretação, pelo fato dele ter feito referência ao bar de forma tão inusitada, porém condizente com a situação descrita no cordel.

Mais adiante, passamos a entender o porquê de o aluno ter atribuído adjetivos tão atípicos ao bar, pois não se tratava de um bar qualquer e sim, do bar do Juvenal. Através do cordel, o aluno foi munido desse desejo de enaltecer o local, visto frisar com veemência: “Quem quizer saber de tudo vá pro bar do Juvenal”. Além da bebida, seria possível obter conhecimento sobre qualquer assunto, visto o Juvenal, apresentado pelo poeta e também pelo aluno como figura central, ter sido dotado de certo endeusamento. Essa compreensão mostra que o aluno se deixou seduzir pelas colocações do poeta a respeito do bar, ou seja, o aluno concordou, de certa forma, que quem quisesse saber de tudo deveria ir ao bar do Juvenal. Percebemos essa aceitação e certo conformismo de que essa seria a solução.

Há, porém, um indício de que o aluno reconhece os motivos pelos quais ele e demais pessoas do lugar terem depositado confiança e expectativas com relação ao bar e ao seu dono. Quando ele escreve: “Em uma época sem tamanhos avanços tecnológicos, em que a cidade estava em plena formação, onde as pessoas se comunicavam pessoalmente e possuíam pouco conhecimento sobre as coisas, principalmente as doenças[...]”. Diante do trecho do aluno, enxergamos uma luz indicando que essas colocações feitas poderiam ser justificativas para o fato das pessoas irem buscar conhecimento em um bar. O aluno, embora tenha deixado transparecer sua confiança no dono do bar, reconhece, a partir da sua colocação, que a falta de avanços tecnológicos, cidade pequena e pouco desenvolvida, meios de comunicação escassos, pouco estudo, enfim contribuem para a ingenuidade das pessoas em buscarem conhecimento apenas no bar e/ou no dono daquele estabelecimento. Desse modo, concordarmos com Eagleton (2003), na medida em que acreditamos ser o aluno capaz de avançar a partir de uma interpretação e buscar conhecimentos advindos dos seus enraizamentos e envolvimento no meio social, pois há muitas marcas da vivência cultural a serem exploradas.

Na continuidade do texto, o aluno completa: “Em uma época sem tamanhos avanços tecnológicos, em que a cidade estava em plena formação, onde as pessoas se comunicavam pessoalmente e possuíam pouco conhecimento sobre as coisas, principalmente as doenças muitas delas sem remédio, buscavam se informar com quem entendia do assunto, por exemplo, o Juvenal. Há, no trecho acima, a quebra do raciocínio crítico do aluno e o conformismo ao retornar à ideia apresentada no tema do cordel. Como no cordel, predomina a descrição, o aluno usa a descrição também e fala da cidade onde ficava o bar, ou seja, sua cidade natal. A partir da

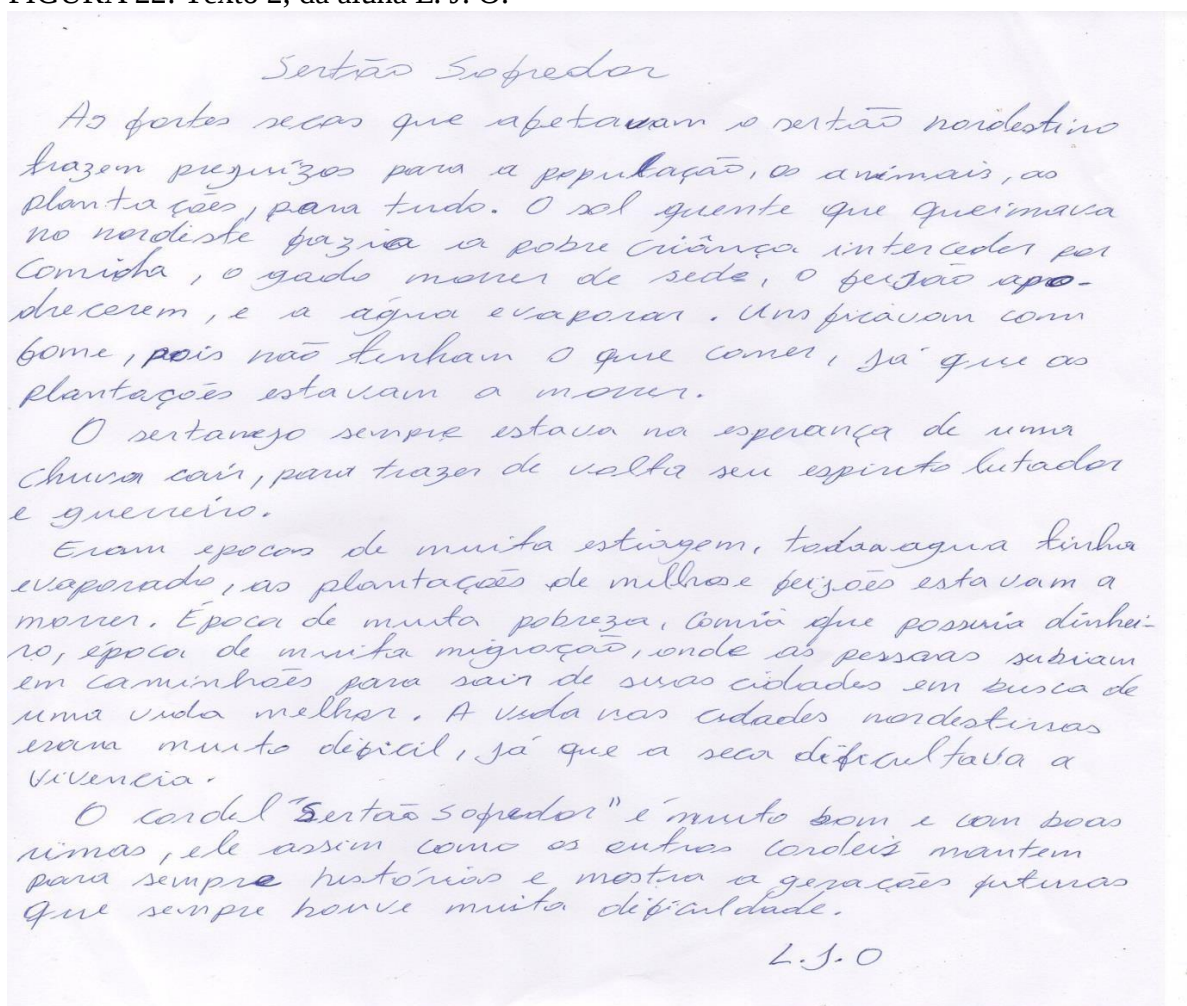
descrição feita, percebemos o quanto ele se orgulha em pertencer àquela pequena e tranquila cidade, onde um assunto banal pode ser visto com importância. Essa questão pode ser algo incômodo para alguns, porém há quem aprecie esse modo de ser e viver em uma comunidade onde todos se conhecem e privilegiam coisas que passam despercebidas nas grandes capitais. O apreço demonstrado pelo aluno pode ser perceptível, quando o aluno expressa: “Este cordel e vários outros mostram o quão é importante e agradável à literatura cordelista no Brasil, além de ser um ótimo cordel, ele contribui bastante para a memória da população, pois o que a história não pôde preservar, o cordel pôde imortalizar”. Como leitor, o aluno demonstra ter a consciência de que o cordel é capaz de tornar imortais, fatos marcantes de um lugar; isso por meio da arte da palavra.

De modo geral, o texto do aluno traz uma crítica que vai além da percepção aguçada; indício de que deve haver um maior investimento nessas atividades em que a leitura prazerosa e a interpretação sejam marcantes. Para tanto, deve-se ter em mente as colocações de Kato (1984, p. 56):

A experiência nos diz que há significados textuais que surpreendem os próprios autores por não terem sido pretendidos, mas que são reconhecidos como autorizados pelo texto. [...] Vê-se, portanto que, conquanto a leitura não possa ser vista como um processo que extrai o sentido final do texto, este é o elemento que delimita a gama de interpretações possíveis, algumas das quais podem não ter sido planejadas pelo próprio autor.

O poder de criticidade do aluno seria restrito, caso o texto tivesse essa limitação e o “passeio pela imaginação” proporciona a fluidez das interpretações, ocorrendo um alargamento do campo de percepção do sujeito; porém há que se ter o cuidado com a coerência de ideias, de interpretações. Tudo isso leva em conta um eficiente trabalho com a leitura, tanto a literária quanto a não literária, pois a partir do momento em que se dá essa evolução intelectual, o leitor, a partir da leitura literal, encontra os indícios para significados não literais, conforme indica Kato (1984).

FIGURA 22: Texto 2, da aluna L. J. O.



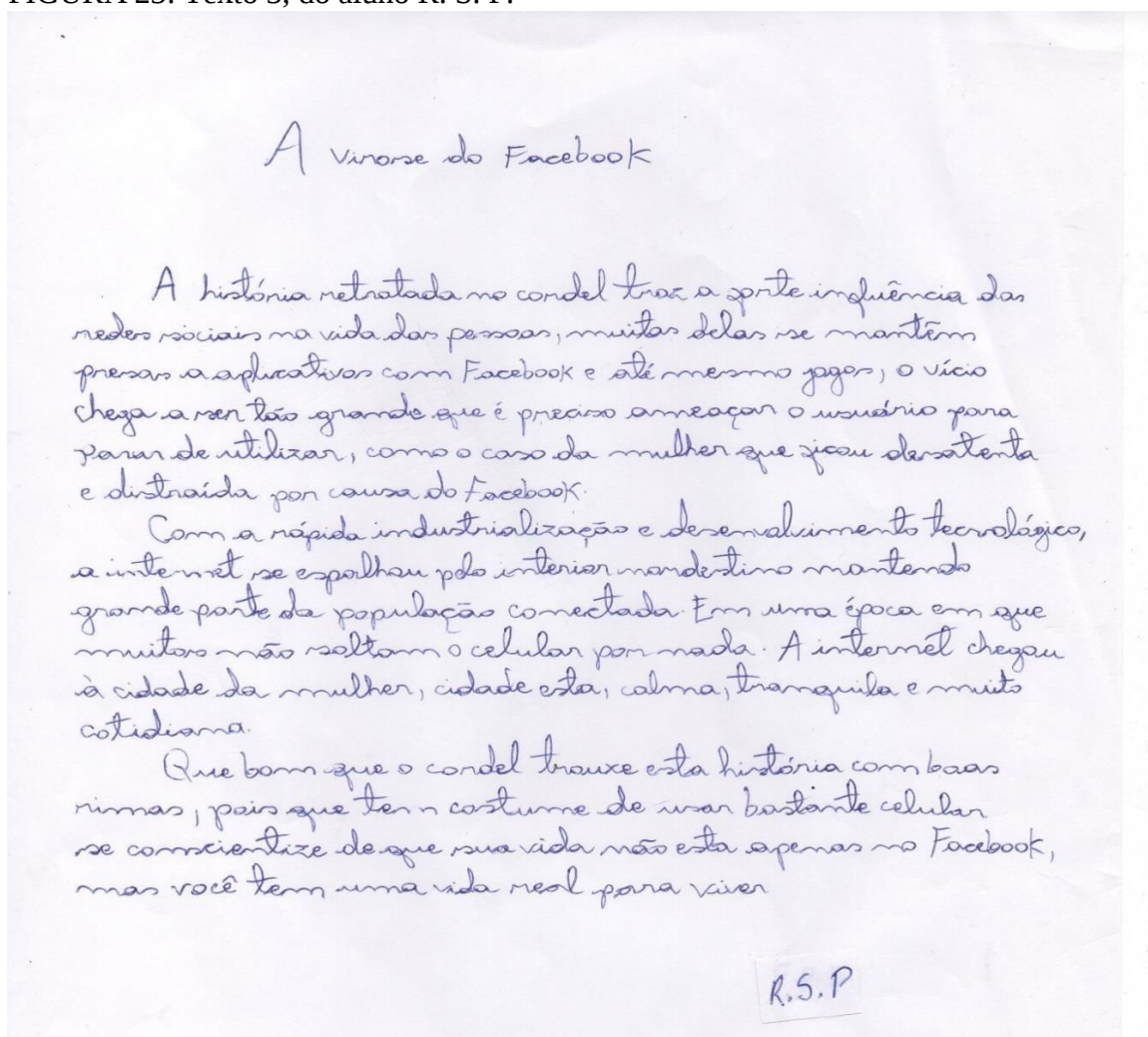
FONTE: autoria própria

A aluna L.J.O interpreta o cordel de Deca, intitulado: "O povo todo sofria com a seca do sertão", trazendo toda a descrição que o poeta fez de como era o sertão nordestino, no período da estiagem. Desse modo, mostra ter compreendido a crítica feita pelo poeta e passa a descrever todos os resultados advindos desses períodos de sofrimento, fazendo menção aos prejuízos para as pessoas, para a terra e para os animais. A aluna ainda não apresenta os requisitos necessários para realizar uma interpretação mais complexa, por esse motivo é perceptível, em seu texto, a reprodução descritiva do que o poeta evidenciou acerca do problema social, a seca. Ao elucidar, em sua interpretação, todos os pontos abordados no poema, a aluna, poderia ter reforçado as colocações do poeta com sua opinião e/ou ter apresentado motivos para o surgimento do problema, sugestões para minimizar a seca, soluções possíveis. Porém, somos sabedores de que o nível de conhecimento adquirido pela aluna até o momento, não permite isso, assim como as poucas possibilidades de reflexão e interpretação pelas quais foi submetida, durante esses nove

anos de escolaridade. Logo, a não expansão de ideias, as não inferências, as não indagações esperadas. Nessa reprodução em prosa do que o poeta apresentou em versos, comprovamos o quanto é limitada a interpretação e a capacidade de escrita da aluna, uma vez que escreveu um texto curto e teve apenas a preocupação de retratar o que captou no cordel estudado.

A partir desse texto, percebemos a limitação da aluna, assim como constatamos em muitos outros dos vinte e sete alunos participantes da pesquisa. Claro que, alguns desses alunos, apresentaram ideias interessantes e isso foi visto, especialmente, nas discussões, quando da demonstração de uma boa compreensão dos textos trabalhados, porém ao produzirem suas interpretações, o fizeram de forma limitada, tímida, pois é exatamente esse o ponto chave da questão. Vemos que é necessário um investimento estratégico e metodológico maior para que esse quadro melhore. O tempo também deve ser considerado, porque esse progresso não ocorre do dia para a noite. Como vimos em Silva (2009), raciocinar acerca do que se lê é fundamental, assim como perceber a realidade do texto lido, examinando seus fundamentos, mergulhando muito além de uma informação e até além das interpretações de uma mensagem. A partir da produção da aluna, vemos, pois, o quanto é preciso avançar, pois nossos alunos não foram treinados, o suficiente, para efetivar todos os passos necessários de reflexão, treino e ação até conseguir esse padrão de qualidade:

FIGURA 23: Texto 3, do aluno R. S. P.



FONTE: autoria própria

O aluno R.S.P interpreta o cordel “A virose do Facebook” (Deca) de forma bem independente, ou seja, não fica preso ao que o poeta colocou. Começou o texto mostrando de que trata o cordel e já continua expressando seu posicionamento acerca do assunto. Como o cordel traz a história de uma mulher viciada na rede social, o aluno trata, em seu texto, da forte influência das redes sociais sobre a vida das pessoas e relata como ficam essas pessoas sob essa influência e o que isso gera. Assim, ele fala sobre a influência da internet, tratando sobre o problema do vício e distração causada por isso, como se quisesse alertar às pessoas. Isso mostra que o aluno captou a mensagem do cordel e demonstra certo domínio de conteúdo e visão crítica a esse respeito. Assim, o faz menção às mudanças históricas ocorridas com a industrialização e avanço da tecnologia, o que promoveu o contato de todos com a internet, chegando, inclusive, até o interior do nordeste. Essa contextualização comprova o quanto o aluno está bem

informado e como consegue expressar, até certo ponto, seu pensamento crítico acerca do assunto; com um grau de maturidade desejável.

Sobre a questão da maturidade do leitor, vimos em Silva (2009) que vai depender da convivência desse leitor com diferentes assuntos, autores e artefatos da linguagem. O aluno compreende o fato de o texto proporcionar várias interpretações, contextualizando, fazendo referências históricas e utilizando artefatos que comprovam seus avanços intelectuais e, por outro lado, termos textos nos quais os alunos apresentam uma visão muito limitada, contemplando apenas aquilo que está a sua frente, o aqui e o agora. Por isso, não vemos como exigir um trabalho de qualidade do aluno a partir de algo que não é do seu conhecimento, não faz parte da sua convivência. Se esses alunos de diferentes perfis convivem no mesmo ambiente escolar, é preciso que realizemos um trabalho para equiparar esses conhecimentos, pelo menos para não permanecer tamanha disparidade de um aluno para outro.

Um problema comum observado em todas as produções dos alunos foi a limitação na escrita, visto que, pelas boas reflexões expressas no texto e discussões em sala de aula, sabemos que o aluno seria capaz de se aprofundar mais sobre um determinado assunto, porém interrompe o raciocínio. Os parágrafos muito curtos também denunciam isso, pois ao final de cada parágrafo, o leitor espera uma continuidade e maior explanação acerca do assunto. O primeiro parágrafo é finalizado: “[...] como o caso da mulher que ficou desatenta e distraída por causa do facebook.” O final do segundo parágrafo: “A internet chegou à cidade da mulher, cidade esta, calma, tranquila e muito cotidiana.” E no último parágrafo, que foi mais curto que os demais, o aluno declara: “Que bom que o cordel trouxe esta história com boas rimas, pois que tem costume de usar bastante celular se conscientize de que sua vida não está apenas no facebook, mas você tem uma vida real para viver.” A partir das colocações feitas pelo aluno, inúmeras situações, relacionadas ao assunto abordado, poderiam ser ampliadas e discutidas, mas a limitação de escrita do aluno, aliada à precária visão de mundo, não permitem esse avanço, no momento.

No geral, na produção do aluno, ficou nítido o raciocínio crítico positivo que ele tem, enquanto aluno de 9º ano e por se tratar de um adolescente de quatorze anos. É preciso intensificar as atividades de interpretação, a fim de que o aluno perceba a necessidade de ele se expressar mais, se soltar mais na escrita, colocar no papel aquilo que ele pensa e ser capaz de defender seus argumentos com maior segurança e qualidade. Reportamo-nos a Zilberman; Silva (1991) quando defenderam que não é apenas situar um texto, uma situação ao seu contexto, isso, por si só não basta, é preciso também uma contextualização cognitiva, dependente da

própria organização dos conhecimentos, das experiências pessoais. Então, percebemos ser longo o trabalho do professor até realizar isso com seus alunos, pois se é complexo, para o aluno, organizar os conhecimentos e situá-los aos contextos, mais ainda é desenvolver essa contextualização cognitiva, porém nada que, com um tempo, em um trabalho contínuo e sistematizado não surta efeito.

FIGURA 24: Texto 4, da aluna M. E. S.

A Mulher

Desde épocas medievais a mulheres sofriam discriminação, pois não podiam exercer cargos de nobreza, o seu único papel era reproduzir para aumentar a linhagem familiar.

Tempo depois no século XIX ela começou a conquistar seu espaço na sociedade. A primeira conquista foi o direito ao trabalho assalariado porém não teve igualdade salarial em relação aos homens. Anos depois ingressou na democracia obtendo direito ao voto, e a candidatura (elegendo assim a primeira presidenta brasileira). Depois de tanto abuso que sofria na sociedade machista, uma lei foi criada, (a lei maria da penha) que proibia a agressão contra a mulher.

Já nos tempos de hoje em dia com muitas conquistas, a mulher ainda sofre. Ainda com muitas leis, continuam a serem violentadas vítimas de feminicídio.

É sempre bom conhecer a trajetória da mulher, pois só assim sabemos que nem tudo foi fácil e o poema veio a nos mostrar que a poesia pode nos informar da história e do problemas sociais de hoje em dia.

M. E. S

FONTE: autoria própria.

Dentre as interpretações feitas acerca do cordel “Mulher” da poetisa Eridan Santos, apresentamos o texto feito pela aluna M.E.S. Ela inicia com uma contextualização histórica para abordar o que a mulher enfrentou, desde o período medieval, recapitulando o sofrimento, discriminação e privação de direitos pelos quais a mulher passou ao longo da história. Essa

recapitulação indica que a aluna percebeu a necessidade de voltar ao passado para justificar uma vitória árdua e justa da mulher na atualidade. Para produzir um texto com essa gama de conhecimento, com a habilidade em situar o leitor com relação ao tempo e aos acontecimentos, é necessário, não apenas discussões em sala de aula e a leitura e compreensão do cordel em estudo, mas também, muitas outras leituras e certa maturidade para tecer críticas tão significativas.

Como o cordel trata da importância da mulher, de algumas dificuldades enfrentadas por ela, das suas lutas e alguns avanços, a aluna reforça tudo isso, indicando conquistas importantes como: direito ao trabalho assalariado, o direito de poder exercer a cidadania votando e sendo votada, criação da lei Maria da Penha (amparo para defender as mulheres), enfim, relata lutas e conquistas da mulher que não foram explicitadas no cordel. Isso mostra uma interpretação com certo domínio de conhecimento, pois não está presa apenas ao que leu e compreendeu do texto base. Mediante o que foi ressaltado em Zilberman; Silva (1991), uma escola ávida por mudanças sociais, vê a leitura dos textos propostos como instrumento de conscientização e libertação dos leitores e os autores enfatizaram ainda, que a complexidade de leitura de um texto depende sempre do leitor a que se dirige, dos conhecimentos que esse leitor tem ao seu dispor. Por isso, nem todos os alunos conseguem produzir com esse grau de qualidade, pois nem todos eles adquiriram esse nível de aprendizagem, capaz de compreender o texto em sua complexidade, mas tendo a escola essa responsabilidade de formar seres conscientes e livres, já representa um grande passo. Assim, vemos o quanto é grande a responsabilidade da escola, uma vez que direta e/ou indiretamente fazemos essa comparação entre os conhecimentos do aluno e a formação leitora oferecida pela instituição.

No penúltimo parágrafo, quando M.E.S escreveu: “Já nos tempos de hoje em dia com muitas conquistas, a mulher ainda sofre.” Em pleno século XXI, depois de muita luta e tantas vitórias, a mulher não pode se dar por satisfeita, pois ainda existe sofrimento, segundo as colocações da aluna. Com isso, ela continua firme na crítica social feita desde o início do texto. Segue alertando para a os casos de violência e feminicídio que ocorrem constantemente e enfatiza o quanto é bom conhecermos a trajetória da mulher para podermos tratar do assunto com propriedade. Como vimos em Silva (2009), é preciso raciocinar sobre os referenciais de realidade do texto lido. Isso é perceptível no texto da aluna, pois ela apresenta um apanhado de conhecimento acerca do assunto e faz essa referência com o que ocorre acerca desses fatos na realidade cotidiana.

No final do texto ela coloca: “[...] e o poema veio a nos mostrar que a poesia pode nos informar da história e dos problemas sociais de hoje em dia.” Lembramos com isso, que a poesia pode ser vista também como um veículo de denúncia, e não só, de entretenimento. Foi e continua sendo trabalhada na escola, muitas vezes, considerando apenas aspectos composicionais, por isso, a aluna enfatiza, em tom de surpresa, que a poesia traz informação e denúncia social. Assim, retomamos os estudos sobre Pinheiro (2012) quando este enfatizou que a literatura de cordel, ao longo da história, tem sido instrumento de lazer, de informação, de reivindicação de cunho social, realizadas, muitas vezes, sem uma intencionalidade clara. Logo, é preciso que o olhar do leitor, tanto na leitura, quanto na interpretação de versos, seja criterioso e crítico, no sentido de observar o valor literário do texto, bem como suas ideologias e intencionalidades.

De fato, a criticidade demonstrada na interpretação é ampla, visto tratar-se de aluna do nono ano e com apenas quatorze anos de idade. Ela abordou situações polêmicas e pertinentes, relacionadas à temática da mulher. Apresentou, ainda, com relação ao gênero estudado (cordel), o entendimento de que a poesia também informa e conscientiza.

Finalizada a análise dos textos dos alunos, seguem alguns registros de outro grupo de alunos. São produções menores que os textos acima, porém representam ideias pontuais acerca dos textos lidos e discutidos em sala. Colhidos a partir de notas de campo, os cinco trechos¹⁴ abaixo, serão denominados comentários de alunos.

COMENTÁRIO A

Escrever um cordel sobre facebook é muito estranho. Os cordéis não são pra falar de outras coisas? (Aluno A)

Esse questionamento do aluno “A” foi feito na primeira oficina, quando ele teve contato com os cordéis de Deca. O cordel “A virose do facebook” traz um tema bem atual e agradável para a maioria das pessoas, especialmente para o público jovem. Embora, o aluno tenha demonstrado interesse pelos versos, estranhou, pois na concepção dele, o cordel só tratava de fatos passados. Isso ele deixou claro nas discussões, justificando que, até então, só tinha lido cordéis sobre coisas antigas.

¹⁴ Primamos por apresentar trechos pelo fato de alguns textos serem muito repetitivos; outros citaram nomes de autoridades locais; já outros começaram tratando da temática abordada no cordel e logo em seguida fugiam totalmente do assunto.

Como vemos, é preciso um trabalho sequenciado para que o professor tome conhecimento das limitações de leitura dos alunos, das suas capacidades e dificuldades. Pinheiro (2012) nos mostra a importância de trabalharmos o cordel, considerando e valorizando as experiências locais e as contribuições de Haurélio (2013) ao dizer o quanto o cordel pode abarcar temas variados, tanto que recebeu inúmeras classificações como as histórias jocosas ou de gracejos, histórias de amor e sofrimento, dentre tantas outras. E, claro que mostramos o quanto as temáticas abordadas vêm se atualizando ao longo do tempo e buscando acompanhar a modernidade, fato que pode ser comprovado, pelo crescente desenvolvimento e avanço do cordel na internet, tendo livre circulação nas redes sociais:

COMENTÁRIO B

Os versos falam como é importante o facebook na vida das pessoas, por isso o homem está perdendo sua esposa pra ele. Talvez ela ache o facebook mais importante que o marido, o facebook não reclama de nada, não exige muita coisa ele é muito machista que não deixa nem a mulher se distraí um pouco. (Aluna B)
--

Esse comentário chamou a nossa atenção pelo fato de a aluna, apesar de não ter conseguido produzir o texto interpretativo, conforme a proposta sugerida, foi bastante original, conseguindo apresentar uma visão acerca dos fatos tratados no cordel, que nenhum outro aluno apresentou. Ela analisa o texto a partir do ponto de vista da esposa, acreditando que a vítima não é o marido, praticamente abandonado pela esposa, e sim ela, que não pode fazer o que gosta e o marido quer mantê-la sob os seus caprichos. A aluna demonstra um jogo de cintura, no revertendo a situação descrita no cordel lido, apresentando uma situação mais favorável à mulher do que ao homem, tornando-a vítima de atitudes machistas, bem como mostrando situações as quais indicam uma certa independência da mulher, especialmente no sentido de poder fazer algo que, embora não agrade ao marido, faz ela se sentir bem. Assim, a aluna demonstra ousadia de escrita quando diz: “Talvez ela ache o facebook mais importante que o marido.” Ela traz, em poucas palavras, alguns aspectos da vida moderna entre os casais e da mulher moderna, expressando sua visão crítica diante do fato, tratando de outra questão evidente; o machismo. Para Bordini (1993), isso ocorre porque o sujeito, ao entrar em contato com um texto, traz consigo toda uma bagagem de experiências linguísticas e sociais, que deve mobilizar a partir das provocações e lacunas que a obra lhe propõe.

COMENTÁRIO C

Tem muitos nordestinos que sofrem com a seca por que quer, eles já sabem que aqui tem seca e não faz nada pra acabar com a seca, aí quando a seca aparece eles vão embora. Acho que eles deveriam ficar e acabar com a seca. (Aluna C)

Nesse caso, a aluna “C” produziu seus textos seguindo esse estilo descrito no comentário acima, mostrando muita dificuldade de compreensão, visto não ser uma leitora assídua, especialmente de textos literários. No decorrer de todo o texto produzido, ela culpa e atribui ao pobre nordestino a responsabilidade de acabar com a seca no Nordeste. É, de fato, uma visão bem restrita, o que indica precariedade na leitura e, conseqüentemente, na compreensão/interpretação, mostrando distância da leitura crítica. Para Silva (2009), raciocinar sobre os referenciais de realidade apresentados pelo texto é tarefa fundamental a ser cumprida de imediato. E a partir daí o leitor deve seguir com uma análise criteriosa dos fundamentos do texto; enfim, um processo no qual muitas habilidades do leitor devem entrar em ação. Como fazê-lo se o aluno não tem noção de que a leitura e compreensão devem ocorrer considerando os contextos de vivência e existência dos sujeitos e dos textos. É esse o momento da intervenção do professor e da escola.

COMENTÁRIO D

Sempre falam que quem mora por aqui sofre com a seca. Eu acho isso estranho, por que eu nunca vi todo esse problema aqui não. (Aluno D)

O aluno “D” mostrou-se, durante toda a intervenção, como alguém meio desatento, principalmente, nas discussões de textos e nos momentos de leitura. Algo curioso que ele expôs durante uma aula foi não gostar de textos tratando de assuntos do passado e acrescentou não gostar da disciplina de História. Vemos o quanto o aluno traz um pensamento imediatista dos fatos, não considerando o contexto em períodos de vivência além da atualidade. Outro fator observável no comentário é que o aluno se mostra como alguém desinformado acerca de um assunto tão comum na região e com relação aos sofrimentos advindos da seca. Assim, as ideias do aluno têm uma nítida relação com o que defende Bordini (1993) ao afirmar que o leitor possui um horizonte que o limita e nesse horizonte diz respeito ao seu mundo particular, com as vivências pessoais, culturais, sócio históricas e normas religiosas, filosóficas, estéticas, jurídica, ideológicas que orientam ou explicam tais vivências. É esse horizonte de valores do

aluno que indica seus posicionamentos, por isso é preciso entendermos a bagagem cognitiva desse aluno e trabalharmos a melhor forma de expandir essa cognição.

COMENTÁRIO E

Mulher tem que cuidar de casa mesmo, tem que fazer as obrigações de casa [...]

[...] no cordel o poeta deixa claro que a mulher conseguiu muito e pela luta que vemos das mulheres, elas vão crescer muito mais. Aluno E

No comentário “E” vemos um exemplo de num único texto, o aluno demonstrar certa compreensão crítica quando trata da luta e dos possíveis avanços que estão por vir para as mulheres, mas apresenta um retrocesso quando, no início do texto, havia posto e defendido a condição de submissão da mulher. As colocações do aluno trazem indícios de que ele alimenta o preconceito e o machismo e, mas procura se redimir disso. Embora a poetisa não tenha demonstrado esse tipo de tratamento para com a figura feminina, o que se percebe é que o aluno não conseguiu se despir de preconceitos. Ainda é muito limitado o campo de visão interpretativo e crítico do aluno, comprometendo a compreensão e êxito nos estudos, não apenas dos textos literários poéticos, mas de quaisquer outros gêneros, pois é necessário muita leitura e conhecimento acerca dos fatos e assuntos que circulam cotidianamente em nosso meio. A falta de informação inviabiliza muito o aprendizado e isso se dá também devido o pouco interesse pela pesquisa e pela atualização das informações que recebemos constantemente. Partindo desse fato, é clara a necessidade de intervenção da figura do professor, uma vez que o aluno não tem um rumo definido a seguir para realizar leituras mais complexas e interpretações amplas.

Os conhecimentos prévios fazem toda diferença nesse processo interpretativo, pois como visto em Silva (2009), existem três posturas distintas para um leitor na sua interação com os textos: ler as linhas, ler nas entrelinhas e ler para além das linhas. Assim, o autor destaca o ler para além das linhas, considerando ser necessário que o leitor vá além do simples reconhecimento de uma informação. Neste sentido, o sujeito adentra um texto tendo o objetivo de refletir sobre os aspectos da situação social a que o texto remete, até chegar ao cerne do projeto de escrita do autor. É evidente que é um processo a ser planejado e trabalhado, como também digno de um longo período de preparação até ocorrer a compreensão de que cada texto obedece à circunstâncias, razões e desafios sociais, segundo o autor mencionado.

4.3.4 Dos cordéis de poetas locais às produções dos alunos: correlações possíveis

É indispensável estabelecer correlações entre os cordéis dos poetas e as produções dos alunos, pelo fato de precisarmos avaliar até que ponto nosso objetivo foi alcançado. A nossa principal pretensão com essa pesquisa, era analisar a crítica social presente em temáticas abordadas por meio de versos de cordelistas locais, considerando a pertinência desse estudo para as questões sociais e literárias, considerando ser o texto literário, um veículo amplo de formação humana dos sujeitos. No entanto, até pelo grau de compreensão do nosso aluno, somos sabedores de que com quinze aulas de intervenção, não iríamos obter o êxito desejado e que esse é um trabalho contínuo, envolvendo muita leitura e discussão, até porque a presença do texto literário nas aulas de Língua Portuguesa ainda é limitada.

Logo, nossas análises indicam que dos vinte e sete alunos, apenas quatro apresentaram interpretações mais completas, no sentido de compreenderem os cordéis trabalhados, considerando situações de produção, contexto, bem como apresentando certo conhecimento acerca das temáticas dos cordéis e criticidade considerável para a idade, série e domínio cognitivo da linguagem. Estes alunos conseguiram, conforme podemos comprovar nos textos do tópico 3.3.3, expressar, de algum modo, a crítica social captada a partir dos textos dos poetas locais e, desse modo, externaram suas ideias e opiniões.

Podemos dizer que correlações ocorreram, especialmente nas descrições feitas tanto pelos poetas, quanto pelos alunos (quase todos os vinte e sete), visto que ler um cordel descritivo e compreender o que foi relatado não é tarefa tão difícil para um aluno de 9º ano. As temáticas dos cordéis também contribuíram para isso, pois não trataram de assuntos distantes da realidade do aluno. Pelo contrário, os poetas privilegiaram fatos que marcaram e marcam nossa região, nossa cidade, nosso povo.

De fato, se os poetas tiveram o intuito de descrever tais fatos, apresentar críticas sociais, fazer com que outras pessoas tivessem conhecimento ou pretendiam apenas apresentar suas artes poéticas, isso não o sabemos, porém algumas pistas os alunos colheram e definiram como críticas sociais. Isso indica que houve um esforço, no sentido de ver além da poesia, pois, de início, a maioria dos alunos não viam o cordel como um texto que possibilitasse uma análise, muito menos reflexões sobre problemáticas sociais. Com o desenvolvimento das atividades e das produções em sala, eles viram ser possível estudar o poema de forma mais profunda e detalhada, embora muitos não tenham conseguido produzir os textos esperados. Conforme vimos nos comentários, algumas colocações de alunos indicam que eles precisam e têm como

evoluir e isso para nós já é um resultado positivo, pois sabemos como está o nível de interpretação e criticidade do nosso aluno e precisamos dar continuidade ao trabalho iniciado.

O fato de ter atingido uma porcentagem pequena de alunos com a pesquisa, não se configura como algo negativo, porque somos sabedores da deficiência do trabalho com o texto literário em sala de aula, da deficiência com relação à leitura, de modo geral, bem como do nível interpretativo dos alunos. Considerando que esses fatores geraram os resultados obtidos, voltamos a refletir com os estudos de Zilberman; Silva (1991) que trataram da capacidade interpretativa dos sujeitos, enfocando que esse sujeito, que se relaciona criticamente com sua posição, problematizando-a e explicitando as condições de produção da sua leitura, tá no nível da compreensão. Esta supõe uma relação com a cultura, com a história, com o social e com a linguagem que é atravessada pela reflexão e pela crítica.

Isso tudo é um processo já conhecido e adotado em muitas escolas, no entanto, carece de mais maturação para que surtam os efeitos desejados. Esses ajustes necessários passam também e, especialmente, pela ótica da cultura, como visto em Zilberman; Silva (1991) e Vannucchi (1999), quando tratam da nossa condição de “independência” europeia, visto as condições reais, econômicas, políticas da nossa sociedade, dependente, marginal e periférica. De acordo com o autor, ainda existem marcas profundas da exploração e desfiguração a qual o povo brasileiro foi submetido. Daí considerar ser lento o progresso, inclusive na esfera educacional.

5 CONCLUSÃO

Nesta dissertação, tivemos a oportunidade de tratarmos da literatura de forma mais familiar, como algo mais próximo do nosso convívio, visto percebermos o quanto é pertinente e necessário valorizarmos a cultura/arte local para chegarmos ao global com mais segurança e propriedade. Partindo desse pressuposto, podemos dizer que demos vida à literatura a nossa volta, oportunizamos a sua propagação e o prazer às pessoas envolvidas nesse processo.

Durante esse percurso interativo, buscamos respostas para a principal indagação feita quando pensamos em trabalhar com o tema: “A crítica social na escola em versos de cordelistas severianenses”, a saber: de que maneira podemos despertar o gosto do aluno pelo texto literário poema de cordel, sendo esse capaz de compreender e interpretar a linguagem literária, considerando a perspectiva do autor, contexto e situação de produção? A resposta foi surgindo a cada oficina trabalhada, visto utilizarmos estratégias apropriadas para obtermos os resultados almejados.

Vale salientar que, apesar de satisfatórios, os resultados obtidos não são garantia de satisfação eterna, pois é preciso haver uma continuidade dessas experiências a fim de que consigamos implementar, com maior afinco, a crítica social e o gosto pela literatura local, considerando sempre contexto e situação de produção. Dessa forma, teremos, cada vez mais, alunos preparados e cientes da importância da presença do texto literário em suas vidas.

Na intervenção, optamos pela sequência básica de Cosson (2017) por entender que essa visa à formação de leitores proficientes. Há, ainda, o fato de a sequência promover a interação tão desejada e necessária em sala de aula, especialmente, durante as leituras em equipes e discussões acerca dos textos trabalhados, o que garante a aquisição de um conhecimento mais amplo a partir da socialização de ideias.

Neste sentido, a atividade interativa, de modo geral, foi exitosa e os resultados obtidos estão dentro do esperado, visto não ser possível atingir 100% quando sabemos quão complexo é desenvolver o senso crítico de sujeitos advindos de uma educação deficitária com relação às práticas de leitura, principalmente, da leitura literária. Houve desmotivação de um ou outro aluno, em algum momento, como também resistência em participar das discussões, enfim, situações normais em um universo de vinte e sete alunos.

Um fator observado a partir da realização desse trabalho, em sala de aula com a literatura mais especificamente, com o cordel, foi em relação à metodologia adotada. Geralmente, quando, esporadicamente, o cordel está em pauta na escola, percebe-se a aversão de muitos

alunos, pelo fato de uma das principais exigências ser a produção de cordéis. Esse fator é enfatizado por Cosson (2016) ao frisar a importância da análise do texto literário, sobretudo, tendo em vista o envolvimento entre leitor e texto literário. O autor traz a reflexão para o viés da magia, da intensidade com que a literatura chega aos nossos corações e age sobre nós. Ter que criar versos, estrofes, rimas e tudo isso bem articulado com uma temática é algo desestimulante para qualquer aluno, pois quebra a magia ora mencionada.

Desse modo, optamos por abordar mais o lado literário, oferecendo aos alunos a chance de conhecerem cordéis nacionais e, em especial os locais, poderem sentir a poesia e o que ela representa para cada um, enquanto membros de uma comunidade que tem contato com os poetas, poderem tirar suas próprias conclusões, através das discussões realizadas durante as oficinas.

Assim, as chances do conhecimento acerca do cordel e prazer da sua leitura, seriam muito maiores. Com essa intervenção, fizemos e obtivemos uma boa parcela de satisfação, proveitosas discussões de textos, ampliando os conhecimentos dos alunos a cada oficina, culminando com produções que demonstraram certa criticidade, com boa articulação entre os versos estudados e a crítica social feita. De fato, percebemos limitações, visto não ser uma atividade desenvolvida frequentemente, mas sabemos que com a continuidade dessas atividades, com a disposição de um tempo maior para isso, teremos maiores chances de avanço.

O questionário aplicado e analisado qualitativamente, as análises dos cordéis realizadas pelos alunos, a análise de cordéis feita pela professora pesquisadora, as correlações entre as análises feitas pelos alunos e os cordéis trabalhados e as notas de campo¹⁵, propiciaram um panorama geral do que alcançamos até então, a partir dos nossos objetivos e como podemos dar continuidade a esse trabalho ao longo do tempo. Nesta perspectiva, conseguimos, dentro das limitações, atingir, em partes, nossos objetivos e isso é motivo de satisfação, uma vez que empregamos uma metodologia em consonância com as teorias estudadas e com a realidade dos nossos alunos.

Nesse caso, alcançamos um conhecimento, mas observamos que analisar uma obra literária requer prazer e a satisfação de uma necessidade humana, pois sendo necessária, a literatura deve ser presença constante, algo envolvente. Por conseguinte, aqueles alunos que

¹⁵Fizemos algumas descrições de falas dos alunos nos momentos de leitura, discussão e interpretação de cordéis. Observamos e registramos situações que, dentre outros aspectos, procuramos perceber como eles veem o contexto local, como eles percebem a vida na cidade antigamente e atualmente, como eles se incluem, como eles realizam a análise dos cordéis, qual a importância dada por eles para a produção local, enfim, tudo com base nos textos explorados em sala.

não foram envolvidos pela sedução da literatura, durante nossa intervenção, precisam ser, urgentemente, seduzidos. Assim como tantos outros, vale refletirmos o quão complexo é lidar com o texto literário e mais ainda é convencer os sujeitos em formação desse fato, pois para formar leitores devemos conscientizá-los e ter consciência de que: “os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos e grande parte deles são aprendidos na escola.” (COSSON, 2016, p. 26).

Nesta dissertação, tivemos essa preocupação com os mecanismos de interpretação, uma vez que direcionamos as discussões e orientamos atividades e produções, no sentido de fazer o aluno perceber o caminho a seguir para construir significados, trocar ideias com os demais sujeitos envolvidos e atribuir sentido para os textos a partir do compartilhamento de conhecimentos. Assim, apesar de não podermos dizer que os vinte e sete alunos participantes da pesquisa estão lendo os textos literários e realizando interpretações críticas como deveriam, a semente foi plantada e os frutos serão colhidos aos poucos, conforme dissemos anteriormente, depende do nosso empenho em manter viva a presença da literatura na escola. Como visto em Silva (2009), os problemas sociais estão atrelados ao problema que permeia a leitura, por isso devemos entender o contexto de inserção do nosso aluno, trabalharmos esse contexto e oportunizar condições metodológicas para que tais deficiências possam ser amenizadas; claro que vendo meios para atender a outras condições favoráveis ao processo.

A mudança de postura, ao lidar com o texto literário vem aos poucos ocorrendo, por isso a importância de adotarmos o ângulo da significação, marcante para qualquer estudo, visto a necessária quebra de anos de estudo do texto literário como algo distante das pretensões e realidade histórico cultural dos alunos.

Com essa postura, textos que tratam da cultura local irão ser vistos com mais respeito, orgulho e serão mais dignos de leitura e análise, pois temos no nosso estado escritores louváveis, no entanto pouco conhecidos dos nossos alunos, seus conterrâneos. No nosso município também há quem escreva, há quem crie composições poéticas de belezas e verdades dignas de serem conhecidas e isso oferecemos para os nossos alunos durante a intervenção e pretendemos seguir adiante. Vimos, com essa pesquisa, que o maior desafio é conduzir o aluno à compreensão acerca do texto literário, percebendo as possibilidades de análise crítica que este pode proporcionar, além de ser o texto que faz com que o sujeito perceba com mais facilidade aquilo que é dito implicitamente, conforme vimos em Colomer (2007) dentre outros estudiosos da literatura abordados neste trabalho.

Nossa missão, enquanto escola, formadora de opinião, é, pois, dar continuidade e intensificar sempre mais a leitura e interpretação. O texto literário com sua extensão em recursos responsáveis por transformar a mente humana, terá seu lugar de destaque, sendo trabalhada de modo a gerar, além do prazer, o sentido de utilidade. Nosso intuito é, primordialmente, oferecer um conhecimento mais sólido, pautado no diálogo e na criticidade. Dessa forma, a literatura deve chegar até os alunos como uma arte, uma necessidade, um direito que flui, floresce e traz crescimento.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, P. **Crônica à memória de Antônio Nunes de França grande repentista**. São Paulo. 20/11/18. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/6507424> Acesso em: 23 Jan. 2019.

AGUIAR, Vera T. de; MARTHA, Alice A. Penteado (Orgs.). **Territórios da leitura: da literatura aos leitores**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

ALVES, Roberta Monteiro. **A literatura de cordel em sala de aula: uma proposta pedagógica para a construção de um sujeito crítico**. 118f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe São Cristóvão, 2010.

AMARILHA, Marly; FREITAS, A. C. DE. **Os caminhos da poesia na escola: som imagem, pensamento**. In: Marly Amarilha. (Org.). **Educação e Leitura: desafios e criatividade**. 1 ed. CAMPINAS: MERCADO DAS LETRAS, 2016, v. 01, p. 25-54.

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores, cultura popular e contexto brasileiro**. Jornal da USP - Caderno de Cultura, São Paulo - SP, 16 jan. 2006. Disponível em <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores.pdf> Acesso em 25 jan. 2019.

BAKHTIN, MIKAEL. **Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOGDAN, R., BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORDINI, Maria da Gloria & AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. 1988. Disponível em <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>. Acesso em: 12 dezembro 2018.

CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a vida social. In: **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

COSSON, Rildo. **O espaço da literatura na sala de aula**. Coleção explorando o ensino da literatura. v. 20 - Ensino Fundamental. Ministério da Educação. Brasília, 2010. Disponível em: <https://www.portaltrilhas.org.br/download/biblioteca/literatura-infantil.pdf#page=55> Acesso em: 12 dezembro 2018.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

D'OLIVO, Fernanda Moraes. **O social no cordel**: uma análise discursiva. 92f. Dissertação (Mestrado em linguística) UNICAMP – Campinas, SP. 2010.

DUTRA, Kátia. **119 anos de Graciliano Ramos**. 2015. Acesso em 01 de Fevereiro de 2019.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FENSKE, Elfi Kürten (Org.). **Luís Fernando Veríssimo**: o cronista. Templo Cultural Delfos, janeiro/2016. Disponível em <http://www.elfikurten.com.br/2016/01/luis-fernando-verissimo.html> Acesso em 03 Fevereiro 2019.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GALVÃO, Ana M. de Oliveira. **Oralidade, memória e a mediação do outro**: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950). Educ. Soc. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 115-142, dez. 2002. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/pdf> Acesso em 20 fev. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel**: do sertão à sala de aula. São Paulo: Paulus, 2013.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. Ed. Martins Fontes, São Paulo: 1984.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1996.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. (Orgs.). **Leitura literária**: a mediação escolar. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

PINHEIRO, Helder; MARINHO, Ana Cristina. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

PINHEIRO, HELDER; ARISTIDES PEREIRA, JAQUELÂNEA; SILVA, DA MARIA VALDÊNIA (et al) **Literatura e formação de leitores** (Orgs.). Campina Grande: Bagagem, 2008.

PROENÇA-FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1992.

SAMPAIO, M. L. P. **A função mediadora do planejamento na sala de leitura de textos literários**. Tese de doutorado. Natal: UFRN, PPGEd, 2005.

SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. São Paulo: editora brasiliense, 1983.

SANTANA, João. **A arte do repente (e 40 dos repentistas de destaque da atualidade)**. Disponível em: <http://www.versoencantado.com.br/blog/a-arte-do-repente/> Acesso em 25 de fevereiro de 2019.

SAUTCHUK, João Miguel. **A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. Brasília: UnB, 2012.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **Literatura de cordel: um fazer popular a caminho da sala de aula**. 132f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2007.

SILVA, Raymundo José da. **Identidades e representações do nordeste na literatura de cordel**. 187f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Críticidade e leitura: ensaios**. (Coleção Leitura e Formação). São Paulo: Global, 2009.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras - impasses e alternativas no trabalho do professor**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEIXEIRA, Tattiana. **A crônica política**. 2002. Disponível em: http://www.bocc.uff.br/_listas/tematica.php?codtema=17 Acesso em 03 Fevereiro 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira: o Que é, Como se Faz**. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

WALLACE, Mike; WRAY, Alison. **Getting Started on Critical Reading**. In: Critical Reading and writing for postgraduates. London: SAGE, 2011. P. 29-43.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs). **Leitura – perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1991.

ANEXOS

A: Questionário



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Programa de Mestrado Profissional em Letras



ProfLetras
Unidade Pau dos Ferros

Questionário de sondagem

Literatura de cordel

1. Quem é você e onde mora?
2. Você considera a atividade de leitura algo importante? Por quê?
3. Quais textos mais gosta de ler nas aulas de Língua Portuguesa?
4. Consegue compreender o texto literário?
5. Você já leu cordel?
6. Aponte as maiores dificuldades que você encontra com relação à leitura dos cordéis.
7. A leitura e compreensão de cordéis traz alguma contribuição?
8. Conhece algum cordelista nacional ou local?

Grata pela colaboração:

Profa. Cláudia Queiroz

B: Convite do evento



C: Acolhida – Evento de abertura das oficinas/ 13/03/18

Aos presentes, um bom dia!
Que presença fundamental!
Para esse momento literário

Tornar-se especial
Alunos e professor
Queremos o seu aval

PROFLETRAS- Pau dos Ferros

Sou aluna de mestrado
Escolhi pra pesquisar
Algo do meu agrado
A literatura, a poesia
Que é patrimônio sagrado
E focando o local

Gentil Alves, patrimônio severianense
Deve ser sempre lembrado
Serviu na religião, saúde, cultura
Deixando imenso legado
É nossa função, agora
Deixar tudo registrado

Tem acervo variado
Não pode ser esquecido
Precisa ser divulgado

A escritora Eridan
Tem livro muito legal
Trata do seu contexto
Do passado ao atual
Viagens, pessoas, fatos
Tudo com muito astral

Na equipe gestora da escola
Temos apoio certo e constante
Tratando-se de inovar
É uma turma atuante
Instiga e incentiva
Isso é gratificante

Gracinha Cazé é querida
Bem vista na comunidade
Se é dom ou se é de família
Faz versos com autoridade
Seus motes não deixam de fora
O humor e a vivacidade

Queremos aqui saudar
O secretário de educação
Que não é poeta de título
Mas tem grande vocação
Declama e faz com amor
Palavra virar canção

Poeta Deca de Gentil
Humildade e gentileza
Com versos sobre o lugar

Sentimentos e natureza
E da atualidade
Ele trata com presteza
Eis o nosso piquenique
Com poetas do lugar
Mesmo sem vegetação
Nem ao ar livre estar
O importante é a riqueza

Que a cultura vem mostrar

As estrelas são vocês
Queiram se apresentar
Sei que trouxeram bons versos
Para esse povo escutar
Vamos logo ao recital
É hora de declamar!

D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPEG
 Campus Pau dos Ferros
 Departamento de Letras Vernáculas - DLV
Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS
 Unidade Pau dos Ferros
 Br 40, Km 153, Bairro Anzona, CEP 59900-00, Pau dos Ferros/RN
 Fone (84) 3351 2560/Fax 3351 3909/E-mail: profletras.pferros@gmail.com/Site: propeg.uern.br/profletras



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos seu filho (a) a participar da Pesquisa: A CRÍTICA SOCIAL NA ESCOLA EM VERSOS DE CORDELISTAS SEVERIANENSES, sob a responsabilidade da pesquisadora Claudivânia Ferreira de Queiroz Oliveira, o qual pretende estudar os resultados de um questionário, bem como da aplicação de uma proposta de sequência básica, a partir de oficinas, para analisar a crítica social presente em temáticas abordadas por meio de versos de cordelistas locais, considerando a pertinência desse estudo para as questões sociais e literárias.

A participação do seu filho (a) é voluntária e se dará por meio de encontros em sala de aula, em grupos e individuais, caso haja necessidade. Inicialmente explicaremos os fins e meios da pesquisa ao referidos participantes, em seguida, teremos encontros em grupo com eles, com o objetivo de aplicar a sequência básica (oficinas), momentos de observação na sala de aula e discussões com os referidos alunos.

Não haverá riscos decorrentes de participação por parte de nenhum sujeito inserido na pesquisa, uma vez que os recursos materiais utilizados para a pesquisa serão os de uso diário dos alunos. Mesmo depois de consentir a participação de seu filho (a) Vossa Senhoria poderá desistir de continuar participando, tendo o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a nenhum dos sujeitos. A Vossa Senhoria não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, a identidade será divulgada através de fotos que irão expor situações em grupo e individual do seu filho(a), bem como as produções de suas referidas respostas às atividades aplicadas em sala de aula. Para qualquer outra informação a Vossa Senhoria poderá entrar em contato com a pesquisador no endereço Rua João Nogueira, 24, centro, Doutor Severiano, RN, pelo celular (84) 981198729 e/ou poderá entrar em contato com o PROFLETRAS - Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional–UERN/CAMEAM (84) 3351 2560.

Consentimento Pós–Informação:

Nós, pais dos alunos do 9º ano da E.M.J.N.O fomos informados(as) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da colaboração de meu filho(a) e entendemos a explicação. Por isso, eu concordo que meu filho (a) participe do projeto, sabendo que não vamos ganhar nada e que ele (a) poderá sair quando quiser.

Data: ____/____/____

Claudivânia Ferreira de Queiroz Oliveira

Pesquisadora responsável

Profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Orientadora

E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPEG
 Campus Pau dos Ferros
 Departamento de Letras Vernáculas - DLV
Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS
 Unidade Pau dos Ferros
 Br 40, Km 153, Bairro Anzona, CEP 59900-00, Pau dos Ferros/RN
 Fone (84) 3351 2560/Fax 3351 3909/E-mail: profletras.pferros@gmail.com/Site: propeg.uern.br/profletras

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, autorizo a utilização, para fins de pesquisa, dos dados fornecidos à pesquisadora responsável, Claudivânia Ferreira de Queiroz Oliveira e à orientadora responsável, profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio, durante pesquisa realizada no Programa de Mestrado em Letras (PROFLETRAS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Declaro que fui informado (a) e estou ciente que:

1. A pesquisa tem como título: A CRÍTICA SOCIAL NA ESCOLA EM VERSOS DE CORDELISTAS SEVERIANENSES e o objetivo geral é estimular o valor cultural da literatura de cordel, no município, identificando a crítica social presente em temáticas abordadas por meio de versos de cordelistas locais.
2. Os resultados da pesquisa serão estruturados a partir dos seguintes procedimentos:
 - a) Análise da crítica social presente nos meus cordéis;
 - b) Análise da produção dos alunos, tendo como base as leituras e estudos realizados a partir dos meus cordéis;
 - c) A correlação entre as produções dos alunos e os meus cordéis.
3. A pesquisa obedece às normas éticas e não apresenta risco a minha pessoa, pois se comprometo a manter sigilo parcial da minha identidade, uma vez que minha imagem será exibida através de vídeo e/ou das fotos referentes à pesquisa.
4. Os dados da pesquisa serão publicados/divulgados, desde que garantido o disposto no item 3.

5. Minha participação é voluntária. Tenho plena liberdade para recusar a participar ou retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização e prejuízo algum.
6. Não receberei nenhum pagamento para participar desta pesquisa, assim como não terei custo pela participação. Toda e qualquer dúvida que eu possa ter sobre o processo de investigação será esclarecida através do e-mail: catarinaakiane@gmail.com ou pelo telefone (84) 981198729.
7. A pesquisa está vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) no Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), situado na BR 405, Km 153, Bairro Arizona, CEP: 59900 - 000 em Pau dos Ferros/RN e o telefone para contato é (84) 3351 2560, além do endereço eletrônico profletras.pferros@gmail.com
8. Minha assinatura neste consentimento mostra que entendi a pesquisa e concordo em participar. Receberei uma cópia deste termo de consentimento.

_____, ____ de _____ de 2018.

Participante da pesquisa

Claudivânia Ferreira de Queiroz Oliveira

(Mestranda Pesquisadora Responsável)

Maria Lúcia Pessoa Sampaio

(Profa. Orientadora)